

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E AVALIAÇÃO
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

LILIANE DA ROCHA FARIA

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EaD: o caso do Cead/UFJF

JUIZ DE FORA

2017

LILIANE DA ROCHA FARIA

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EaD: o caso do Cead/UFJF

Dissertação apresentada como requisito parcial para a qualificação do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Liamara Scortegagna

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Faria, Liliane da Rocha.

Produção de material didático para a EaD : o caso do Cead/UFJF / Liliane da Rocha Faria. -- 2017.

137 f. : il.

Orientadora: Liamara Scortegagna

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, 2017.

1. Material didático. 2. EaD. 3. Gestão em EaD. 4. Cead. 5. UFJF.
I. Scortegagna, Liamara, orient. II. Título.

LILIANE DA ROCHA FARIA

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EaD: o caso do Cead/UFJF

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em: 19 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Liamara Scortegagna

Prof^a. Dr^a. Janae Gonçalves

Prof^a. Dr^a. Núbia Aparecida Schaper Santos

À mestra Ju, ao mestre Elisanderson e à
Eva, que nasceram na mesma data que
essa dissertação

AGRADECIMENTOS

Por dois anos eu sonhei em escrever esta página. Ela simboliza o fim de uma fase muito difícil e a conquista de um título inédito para o meu núcleo familiar, um nível educacional que eu nem esperava conseguir.

Agradeço primeiramente à minha mãe, que proveu geneticamente 80% da minha inteligência, segundo alguma pesquisa daquelas que a gente lê no Facebook e que ela se orgulhou em me mostrar. Ao meu pai, que se estivesse entre nós, falaria que o mérito é dos 20% dele. O mérito é todo de vocês, e mais do que geneticamente. Vai desde o sustento financeiro até os cafés na cama, as orações para me iluminar ou a compreensão pelos almoços que faltei por estar me dedicando aos estudos e ao trabalho. Minha mãe, a mais linda do mundo, leu essa pesquisa toda, me ajudou a fazer as correções gramaticais finais e ficou feliz em ser convidada para assistir à defesa. Tem como ser mais maravilhosa?

Ao meu amor, agradeço os chocolates jogados para me acalmar quando eu fazia tudo parecer mais complicado. Não tem nada que me descomplique mais do que seu carinho em forma de doces e corações recortados de post-it <3 À Naná, que não está lendo isso porque é uma gata, agradeço a companhia constante, as massagens nas costas e as pisadas no teclado quando era hora de parar (enquanto escrevia esse parágrafo ela roçou a carinha na tela e deitou no meu braço).

Agradeço aos familiares e amigos, que sabiam que eu estava com eles, ainda que a distância. Entre os que convivem comigo diariamente no trabalho, um agradecimento especial, pois estes influenciaram diretamente no sucesso dessa pesquisa, seja fornecendo dados ou o ombro e sorrisos em solidariedade.

Agradeço também aos gestores e professores do Cead e do Caed por todo o apoio que me deram e pela participação efetiva na pesquisa, sem o qual ela não poderia existir. Aos colegas de mestrado, agradeço o companheirismo diante das dificuldades e a torcida pelo sucesso de todos.

À minha orientadora Liamara, agradeço os ensinamentos, o carinho e a calma com que lidou com minhas dificuldades. À Diovana, Priscila e Luciana, agradeço o suporte inicial e ao Vítor o acompanhamento atencioso durante toda essa jornada.

A Deus, toda a minha humildade e gratidão por colocar todas essas pessoas ao meu redor e pelas oportunidades que tive na vida, com excelentes escolas de base que sustentaram meu crescimento para chegar à UFJF e descobrir que eu não

iria mais querer sair de lá. De graduada me tornei funcionária do Cead, servidora da instituição e agora mestre.

Dedico esse trabalho àqueles que acreditam que todos que realmente querem, merecem oportunidades como as que eu tive. Oportunidade de receberem uma educação de qualidade, seja presencialmente ou a distância, voltada para o crescimento pessoal e profissional do indivíduo e que leve ao desenvolvimento da sociedade. Que possamos diminuir as distâncias, sejam elas físicas ou sociais.

“(...) it’s no use going back to yesterday, because I was a different person then.”

Alice’s Adventures in Wonderland, Lewis Carroll

RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). O caso de gestão apresentado analisou a produção do setor de produção de materiais didáticos do Centro de Educação a Distância da UFJF (Cead/UFJF). Os materiais didáticos têm um importante papel na educação a distância, por ser um suporte à relação entre o professor e o aluno, e sua produção está prevista nos projetos políticos pedagógicos dos cursos. Neste estudo, buscamos identificar se o setor de produção de materiais didáticos poderia absorver uma demanda maior de produção e como poderia incentivar os coordenadores e professores da instituição à utilização destes recursos. Nesse sentido, a pergunta que norteia esta dissertação é: "de que forma o Cead pode potencializar a produção de material didático para a EaD?". A hipótese ora defendida é a de que o Cead e o suporte que presta aos cursos é pouco conhecido e que os professores não são incentivados a produzirem materiais, o que impacta na demanda de produção de materiais. Nosso objetivo geral foi de identificar os entraves no apoio à produção de material didático dos cursos oferecidos através do Cead. Foram propostas soluções, de maneira em que a equipe envolvida possa reunir esforços no sentido de otimizar a utilização da infraestrutura disponível para produção de materiais em prol da educação a distância e presencial. Partimos dos objetivos específicos, que foram: i) descrever o funcionamento do Cead, em especial o setor de produção de materiais e identificar se há uma baixa demanda de produção; ii) analisar os motivos da baixa demanda de produção de materiais didáticos pelo setor; iii) propor soluções para que o Cead possa otimizar a utilização da infraestrutura disponível à produção de materiais, bem como dos recursos humanos, favorecendo a educação a distância ou mesmo a presencial. Para tanto, utilizamos, como metodologia a pesquisa qualitativa e como instrumentos, entrevistas com os gestores do Cead, além de questionários enviados a professores dos cursos a distância da UFJF. Como referencial teórico, utilizamos as análises de Valente e Moran (2011), que abordam o uso de tecnologias da informação na educação e possibilidades na gestão em EaD; de Maia e Mattar (2007) que, caracterizam as tecnologias utilizadas na educação; e de Belloni (2012), Moore e Kearsley (2013) que analisam a gestão em EaD. Como alguns resultados da pesquisa, concluímos que há uma carência de qualificação específica para a EaD entre os professores e que o setor de produção de materiais didáticos do Cead poderia ser mais conhecido pelos docentes, o que leva a uma procura aquém do esperado dos serviços no órgão. A falta de tempo dos professores foi um outro motivo apontado. Com o intuito de otimizar a produção de materiais, trouxemos as seguintes propostas de intervenção: i) divulgação do setor de produção de materiais; ii) ofertas de novas possibilidades de produção; iii) capacitação para produção de materiais didáticos.

Palavras-Chave: Material Didático. EaD. Gestão em EaD. Cead. UFJF.

ABSTRACT

This dissertation was developed within the scope of the Professional Master in Management and Evaluation of Education (PPGP) of the Center for Public Policies and Education Evaluation of the Federal University of Juiz de Fora (CAEd / UFJF). The management case presented was aimed at analyzing the production of the didactic material production sector of the UFJF Distance Education Center (Cead / UFJF). The teaching materials have an important role in distance education, as it supports the relationship between the teacher and the student, and their production is foreseen in the pedagogical political projects of the courses. In this study, we tried to identify if the teaching materials production sector could absorb a greater production demand and how it could encourage the coordinators and teachers of the institution to use these resources. In this sense, the question that guides this dissertation is: "In what way can Cead potentialize the production of didactic material for distance education?". The hypothesis defended here is that Cead and the support provided to the courses are little known and that teachers are not encouraged to produce materials, which impacts the demand for production of materials. Our general objective was to identify obstacles in support of the production of didactic material of the courses offered through Cead. Solutions have been proposed so that the team involved can combine efforts to optimize the use of the infrastructure available for the production of materials for the benefit of distance and face-to-face education. We started with specific objectives, which were: i) to describe the operation of Cead, especially the material production sector and to identify if there is a low production demand; ii) analyze the reasons for the low demand for production of didactic material by the sector; iii) propose solutions so that Cead can optimize the use of available infrastructure to produce materials, as well as human resources, favoring distance education or even face-to-face. In order to do this, we used qualitative research methodology and instruments as interviews with the managers of Cead, as well as questionnaires sent to professors of the UFJF distance courses. As a theoretical reference, we used the analyzes of Valente and Moran (2011), which address the use of information technologies in education and possibilities in the management of distance education; Maia and Mattar (2007), which characterize the technologies used in education; and Belloni (2012), Moore and Kearsley (2013) who analyze the management in distance education. For some results of the research, we conclude that there is a lack of specific qualification for distance education among the teachers and that the sector of production of didactic materials of the Cead is not widely known by the teachers, which leads to a low demand of the services in the organ. The teachers' lack of time was another reason. In order to optimize the production of materials, we have brought the following intervention proposals: i) dissemination of the material production sector; (ii) offers of new production possibilities; iii) training for the production of didactic materials.

Keywords: Didactic material. Distance Education. Management in Distance Education. Cead. UFJF.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Oferta de cursos regulamentados totalmente a distância, por nível acadêmico (em números absolutos)	21
Gráfico 2 - Oferta de cursos semipresenciais, por nível acadêmico (em números absolutos)	22
Gráfico 3 - Faixas etárias dos cursos presenciais e a distância (%).....	22
Figura 1 - Fluxograma da produção de materiais didáticos no Cead.....	35
Figura 2 - Fluxograma da produção de artes gráficas no Cead.....	36
Figura 3 - Fluxograma da produção audiovisual no Cead.....	37
Figura 4 - Fluxograma de produção de mídia interativa no Cead.....	37
Figura 5 - Fluxograma de produção de mídia escrita no Cead.....	38
Gráfico 4 - Materiais cadastrados no ROA (2008-2016)	48
Gráfico 5 - Cursos divulgados pelo Cead (2011-2016)	48
Gráfico 7 - Faixa etária dos pesquisadores	66
Gráfico 8 - Tempo de atuação do docente no ensino presencial	67
Gráfico 9 - Tempo de atuação do docente na EaD.....	68
Gráfico 10 - Formação do docente na área de EAD.....	69
Gráfico 11 – Formas de conhecimento sobre a produção de materiais didáticos pelo Cead.....	73
Gráfico 12 – Motivos da não utilização do setor de produção de materiais didáticos do Cead	75
Gráfico 13 – Qualidade dos materiais didáticos produzidos pelo Cead.....	76
Gráfico 14 – Classificação da infraestrutura do setor de produção de materiais didáticos do Cead	77
Gráfico 15 – Classificação da prestação de serviços do setor de produção de materiais do Cead.....	78
Gráfico 16 – Intenção de procurar o Cead para produção de materiais didáticos.....	78
Gráfico 17 – Motivos dos docentes não procurarem o Cead para a produção de materiais didáticos	79
Gráfico 18 – Tipo de material didático que os professores produziram no Cead.....	80
Gráfico 19 – Prazo do Cead para entrega dos materiais didáticos	81
Gráfico 20 – Facilidade para disponibilizar materiais didáticos no Moodle UFJF	82
Gráfico 21 – Aparência do Moodle UFJF.....	83

Gráfico 22 - Materiais que os professores utilizam em suas aulas.....	85
Gráfico 23 - Materiais produzidos pelos próprios professores.....	87
Gráfico 24 – Periodicidade com que o professor produz materiais.....	92
Gráfico 25 – Como o docente produz o material	94
Gráfico 26 – Necessidade do auxílio de um designer instrucional para a produção de materiais didáticos para a EaD.....	94
Gráfico 27 – Tipos de materiais didáticos que os professores buscam para estudar.....	96
Gráfica 28 – Classificação dos tipos materiais quanto à eficácia no aprendizado do aluno em EaD	98
Quadro 1 - Divulgação do setor de Produção de Materiais	109
Quadro 2 – Oferta de novas formas de apoio à produção de material	111
Quadro 3 – Capacitação para Produção de Materiais didáticos	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Quantitativo de funcionários do setor de produção de materiais didáticos (2010-2016)	40
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cead	Centro de Educação a Distância
EaD	Educação a Distância
ICBG	Instituto de Ciências Biológicas e Geociências
ICE	Instituto de Ciências Exatas
ICHL	Instituto de Ciências Humanas e Letras
IES	Instituições de Educação Superior
Ipaes	Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
Nead	Núcleo de Educação a Distância
NTIC	Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação
Reuni	Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
ROA	Repositório de Objetos de Aprendizagem
Seed	Secretaria de Educação a Distância
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sirena	Sistema Rádio-Educativo Nacional
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPR	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. GESTÃO EM EaD: A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS	21
1.1. Definições para a educação a distância	21
1.2. A Educação a distância no Brasil.....	25
1.3. A Educação a Distância nas universidades	30
1.4. A Educação a distância na UFJF	37
1.5. O Centro de Educação a Distância da UFJF	40
1.5.1. A Produção de material didático no Cead.....	42
1.5.2. A Demanda pela produção de materiais didáticos.....	50
2. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DO CASO.....	55
2.1. Referencial Teórico.....	56
2.1.1. Gestão da EaD no Ensino Superior	56
2.1.2. Demanda na EaD por materiais didáticos.....	58
2.2. Proposta Metodológica	61
2.3. Gestão Da Ead No Ensino Superior	65
2.3.1. Perfil dos professores	66
2.3.2. Capacitações	71
2.3.3. A importância do setor de produção de materiais dentro do Cead	74
2.3.4. Importância do material autoral	84
2.4. Demanda na EaD por materiais didáticos	90
2.4.1. Dificuldades	101
3. PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL	107
3.1. Publicidade	109
3.2. Agilidade	111
3.3. Capacitação	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	123

ANEXO A	121
ANEXO B	Error! Bookmark not defined.
ANEXO C	134

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) possui potencial para promover a interiorização da educação e a autonomia do aluno para estudar em horários diversos, e sem necessidade do deslocamento a um local distante. No caso do ensino superior ou pós-graduação a modalidade de educação a distância é uma opção para as pessoas que trabalham e têm horário restrito para estudo, ou que moram em lugares de difícil acesso. A EaD também é uma opção para aqueles que acham mais prático controlar o próprio ritmo de estudos.

A autonomia trazida pelo estudo a distância, no entanto, tem seu lado desafiador. Nessa modalidade de ensino o aluno precisa ter uma postura ativa e deve pesquisar, questionar e discutir os assuntos estudados com os colegas no ambiente virtual. Assim, a produção textual é constante, e deve seguir regras que fogem à informalidade dos encontros casuais. A administração do tempo, se não receber a devida atenção, pode ser prejudicada, ficando o aluno em atraso com a entrega de trabalhos e com a participação nos fóruns.

Moran (2011, p. 50) identifica e diferencia dois modelos predominantes de EaD aplicados ao ensino superior no Brasil. No primeiro, a aula segue o modelo presencial, mas o professor grava a aula que será transmitida aos alunos por vídeo, e, além disso, há atividades e leituras. Em um segundo modelo, o professor elabora um material escrito de forma dialogada, acompanhado do trabalho de tutores presenciais e virtuais que auxiliam os alunos nos polos. Moran (2011) também sustenta que a educação a distância ainda é vista com preconceito pela sociedade, mas vem crescendo em importância no Brasil. A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), por exemplo, é credenciada a oferecer cursos superiores a distância desde 2006.

Na UFJF, o Centro de Educação a Distância (Cead) é o setor responsável pela prestação de assessoria à oferta de cursos de graduação e pós-graduação a distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – programa do governo para ampliar e interiorizar o acesso ao ensino superior por meio da EaD. O Cead conta com uma infraestrutura composta de estúdios e equipamentos para produção de videoaulas e materiais multimídia, para disponibilização em plataforma virtual. Assim, as atividades *online* são realizadas em ambiente virtual, pela Plataforma *Moodle*, com o uso de fóruns, *chats*, vídeos e *e-mails*. É preciso ressaltar que o

Cead também organiza cursos de capacitação a distância em parceria com outros órgãos, mas o maior volume de trabalho do setor é atrelado à UAB.

O Cead foi institucionalizado como órgão suplementar da UFJF em 2010 (CONSU/UFJF, 2010), e era conhecido, desde 2005, como Núcleo de Educação a distância (Nead). A princípio, o Nead assessorava apenas dois cursos – Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Pedagogia (Séries Iniciais do Ensino Fundamental) – por meio de convênios com prefeituras da Zona da Mata Mineira. Em 2005, com a implantação da UAB, o Nead passou a assessorar os cursos de Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Administração, por meio do Edital UAB/1. A partir de 2006, com o Edital UAB/2, o Nead passou a assessorar também as Licenciaturas em Matemática, Física e Enfermagem e as pós-graduações *lato sensu* em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para pessoas com Deficiência; Gestão Pública Municipal Integrada, Tecnologias de informação e Comunicação no Ensino Fundamental e Gestão do Meio Ambiente: Educação, Direito e Análise Ambiental (CEAD, 2016).

A produção e disponibilização de material didático para a educação a distância no Cead é um trabalho que vem sendo feito por um setor específico para isso desde 2010, com a criação de uma equipe multidisciplinar formada por profissionais de áreas como: comunicação, artes, pedagogia, administração e ciências da computação. Os profissionais trabalham em conjunto com os professores dos cursos a distância, quando solicitados por estes e com anuência da coordenação do curso.

O planejamento de aulas dessa modalidade é importante para o sucesso na execução dos recursos educacionais, quais sejam: videoaulas, apostilas ou apresentações, recursos estes que levam maior tempo de produção do que a preparação de uma aula dos cursos presenciais, visto que o professor deve organizar o conteúdo com antecedência objetivando a gravação dos vídeos e diagramação das apostilas e *slides*. Por ser um trabalho que depende da demanda dos professores, a produção de materiais é um desafio para o Cead, que deve administrar as demandas que chegam de acordo com a capacidade de recursos humanos e de infraestrutura. Sendo assim, com a volatilidade da demanda por produção de materiais, a pergunta norteadora desse caso de gestão é: “de que forma o Cead pode potencializar a produção de material didático para a EaD?”

A presente pesquisa tem o objetivo geral de identificar os entraves no apoio à produção de material didático dos cursos a distância oferecidos pela UFJF apoiados pelo Cead, buscando situar onde estão as maiores dificuldades do setor e propor soluções, de maneira em que a equipe envolvida possa reunir esforços no sentido de otimizar a utilização da infraestrutura disponível para produção de materiais em prol da educação a distância e presencial. Para alcançar este intento, foram definidos os seguintes objetivos específicos: i) descrever o funcionamento do Cead, em especial o setor de produção de materiais e identificar se há uma baixa demanda de produção; ii) analisar os motivos da baixa demanda de produção de materiais didáticos pelo setor; iii) propor soluções para que o Cead possa otimizar a utilização da infraestrutura disponível à produção de materiais, bem como dos recursos humanos, favorecendo a educação a distância ou mesmo a presencial.

O envolvimento profissional da pesquisadora com o Cead teve início em 2011, quando foi selecionada para ser “mídia designer”¹ em um projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) para Fomento ao Uso das Tecnologias de Comunicação e Informação nos cursos de graduação. Com formação em Comunicação Social pela UFJF (2007), e especialização em Artes Visuais pelo Senac/MG (2011), e por ter prática em diferentes fases da produção de vídeos e impressos, a pesquisadora começou exercendo funções diversas no Cead: diagramava apostilas, criava identidades visuais e *layouts* de *slides* para compor apresentações e DVD-ROMs, assim como editava videoaulas. Foi contratada, em 2012, por firma terceirizada à universidade para continuar seus trabalhos no mesmo setor, e, em 2014, após ser aprovada em concurso público, tomou posse como servidora da instituição. Atualmente (2017), a pesquisadora coordena o setor de produção de material do Cead, que, além dela, que concentra hoje o trabalho na gestão da equipe, design e finalização de vídeos, conta com dois cinegrafistas/editores. Desde que entrou no setor até o presente momento (2011-2017) a pesquisadora acompanhou seis trocas de direção do Cead e sete coordenações do setor de produção. A cada troca de gestão novos procedimentos são adotados, impactando na divulgação dos serviços prestados pelo

¹ Denominação criada no setor de produção de materiais do Cead para um profissional que pudesse trabalhar com as diversas mídias, seja editando vídeos ou diagramando apostilas, colaborando com ilustrações e gravações.

Cead junto aos coordenadores e professores dos cursos atendidos e na contratação de pessoal.

Propusemos analisar neste estudo que o Cead é capaz de atender uma demanda de produção de materiais maior do que a atual, e partimos da hipótese de que o setor de produção de materiais não é conhecido por todos os professores, e que eles não são incentivados a produzirem materiais, o que poderia ser um dos motivos para a baixa demanda. Para tanto, utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa, e como instrumentos, a realização de entrevistas com os gestores do Cead e a aplicação de questionários aos professores dos cursos a distância da UFJF. Como referencial teórico utilizamos as reflexões de Valente e Moran (2011), que abordam o tema das tecnologias da informação na educação, sugerindo caminhos na gestão em EaD. Por fim, úteis foram as análises de Belloni (2012), Moore e Kearsley (2013), que analisam a gestão em EaD. Analisamos os dados obtidos em pesquisa de campo por dois eixos, que são: a gestão da produção de materiais e a demanda dessa produção. Do ponto de vista da gestão, pudemos tentar identificar onde existem falhas de comunicação ou de administração, além de percebermos limitações. Já através da análise da demanda dessa produção de materiais, pudemos ver a real necessidade de se produzir os materiais didáticos, o interesse dos professores e os motivos que levam a uma baixa demanda.

Para apresentar as reflexões desse estudo, a dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo 1, abordamos os aspectos que caracterizam a modalidade de educação a distância, e que a diferenciam da educação presencial. Buscamos descrever o contexto da EaD partindo de um recorte mais amplo, ao abarcar a EaD no Brasil, passando pela inserção da modalidade nas Instituições Federais de Ensino Superior, e apresentando o Centro de Educação a Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir desta descrição discorreremos sobre a produção de materiais didáticos no Cead, descrevendo os entraves relativos à produção de materiais existentes no setor.

O segundo capítulo é constituído por três seções. Na primeira seção, destinada ao referencial teórico, elucidamos conceitos que pautaram a análise dos dados. Revisamos as tecnologias e materiais didáticos para a EaD de forma mais aprofundada, com embasamento em textos de autores que estudam a autonomia propiciada ao aluno e o envolvimento das TICs no processo de ensino-aprendizagem, tais como Valente e Moran (2011) e Maia e Mattar (2007), e

analisamos a produção de material didático na modalidade a distância, especificamente sobre os objetos de aprendizagem; os ambientes virtuais de aprendizagem; as videoaulas; *podcasts*; materiais impressos e multimídia. Para isso, nos pautamos nos estudos de Moore (2013), bem como de Belloni (2012). O foco é a gestão da EaD no que se refere à produção de materiais.

Na segunda seção, é apresentada a metodologia de estudo e os instrumentos de pesquisa de campo. Temos, como proposta metodológica a pesquisa qualitativa, através da realização de entrevistas com gestores que estão ou já estiveram envolvidos com o Cead; assim como a aplicação de um questionário aos professores dos cursos de EaD.

A terceira seção trouxe a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo. Organizamos o estudo em dois eixos de análise: o primeiro voltado para a Gestão do Cead e a segunda focando na relação que os professores dos cursos a distância têm com a produção de materiais no Cead.

Finalizamos esta pesquisa com a proposta de intervenção apresentada no terceiro capítulo. Após a descrição do caso e análise dos resultados dos levantamentos de dados, leitura de documentos e entrevistas, sugerimos de forma objetiva, um Plano de Ação Educacional visando potencializar a produção de materiais didáticos no Cead/UFJF.

1. GESTÃO EM EaD: A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

O objetivo deste capítulo é descrever o caso de gestão, mais especificamente o funcionamento do Cead, em especial o setor de produção de materiais. A intenção é apresentar o contexto e as evidências de uma situação problema que tem a seguinte pergunta norteadora: de que forma o Cead pode potencializar a produção de materiais didáticos para a EaD? Para tanto, nesse capítulo, inicialmente, são apresentadas as características da EaD no país com foco no ensino superior. Também são comparados dados da EaD com os do ensino presencial, de forma a enfatizar a importância de estudos sobre essa modalidade, especialmente no que se refere à produção de materiais, foco desse estudo. Apresentamos a inserção da UAB como programa incentivador da EaD na UFJF, e a institucionalização do Cead enquanto centro de apoio à EaD na instituição. Finalizamos o capítulo com uma descrição do setor de produção de materiais do Cead, de forma a apresentar sua estrutura física, equipamentos disponíveis e equipe ao longo dos anos do setor. A partir da estimativa do potencial de produção da equipe, buscamos apontar obstáculos vivenciados no setor que dificultam seu crescimento e que configuram o caso de gestão.

1.1. Definições para a educação a distância

Para compreender a produção de materiais didáticos para a EaD, é relevante conceituarmos o que caracteriza esta modalidade de ensino. Moore e Kearsley (2013, p.2) adotam a seguinte definição: "Educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização institucional especial". A legislação brasileira traz conceituação semelhante à de Moore e Kearsley (2013) na Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016, que estabelece diretrizes e normas nacionais para a oferta de programas e cursos de educação superior na modalidade a distância:

Art. 2º Para os fins desta Resolução, a educação a distância é caracterizada como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre

com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, de modo que se propicie, ainda, maior articulação e efetiva interação e complementariedade entre a presencialidade e a virtualidade “real”, o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede, envolvendo estudantes e profissionais da educação (professores, tutores e gestores), que desenvolvem atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos. (BRASIL, 2016)

Podemos perceber que tanto a definição dos autores supracitados quanto a da legislação brasileira envolve lugares diferentes para professor e aluno, além da mediação por tecnologias. Já Maia e Mattar (2007) apontam que é preciso pensar educação a distância em um aspecto mais amplo, para além das tecnologias atuais, ocorrendo, por exemplo, com materiais impressos e recebidos pelo correio. Neste caso, distingue-se essa EaD, em que há uma forma de comunicação entre professor e aluno distantes no tempo e espaço, da “EaD *online* (uma de suas divisões), que é também denominada *e-learning*, *online learning*, *virtual learning*, *networked learning* ou *web-based learning*” (MAIA; MATTAR, 2007, p.8), na qual concentraremos esse estudo, já que é a utilizada na UFJF.

Moran e Valente (2011) também discutem a definição de EaD. Valente levanta o questionamento acerca de uma possível banalização da modalidade, devido à grande variedade de aplicações da educação a distância, como: “[...] educação continuada, treinamento em serviço, formação supletiva, formação profissional, qualificação docente, especialização acadêmica e complementação dos cursos presenciais” (VALENTE; MORAN, 2011, p.89). Já Moran, reconhece a dificuldade de uma definição da EaD devido à variedade de metodologias, conteúdos e atividades, que podem, inclusive, ser parte de um curso presencial. O autor, por fim, define EaD da seguinte forma:

Para mim, em sentido amplo, EaD é toda atividade de ensino e aprendizagem que não acontece na presença física do professor com seus alunos. Assim, todas as atividades realizadas em casa por alunos de cursos presenciais são a distância, e todos estão desde pequenos fazendo atividades a distância. Em sentido mais restrito, EaD são os processos de ensino e aprendizagem que se utilizam mais de tecnologias de comunicação do que da presença física e permitem maior flexibilidade de tempos, espaços e formas de ensinar e aprender que independem da presença física ou a integram em

momentos pontuais, mas não necessários. (VALENTE; MORAN, 2011 p.90)

A EaD, apesar de sua diferenciação por uso de tecnologias e flexibilidade de tempo e espaço, tem, portanto, o mesmo desafio da educação presencial, ou seja, o de oferecer informação e possibilitar ao aluno a construção do conhecimento. Valente (2011) sustenta que a maior parte do que está sendo feito em EaD tem como enfoque a transmissão de informação, em detrimento da construção de conhecimento, que depende, em maior grau, de uma interação entre o aprendiz e outras pessoas. Valente (2011) analisa os três grupos em que Keegan (1996) dividiu as teorias sobre EaD: Teorias de independência e autonomia; Teorias de industrialização do ensino; e Teorias de interação e comunicação. Apresentando de forma resumida os três grupos, temos, no primeiro, a autonomia proposta por Wedemeyer (1977), que está mais presente nos cursos do ensino superior, para aprendizado externo ao *campus*. Para Moore e Kearsley (2013), a autonomia está relacionada a uma maior responsabilidade para com as atividades da educação. Já no segundo grupo, a industrialização do ensino foi proposta por Peters (2001), devido ao grande número de alunos que são atendidos na modalidade EaD de modo simultâneo, o que implicaria, para o autor, em uma produção em massa, com automação, divisão de trabalho e mecanização, como uma indústria. No terceiro grupo está a "Conversação didática guiada", denominação dada por Holmberg (1995), voltada para o ritmo do aluno, com pertencimento e cooperação entre ele e a instituição de ensino.

Outros autores, como Maia e Mattar (2007) destacam alguns pontos históricos da educação como marcos para a EaD. O primeiro seria o método Montessori, do final do século XIX, que coloca o professor como um facilitador da aprendizagem e o aluno como determinante da ordem de estudos. Em seguida, os autores chamam atenção para os estudos tecnicistas da metade do século XX, desenvolvidos principalmente nos Estados Unidos, em que a educação era "[...] centrada no planejamento, na organização, na direção e no controle das atividades pedagógicas, que incentiva a utilização de diversas técnicas e instrumentos de aprendizagem, entre eles recursos audiovisuais e computadores" (MAIA; MATTAR, 2007, p. 3). O construtivismo, relativo às obras de Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1896-1934), por sua vez, é considerado pelos autores como um importante

movimento para a EaD, já que a interação entre o aluno, objetos e o outro são fundamentais para o conhecimento.

O conceito de EaD pode também ser desmembrado em separações entre o professor e o aluno, que podem ou não ocorrer simultaneamente. Há, a princípio, a separação no espaço, que permite que não seja necessária a presença física de nenhuma das partes em sala de aula, o que expande os horizontes da educação e facilita o acesso a ela. Há ainda encontros presenciais, neste caso caracterizando a modalidade como semipresencial.

Outra separação possível entre o professor e o aluno na EaD é a relativa ao tempo. Há casos em que a transmissão é simultânea, seja em *chats*, videoconferências ou webconferências, mas em outros, como em fóruns de ambientes virtuais de aprendizagem, videoaulas, apresentações multimídia ou materiais textuais, o aluno pode acessar o conteúdo no horário mais cômodo, dentro de um prazo previamente determinado. Moran (2011) sustenta que a EaD ainda é pautada no modelo presencial, seguindo a mesma duração dos cursos, ainda que seja outra modalidade, em que seria possível aprender em tempos mais curtos.

Sobre a discussão sobre o tempo na EaD, também Maia e Mattar (2007) indicam que é preciso refletir sobre o tempo real e o virtual, já que a EaD toma para si o planejamento temporal do ensino presencial. Conforme os autores:

O tempo virtual difere sensivelmente do tempo real (assim como o tempo real é distinto do tempo do inconsciente, por exemplo). Logo, seria necessário respeitar a especificidade do tempo virtual em EaD em vários sentidos. Na superação da idéia das horas-aula, por exemplo. Também no uso dos recursos de tempo diferido, da comunicação assíncrona; porque insistir em atividades síncronas significa insistir no tempo presencial, em que todos precisam estar presentes nos mesmo horário, enquanto a EaD possibilita a comunicação diferida. E também no respeito ao tempo de aprendizado de cada aluno, pois os seres humanos progridem em ritmos próprios e, muitas vezes, bastante diferentes uns dos outros no processo de aprendizagem. Por fim, ainda, no respeito ao uso do tempo diferenciado por parte dos alunos: estudar mais em alguns momentos, menos em outros. E assim por diante. (MAIA e MATTAR, 2007, p.07)

Com base nas reflexões de Maia e de Mattar (2007), é possível inferir que a EaD tem a capacidade de atingir um público amplo. E em um país como o Brasil, que possui grandes distâncias geográficas e diversidades econômicas, a

modalidade pode ser vista com potencial para a promoção da justiça social, já que a EaD facilita o acesso a pessoas com dificuldade de locomoção por motivos diversos, como: deficiência física, falta de recursos financeiros para se deslocar para outra cidade onde estão concentrados os cursos, ou ainda, que tenham dificuldades quanto à falta de tempo, uma vez que o horário de trabalho ou de cuidar de filhos e familiares impossibilitaria a frequência a cursos presenciais. Ao permitir educação a quem não conseguiria chegar a ela de outra forma, a EaD pode colaborar para o desenvolvimento social e para a melhoria da qualidade de vida dessas famílias, bem como interiorizar o ensino, permitindo menor êxodo das cidades do interior para os grandes centros urbanos, além da qualificação profissional local.

Com o objetivo de apresentar a contextualização da EaD no país, o que facilitará o entendimento sobre como a EaD é utilizada na UFJF, veremos, na seção seguinte, como se deu o desenvolvimento deste modelo no Brasil, mais especificamente no ensino superior.

1.2. A Educação a distância no Brasil

A história da educação a distância no mundo está diretamente relacionada à escrita, uma vez que sociedades primitivas, que se comunicavam apenas oralmente, necessitavam de pessoas presentes em um mesmo lugar para que houvesse troca de informações. Para Maia e Mattar (2007, p.21), as pinturas dos homens das cavernas nas paredes ensaiavam uma comunicação a distância. As cartas de Platão e as Epístolas de São Paulo seriam exemplos isolados de um início de uma educação a distância, que se efetivou realmente por volta do século XIX, com o desenvolvimento dos meios de transporte e correios, permitindo emergirem cursos impressos por correspondência.

A educação a distância no Brasil teve início com cursos pagos, por correspondência, oferecidos em jornal. Foram as chamadas “Escolas Internacionais”, em 1904, partindo da iniciativa privada norte-americana, com cursos oferecidos, inicialmente, em espanhol (MAIA e MATTAR, 2007, p.24). Porém, o amadurecimento da EaD no país, com a utilização de tecnologias modernas, teve início com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada em 1923 pelo médico e professor de Antropologia do Museu Nacional, Edgard Roquette Pinto, e o

engenheiro e também professor Henrique Morize, ambos membros da Academia Brasileira de Ciências, com o intuito de difundir assuntos culturais e científicos. A rádio, de iniciativa privada, sem fins lucrativos, foi posteriormente doada, em 1936, ao Ministério da Educação e Cultura (MOREIRA; MASSARANI, 2001).

Em suas análises, Horta (1972) ressalta o caráter elitista da programação da rádio, com assuntos científicos e literários que exigiam um conhecimento cultural prévio do ouvinte, de difícil entendimento. Cientistas ilustres estiveram na Rádio Sociedade, como Marie Curie e Einstein, que visitou as instalações da rádio em 1925, e transmitiu a seguinte saudação, traduzida pelo professor Mario Saraiva, onde podemos encontrar reflexões acerca da educação a distância:

Após minha visita a esta Rádio Sociedade, não posso deixar de, mais uma vez, admitir os esplêndidos resultados a que chegou a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização. É verdade que o livro também o poderia fazer, e o tem feito; mas não com a simplicidade e a segurança de uma exposição cuidada e ouvida de viva voz. O livro tem de ser escolhido pelo leitor, o que por vezes traz dificuldades. Na cultura levada pela radiotelefonía, desde que sejam pessoas qualificadas que se encarreguem das divulgações, quem ouve recebe além de uma escolha judiciosa, opiniões pessoais e comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão: esta é a grande obra da Rádio Sociedade. (EINSTEIN, 1925, *apud* A Pátria, 1925, tradução Mario Saraiva)

No entanto, havia uma distância entre a teoria e a prática, como o desinteresse popular na programação da Rádio. O Plano de Roquette Pinto, como visto por Horta (1972), era de haver uma grande Rádio-escola em cada capital do país, por iniciativa do Governo Federal. Essas deveriam apontar o caminho a ser seguido para rádios municipais, nas cidades do interior, com programas educativos. Percebe-se, já neste plano, o caráter institucional da educação a distância, em que é fundamental uma coordenação, disponibilização de recursos, descentralização e mobilização da sociedade.

Em 1933, sob a direção de Roquette Pinto, foi fundada a Rádio-escola Municipal do Distrito Federal, PRD-5, que marcou o contato direto emissora-radiouvinte, através da distribuição de lições enviadas antes das aulas, pelos Correios, às pessoas inscritas. Os alunos enviavam à emissora, em resposta, os trabalhos desenvolvidos, e mantinham o contato por carta, telefone ou visitas (HORTA, 1972). Em 1941, a PRD-5 recebeu 20.437 trabalhos. Para Horta, a

metodologia, voltada para a linguagem da rádio, foi uma das causas do sucesso alcançado. Professores usavam músicas para ilustrar, perguntas e respostas durante a aula e questionários, para controlar o aproveitamento do aluno.

Ainda em 1941 teve início o "Universidade do Ar", um projeto para transmissão de conhecimentos técnicos em cursos profissionalizantes, através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro (LOPES, 2011). O projeto era voltado a atender professores do Ensino Secundário de todo o Brasil, com os objetivos principais de oferecer a eles meios para aprimorar a metodologia de ensino e de avaliações, além de oferecer bibliografias para os professores. No primeiro ano foram 4.829 matrículas nos cursos, que eram gratuitos, mas a evasão veio em seguida. Segundo Horta (1972):

Em 1943, o número de matrículas nos vários cursos da Universidade do Ar havia decaído para 1548. Foram entregues apenas 286 certificados de aproveitamento.

A causa da diminuição da matrícula e do pouco aproveitamento foi, em parte, segundo Álvaro Salgado, a não adaptação do corpo docente à didática especial de uma aula dada pelo rádio. (HORTA, 1972, p. 96)

Em uma outra iniciativa, por esforço conjunto do Senac e do Sesc de São Paulo, a Universidade do Ar visava levar educação aos profissionais do comércio das classes comerciárias. Neste caso, os alunos se reuniam em núcleos de recepção, organizados para ouvirem as aulas e debaterem o que foi apresentado, com a presença de um professor-assistente, que recebia orientações para auxiliar os alunos, bem como exercícios a serem aplicados. A avaliação de aproveitamento era através de provas objetivas, realizadas no núcleo. Horta (1972) associa o sucesso do projeto à existência dos núcleos, de forma que, ao permitirem alunos de "recepção livre", que poderiam ouvir as aulas de suas casas, o número de concluintes caiu, com 51% de reprovação, enquanto que entre os participantes dos núcleos havia 90% de aprovação. Conforme o pesquisador:

Apesar disto, em 1951, ao lado de uma grande ampliação da cobertura da Universidade do Ar e da introdução de novos melhoramentos na técnica rádio-pedagógica, por motivos vários foram suspensos todos os núcleos de recepção organizada e todos os alunos passaram a ser "ouvintes livres". O número de diplomados neste ano foi de 2206. Este número caiu para 741 em 1952. Em 1953 houve uma tentativa de restabelecimento dos núcleos de recepção organizada, a qual começou a produzir efeito no ano seguinte, no qual o número de diplomados se elevou a 1208. (HORTA, 1972, p. 98)

Em 1957 foi proposta a criação do Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena), com o objetivo de combater o analfabetismo e elevar o nível social da população, com a produção de 1.511 programas elaborados e gravados em 1961. O Sirena, no entanto, foi extinto e incorporado à Rádio Educadora de Brasília, em 1963, possivelmente por ser um organismo estatal, sujeito a mudanças políticas, ou por preocupações em excesso com instalações de emissoras e produção de discos, em detrimento dos recursos humanos e controle dos resultados, como avalia Horta (1972).

Já na década de 1960 foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), criado pelo Governo Federal e expandindo às escolas radiofônicas do Rio Grande do Norte, com o objetivo de alfabetizar a população do Norte e Nordeste (CASTANHEIRA; PAIM; DINIZ, 2013). A organização do sistema era em três níveis: nacional, estadual e local, com monitores para realizarem, junto aos alunos, as atividades do trabalho educativo. Em 1962, o número de alunos concluintes chegou a 111.066 (HORTA, 1972, p. 110).

Já o Projeto Minerva foi criado em 1970, por um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, com o objetivo de educar e incluir socialmente adultos. O programa de 30 minutos era de transmissão obrigatória para todas as emissoras do país. Para Lopes (2011), o projeto, que durou até os anos 1980, pecava por ter uma “programação sisuda, que transformava a experiência de ouvir rádio em algo enfadonho e cansativo, o que logo rendeu ao Minerva o apelido de ‘Me Enerva’”.

A educação, que esteve desde o início presente na programação da rádio no Brasil, só chegou à televisão anos após de sua primeira transmissão, que ocorreu em 1950, com a fundação da TV Tupi. Segundo Lopes (2011):

[...] a primeira emissora educativa a entrar no ar foi a TV Universitária de Pernambuco, em 1967. Entre a inauguração dessa emissora e o ano de 1974, outras nove TVs educativas surgiram – 3 ligadas ao Ministério da Educação e outras 6 a secretarias estaduais de educação, comunicação ou cultura. (LOPES, 2011, p. 11)

No final da década de 70 teve início o supletivo de 1º e 2º graus, de iniciativa da Fundação Roberto Marinho. A transmissão do programa pela TV, contava com

atores famosos e era acompanhada de fascículos impressos, onde o aluno poderia comprar nas bancas de jornais e, posteriormente, se submeter a provas aplicadas pelo governo para obter o diploma do ensino fundamental ou médio. A partir de 1995, o programa passou a se chamar Telecurso 2000, e passou a contar com salas de aula, denominadas de Telessalas, equipadas com televisão, instaladas em associações de moradores, escolas ou igrejas, através de convênios entre a Fundação, governos e instituições públicas e privadas. Estima-se, segundo o site do programa (PORTAL GLOBO, 2017), que há cerca de 32 mil salas de aula do Telecurso no Brasil e que foram mais de 7 milhões de estudantes beneficiados.

Em 1991 o programa “Jornal da Educação” estreou na TV Educativa do Rio de Janeiro, com programação em horário nobre, voltada para formação continuada e aperfeiçoamento de professores. Em 1992 passou a se chamar “Um Salto para o Futuro”, passando a ser exibido pela TV Escola, em 1996. Com programas ao vivo, permitia a interação entre os professores presentes nas telessalas com a mediação de um orientador presencial.

O ano de 1996 foi um marco para a educação a distância no Brasil. Em 27 de maio, pelo Decreto Nº1.917, que reorganizou a estrutura do Ministério da Educação (MEC) foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED). Em dezembro do mesmo ano a EaD foi oficialmente normatizada no país, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como LDB, (Lei n. 9.394, de 1996) e é atualmente regulamentada pelo Decreto Nº 5.622, de 2005.

Na mesma década de 1990, em países como França, Espanha, Portugal, China, Turquia, dentre outros, governos e empresas privadas começaram a se interessar nas experiências de universidades abertas de educação a distância, influenciados pelo modelo da *Open University*² britânica, fundada em 1969 (MAIA E MATTAR, 2007, p. 22). No Brasil, no entanto, a modalidade a distância só foi aplicada em larga escala no ensino superior na década seguinte, como veremos na seção a seguir.

² Universidade aberta do Reino Unido, pública, a distância e com o maior número de estudantes de graduação do Reino Unido.

1.3. A Educação a Distância nas universidades

Segundo estudo técnico do Instituto de Pesquisas e Administração da Educação (Ipaee), há aproximadamente 450 unidades de ensino no Brasil que adotam EaD em seus projetos pedagógicos, e cerca de 80% destes são para o ensino superior³ (IPAEE, 2016, p. 3). Segundo o Ipaee, as primeiras instituições de ensino superior credenciadas para a programas de educação a distância no país foram: a Universidade Federal do Pará (UFPR) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1998. A maior expansão aconteceu em 2016, quando 65 instituições foram credenciadas.

Podemos contabilizar, por consulta ao e-MEC, base de dados oficial e única de informações relativas às Instituições de Educação Superior (IES) do país, que existiam em 2016, 2.747 IES cadastradas e ativas. (e-MEC, 2017). Não há como gerar um relatório em que sejam destacadas as IES que oferecem cursos por EaD, mas cruzando informações com os relatórios do Ipaee, em que aparecem 388 IES credenciadas para programas de EaD, podemos concluir que aproximadamente 14% das IES estão envolvidas com educação a distância, e destas, quase a metade (149) são universidades⁴ (IPAEE, 2016).

Para que possamos visualizar melhor esses dados, precisamos definir como se dão estes cursos a distância. Para isso, trouxemos algumas definições para cursos EaD. Abordamos aqui sobre o Censo EaD.BR, Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil, publicação anual que investiga a EaD no Brasil por meio de informações, tanto de Instituições credenciadas pelo Sistema Nacional de Educação de todos os níveis, quanto de Instituições educacionais formais e informais que oferecem cursos livres; de educação corporativa e empresas fornecedoras de produtos e serviços de EaD. O Censo traz os seguintes conceitos, para cursos: totalmente a distância, semipresenciais, EaD livres e EaD livres corporativos:

³ Primeiramente, devemos observar que a educação básica no Brasil pode utilizar o ensino a distância. O art. 30 do regulamento dado pelo Decreto 5.622 limita, no entanto, o ensino a distância no nível fundamental e médio a casos de complementação de aprendizagem ou em situações emergenciais, tais como: impedimentos de acompanhar o ensino presencial por motivo de saúde; o aluno seja portador de necessidades especiais e necessite de serviços especializados de atendimento; esteja no exterior, viva onde não exista escolas presenciais, em regiões de fronteira ou esteja preso.

⁴ Das 388 IES cadastradas para programas de EaD, 149 são universidades.

Cursos totalmente a distância: Trata-se de cursos a distância oferecidos por instituição credenciada ou autorizados/reconhecidos por órgão normativo federal, estadual ou municipal, cuja presencialidade é exigida apenas para as de avaliação da aprendizagem.

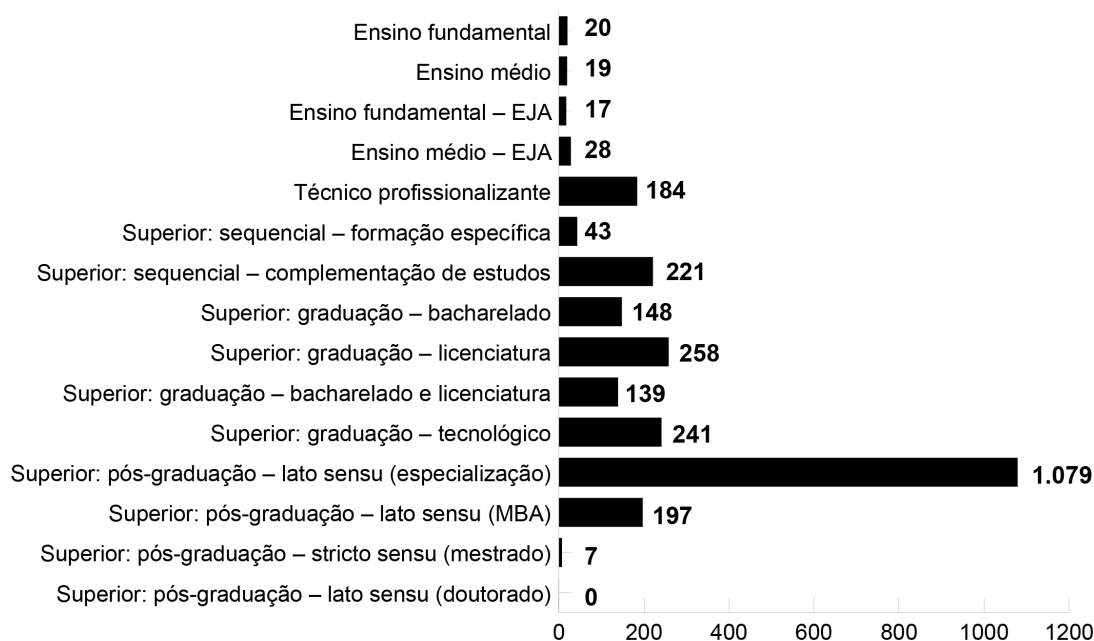
Cursos semipresenciais: De acordo com a legislação vigente (Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 81 – Brasil, 1996, Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005 – Brasil, 2005, Portaria n. 4.059, de 10 de dezembro de 2004 – Brasil, 2004), entende-se por **curso semipresencial** aquele oferecido com até 20% da sua carga horária na modalidade à distância.

Cursos EaD livres não corporativos: Trata-se dos cursos a distância, não regulamentados por órgão educacional, oferecidos livremente para público em geral vinculado, ou não, a uma instituição.

Cursos EaD livres corporativos: Trata-se de cursos não regulamentados por órgão educacional, elaborados para atender às necessidades de capacitação de funcionários de organizações ou de seus clientes. (Grifo nosso) (ABED, 2015, p. 7)

Entre os cursos totalmente a distância (2.601), a maioria está concentrada no ensino superior (2.333), com destaque para cursos de especialização *lato sensu* (1.079 cursos) o que indica o papel da EaD na formação continuada, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Oferta de cursos regulamentados totalmente a distância, por nível acadêmico (em números absolutos)

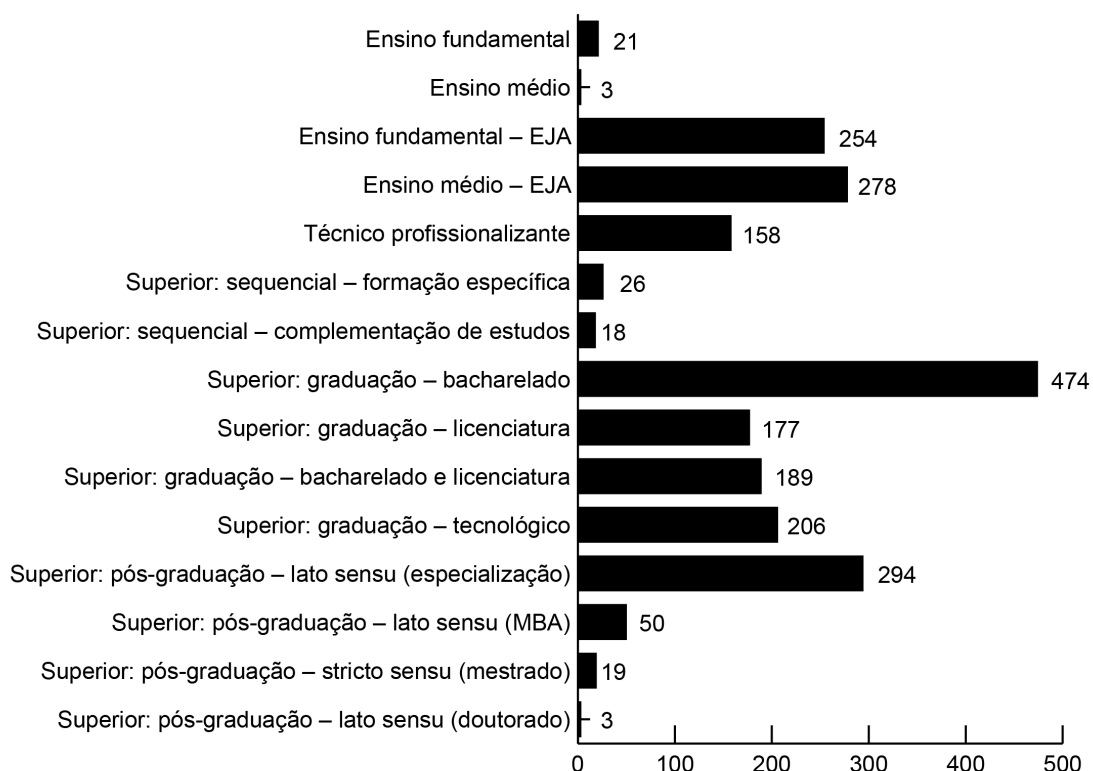


Fonte: Adaptado pela autora (ABED, 2015).

O Gráfico 1 indica um número muito maior de cursos de pós-graduação *lato-sensu* do que de graduação. Um motivo possível seria o menor custo de implementação, devido ao período em que se dá uma especialização ser menor do que de uma graduação. Para Alonso (2010, p. 1324), a iniciativa privada tem grande participação nessa modalidade.

Já entre os cursos semipresenciais, os bacharelados são a maioria, com 474 cursos, como podemos ver no Gráfico 2. A pesquisa aponta que a preferência nestes cursos está na área de Ciências Humanas.

Gráfico 2 – Oferta de cursos semipresenciais, por nível acadêmico (em números absolutos)



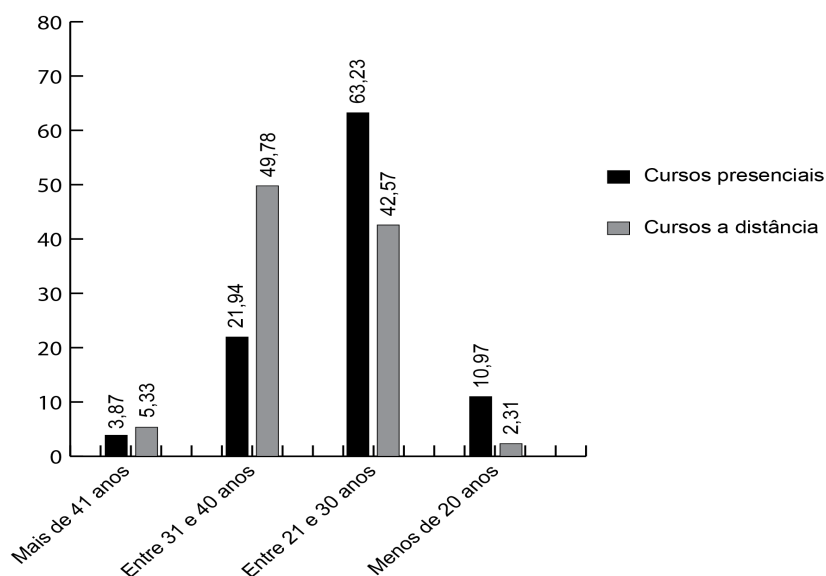
Fonte: Adaptado pela autora (ABED, 2015).

A maioria de cursos de graduação entre os cursos semi-presenciais pode ser explicada pela presença da Universidade Aberta do Brasil, que em 2009 já contava com 88 instituições integrantes, bem como 720 polos, somando 418 cursos (PORTAL CEAD, 2017).

O perfil de aluno da Educação a Distância no Brasil se concentra no público feminino. A pesquisa indica que enquanto as mulheres são minoria nos cursos presenciais, sendo 47% da fatia neste caso, para a EaD elas representam 56% do público. No caso de IES federais, as mulheres foram 58,8% do público (ABED, 2015).

Quanto à idade, os alunos de cursos EaD tendem a ser de uma faixa etária maior do que a de cursos presenciais. Enquanto 63% dos estudantes de cursos presenciais têm entre 21 e 30 anos, metade dos alunos da EaD têm entre 31 e 40 anos, como podemos ver no Gráfico 3.

Gráfico 3 Faixas etárias dos cursos presenciais, e a distância (%)



Fonte: ABED, 2015. Adaptado pela autora.

Outro traço importante do perfil dos discentes dos cursos a distância é o relativo ao tempo de estudo e trabalho. Recortando apenas a faixa das instituições de ensino superior da esfera federal, os estudantes que estudam e trabalham representam menos de 8% nos cursos presenciais. Já nos cursos semipresenciais ou totalmente a distância, 65% dos estudantes conciliam o emprego com os estudos.

A habilitação mista, bacharelado e licenciatura, tem a maioria das matrículas no ensino semipresencial, com mais de 410 mil matrículas em cursos de graduação com bacharelado e licenciatura. Nos cursos totalmente a distância a maioria das

matrículas se concentram nas licenciaturas (258), embora a maior parte das ofertas estejam em cursos de pós-graduação *lato sensu* (1079), como vimos anteriormente. O número de matriculados em cursos totalmente a distância ou semipresenciais aumentou cerca de 11% entre 2014 e 2015, segundo a mesma pesquisa (ABED, 2015 p. 35).

O artigo 80 da LDB permitiu a expansão da EaD no país ao reconhecer que deve haver incentivo para a modalidade a ser utilizada em todos os níveis de ensino. Para seguirmos adiante, observamos o artigo em questão, bem como seu regulamento, dado pelo Decreto n. 5.622:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (BRASIL, 1996)

Nesta mesma Lei há menção à utilização de recursos da EaD para a formação continuada de professores, sendo a modalidade subsidiária ao ensino presencial na formação inicial destes profissionais (BRASIL, 1996). A partir de 1997, ano seguinte à publicação da LDB, inicia-se a Década da Educação (a partir da publicação da lei 9.394, de 1996 a 2006), assim chamada na própria lei, no artigo 87. O terceiro parágrafo do referido artigo diz respeito ao provimento de cursos presenciais ou a distância para jovens e adultos que não receberam escolarização suficiente e novamente aponta a realização de programas de capacitação para

professores em exercício utilizando EaD, por parte do Distrito Federal, Estados, Municípios e, supletivamente, a União.

O aporte de dispositivos legais que autorizem e regulamentem a EaD são contribuições fundamentais para o aumento de oferta de ensino superior no Brasil. Porém, a expansão da EaD está também diretamente ligada às tecnologias de informação e comunicação. Para Alonso (2010), o uso dessas mesmas tecnologias não são por si só o que forma um curso a distância, e nem deveria se limitar a essa modalidade:

O problema do uso de determinadas tecnologias nos processos educativos não se restringe à eficiência e eficácia que isso poderia imprimir aos projetos/programas de ensino. Tratar da EaD e das TIC implica políticas públicas e institucionais, financiamento e projetos “instituidores” de alternativas pedagógicas, identificados com os princípios da democratização da escola em seus vários níveis, entendidos como de acesso e permanência com qualidade no sistema público de ensino. Esses compromissos, embora banalizados em seus sentidos, são aqui reafirmados justamente pelo fenômeno da expansão do ensino superior observado com mais intensidade nos últimos 12 a 15 anos, e do qual não poderíamos desvincular a EaD. Ao reduzir, no entanto, o uso das TIC como algo mais afeto à oferta dessa modalidade, particulariza-se problemática que tem maior abrangência e implicações que somente a de promover interações em projetos/programas de formação não presenciais. (ALONSO, 2010, p. 1323)

Para definir diretrizes, princípios e critérios para a modalidade a distância no país, o MEC criou o documento Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007). Este documento não tem força de lei, mas é uma orientação que subsidia leis e processos de autorização e montagem de cursos. O texto inicial é de 2003 e teve que ser atualizado devido à atualização de tecnologias e possibilidades de ensino. Um outro fator foi o da “conformação e consolidação de diferentes modelos de oferta de cursos a distância em curso em nosso País. Neste ponto, é importante destacar a inclusão de referências específicas aos pólos de apoio presencial” (BRASIL, 2007), campo onde se destaca o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Apresentamos a seguir o sistema UAB, que integra as universidades públicas participantes da modalidade a distância, de forma a expandir a oferta de ensino superior gratuito, inclusive para regiões de difícil acesso. Abordamos a

formação de professores que atendem a educação básica da rede pública e dos polos de apoio presencial.

Quanto a aspectos institucionais da educação a distância, há, de acordo com Belloni (2012, p. 100), dois tipos de instituições já estabelecidas em EaD, chamadas por ela de instituições especializadas (*single mode*), que têm dedicação exclusiva a educação a distância, e instituições integradas (*dual mode*), onde experiências em EaD acontecem em instituições de ensino convencionais.

No primeiro caso estão as universidades abertas européias, baseadas na *Open University* britânica. Essas instituições são autônomas, de abrangência nacional, fornecem seus próprios diplomas e trabalham com orçamentos independentes, públicos e próprios. A produção dos cursos utiliza "blocos multimeios" de materiais (BELLONI, 2012, p. 101), com muitos investimentos iniciais, mas um baixo custo por estudante. Os cursos são, na maior parte, de graduação em disciplinas que não precisem de laboratórios, geralmente da área de humanas, letras, economia, enfatizando a formação de professores.

Para Maia e Mattar (2007, p. 43), o sistema de universidades abertas reforçaram que "[...] uma instituição, e não um professor isolado, ensina tanto a grupos quanto a indivíduos, por meio de sistemas de aprendizado sofisticados e divisões de trabalho inovadoras". No Brasil, a UAB foi criada em 2005 e oficializada pelo Decreto n 5800, 2006. Trata-se de um sistema em consórcio entre Instituições Públicas de ensino superior, Estados e Municípios (MAIA E MATTAR, 2007, p. 43). A finalidade e os objetivos do sistema UAB são enumerados no Decreto de sua criação, a saber:

Art. 1º Fica instituído o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, voltado para o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

Parágrafo único. São objetivos do Sistema UAB:

- I - oferecer, prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica;
- II - oferecer cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;
- III - oferecer cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento;
- IV - ampliar o acesso à educação superior pública;
- V - reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do País;

VI - estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância; e

VII - fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação. (BRASIL, 2006)

A UAB estava inicialmente vinculada à Secretaria de Educação a Distância (SEED), extinta pelo Decreto Nº 7.480, de 2011. Mas, antes mesmo dessa extinção, o sistema foi transferido para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela Portaria Nº 318, de 2009.

O sistema é um articulador entre as três esferas, federal, estadual e municipal, ao conectar as instituições de ensino superior a polos de apoio presencial. Em 2005 e 2006, foram publicados os primeiros editais para propostas de cursos, e, em 2007, a UAB permitiu às IES ampliarem o acervo bibliográfico dos polos de apoio, por meio de transferência de recursos (CAPES, 2017). Os números mais atuais, segundo o portal da Capes (CAPES, 2017), são de 2009, e mostram que a UAB era formada por 88 instituições integrantes, com universidades federais e estaduais e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs). Entre 2007 e 2009, foram criadas 187.154 vagas, com um total de 720 polos de apoio presenciais.

1.4. A Educação a distância na UFJF

A história da Universidade Federal de Juiz de Fora teve início em 1960 (PDI UFJF, 2016, p. 9). Pela Lei nº 3.858, de 1960, a UFJF foi criada a partir da junção das faculdades de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Engenharia e Economia. A Cidade Universitária, que consiste em uma área de mais de um milhão de metros quadrados, foi construída em 1969, de forma a concentrar os cursos em um mesmo local. Com a Reforma Universitária, na década de 1970 a UFJF já contava com o Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Ciências Biológicas e Geociências (ICBG) e Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL).

Outra grande expansão da UFJF ocorreu em 2006, quando a universidade aderiu ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), programa do governo federal que tem o objetivo de

umentar o acesso e a permanência no ensino superior. Entre 2008 e 2014, o número de vagas de ingresso anuais na UFJF mais do que dobrou, passando de 2.140 para 4.496 vagas. (PDI UFJF, 2016, p 9).

Atualmente, a UFJF é um polo educacional situado entre as três maiores capitais do país (Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo). Quantificando a dimensão da universidade, a instituição contava em 2016 com 20 unidades acadêmicas, com "[...] 64 cursos de graduação, 71 cursos de especialização, 36 de mestrado, 17 de doutorado, 30 programas de residência médica, 26 programas de residência multiprofissional, além de cursos de Educação Básica." (PDI UFJF, 2016, p. 10).

A universidade propôs, em 2016, objetivos e metas para os próximos anos, e entre as metas estabelecidas no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFJF está a de "[...] fortalecer a inovação social, a inserção e o desenvolvimento regional" (PDI UFJF, 2016, p. 32). É neste âmbito que o Cead tem a responsabilidade, até dezembro de 2020, de "[...] intensificar a inserção regional da UFJF na Zona da Mata, no Vale do Rio Doce e em outras regiões do estado e do país, atendidos por meio do ensino a distância" (PDI UFJF, 2016, p. 32).

Com o apoio do Cead, a UFJF disponibiliza, atualmente, sete cursos de graduação e sete de pós-graduação *lato sensu* (PORTAL CEAD, 2017). A EaD na UFJF conta ainda com cursos gratuitos de especialização para formação de professores da Educação Básica, e com o curso *stricto sensu* de Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública na modalidade semi-presencial.

Embora o envolvimento com a UAB seja um marco para a EaD na UFJF, a universidade já trabalhava com a modalidade em projetos isolados desde os anos 1990, mas com o foco na pós-graduação *lato-sensu* (AGUILAR, ARAVENA, AZEVEDO, TAKAKURA, 2007, p. 5). Em setembro de 2000 foi criada uma proposta institucional para fortalecer os grupos já existentes, que trabalhavam com a modalidade na UFJF. Três metas foram estabelecidas, de acordo com o relato histórico do Plano de Trabalho do Edital 75 (UFJF, 2016):

1. Ampliação do acesso aos cursos de graduação, com a utilização de novas tecnologias, notadamente os recursos disponíveis para a EaD;

2. Ampliação da oferta de educação continuada, principalmente de cursos de pós-graduação lato-sensu, por meio da utilização das tecnologias disponíveis para a EaD;
3. Criação de um padrão de EaD na UFJF, entendendo-se por padrão um modelo de processo que incluísse as etapas de projeto, desenvolvimento e avaliação para todas as atividades desenvolvidas nesse contexto.

Em 2002, a UFJF em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e com a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) ingressou no Projeto Veredas (VILARINHO E PAULINO, 2010, p. 70). A intenção era a de dar formação em nível superior para professores já atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental da rede pública de Minas Gerais, integrando atividades a distância ao ensino presencial. Para implementar o projeto foi feito um consórcio entre 18 universidades, chamadas de Agências Formadoras (AFOR), que seriam responsáveis por polos nas sub-regiões do Estado (BARBOSA, 2007, p. 41). À época, de 2002 a 2005, a UFJF coordenou três polos, atendendo a 1.800 alunos, com 64 tutores.

O primeiro credenciamento que a UFJF recebeu para oferta de educação a distância data de 2003. Com a Portaria nº 3.712, de 2003, o então Ministro da Educação, Cristovam Buarque, assinou o credenciamento da universidade, por cinco anos, de 2003 a 2008, para a oferta de pós-graduação *lato sensu* em Especialização em Gestão da Informação no Agronegócio; Especialização em Gestão da informação em engenharia e arquitetura; Especialização em Gestão de Educação a distância, todos na modalidade a distância, com 600 vagas. (DOU, 2003, p. 10) No entanto, esta portaria foi revogada em 2006, quando do credenciamento da UFJF por cinco anos, entre 2006 e 2011, para a oferta de cursos superiores a distância, pela Portaria Nº 685, de 2006 (BRASIL 2006, p. 21).

Em setembro de 2016 a UFJF ofereceu 1.225 novas vagas para 16 polos de apoio presenciais pela UAB. Os cursos ofertados foram Licenciatura em Computação, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Pedagogia, que receberam 6.407 inscrições. Os polos que receberam os cursos foram Araxá, Barroso, Boa Esperança, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Coromandel, Durandé, Governador Valadares, Ipanema, Juiz de Fora, Lagoa Santa, Lavras, Salinas, Sete Lagoas, Timóteo e Ubá. (UFJF, 2016)

Além das vagas para as licenciaturas acima mencionadas, foram ofertadas 200 vagas para o Bacharelado em Administração Pública.

1.5. O Centro de Educação a Distância da UFJF

O Cead foi institucionalizado em 2010, por meio da Resolução N° 02/2010, do Conselho Superior da UFJF (CONSU/UFJF, 2010). O Centro é um órgão suplementar, vinculado à reitoria da UFJF, que tem a finalidade de coordenar, supervisionar e dar apoio às atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão, Cultura e Desenvolvimento Institucional, Científico e Tecnológico, a partir de ações de EaD. O órgão tem como atribuições a promoção dessas ações em EaD, especialmente divulgando editais, projetos, eventos e programas da modalidade a distância; incentivar a produção de conhecimento na EaD; apoiar a qualificação de docentes e técnicos voltada para a EaD; apresentar propostas de ações, promover congressos e representar a UFJF no que tange à modalidade de educação a distância (CONSU/UFJF, 2010, p. 1). Não consta na resolução de criação do Cead que a produção de materiais didáticos é finalidade do Centro.

Além de atuar junto à UAB, o Cead participa do Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica da Universidade Federal de Juiz de Fora (COMFOR/UFJF), que visa incentivar programas e ações de formação inicial e continuada para profissionais da educação básica, e é responsável pelos programas Saúde na Escola, Capacitação em EaD, pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*, tanto para a EaD quanto para o ensino presencial, pela *Radioweb Cead* e pelo Repositório de Objetos de Aprendizagem (ROA), onde os materiais produzidos são cadastrados e alocados para acesso.

O prédio do Cead tem uma estrutura física de 720m² (PDI UFJF, 2016, p.87), com salas administrativas, laboratório de informática, sala de web e videoconferência, um estúdio de gravação, uma rádio e uma gráfica. O Centro é composto pelos setores acadêmico; administrativo financeiro; de produção de materiais didáticos; de comunicação e de tecnologia da informação.

A gráfica é responsável pela impressão de parte das demandas do Cead que possam ser produzidas em preto e branco, tais como: apostilas e material de

divulgação, etc. As demandas que necessitam de acabamento diferenciado como papéis mais grossos para cartões e convites, livros com capa colorida ou *banners* são encaminhadas a uma gráfica terceirizada.

O setor Acadêmico organiza e controla os procedimentos administrativos vinculados aos cursos EaD da UFJF, apoiando as coordenações e suas demandas, também faz a interação com os polos de apoio presencial, para que seja uma extensão da Universidade. O setor acadêmico ainda capacita professores e tutores, atende alunos, propõe atividades de ensino, pesquisa e extensão, realiza estudos, formula e acompanha editais de seleções de tutores e alunos.

O setor Administrativo Financeiro é responsável pelo funcionamento de cada setor do Cead, gerenciando os pagamentos de bolsas UAB, viagens, compras, infraestrutura e jurídico, buscando a melhoria dos processos administrativos, a fim de implementar, agilizar e dinamizar o apoio logístico e de infraestrutura necessários à execução das atividades de educação a distância. Além disso, é responsável por consolidar a articulação com os órgãos de fomento da EaD, em especial a CAPES; fomentar os cursos em relação às planilhas financeiras, compras e impressão/reprodução de material didático.

A Assessoria de Comunicação estabelece um vínculo comunicativo com a sociedade, por meio do relacionamento com os colaboradores internos e externos ao Cead, com alunos da modalidade a distância e com a imprensa local e nacional. O setor também desenvolve campanhas culturais e ações para inserir os alunos de EaD na comunidade acadêmica. A Comunicação ainda fornece informações sobre cursos e polos, e é responsável por diferentes veículos de comunicação, como o Portal Cead, a Radioweb Cead e a fanpage no Facebook.

O Setor de Tecnologia da Informação é responsável pela prospecção de tecnologias para EaD, pelo projeto e desenvolvimento de sistemas administrativos e educacionais, pelo projeto, implantação e manutenção da infraestrutura de redes e pelo desenvolvimento e suporte ao usuário do ambiente de aprendizagem a distância adotado pela UFJF, o Moodle.

A Produção de Materiais Didáticos atende as demandas das coordenações dos cursos EaD, para a produção de videoaulas e apostilas. Além disso, cria materiais de divulgação em conjunto com a Assessoria de Comunicação do Cead, para promover a EaD da UFJF. Aprofundaremos na descrição deste setor, objeto deste estudo, na próxima seção.

O nosso trabalho tem como foco o setor de produção de materiais didáticos do Cead. Portanto, finalizamos este capítulo com a caracterização do setor, através de um levantamento dos profissionais que formaram a equipe a cada ano, desde sua organização, e apresentando uma estimativa da quantidade de materiais produzidos em cada período, a quantificação da capacidade de produção atual bem como uma comparação da demanda ao longo dos anos.

1.5.1. A Produção de material didático no Cead

As atividades *online* dos cursos a distância oferecidos pela UFJF são realizadas em ambiente virtual, por meio da Plataforma Moodle. A produção e disponibilização de material didático para EaD no Cead é um trabalho que vem sendo feito desde 2010, quando foi formada uma equipe de profissionais de áreas diversas, como de comunicação, artes, pedagogia, administração e ciências da computação para trabalhar em conjunto com os professores dos cursos a distância, quando solicitados por estes e com anuência das coordenações do cursos.

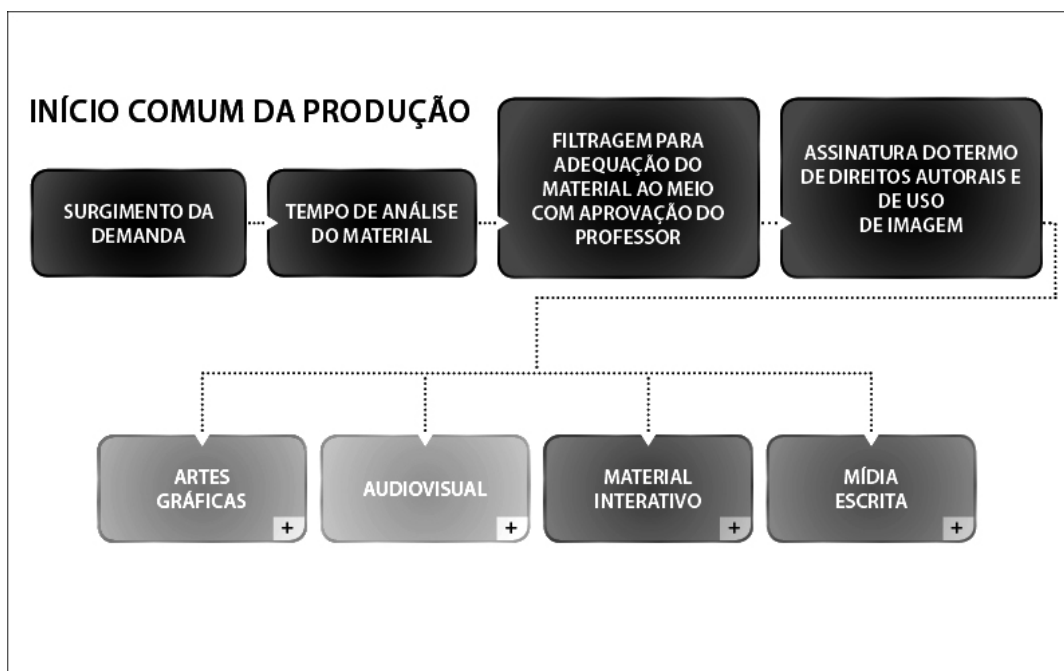
Os fluxogramas apresentados nas figuras de 1 a 5) são parte de um guia que foi produzido em 2013, com a intenção de orientar os professores e coordenadores sobre as etapas da produção de material no Cead. Este guia era uma referência idealizada pelo setor de como deveria ser a produção. A experiência no setor indica, no entanto, que a demanda e o atendimento da mesma são processos mais simplificados do que os descritos nos fluxogramas.

A partir do conhecimento dos tipos de produção apresentados no Cead em 2013, podemos perceber que o setor oferecia mais opções de materiais possíveis de serem produzidos do que em 2017. Com a equipe maior em 2013, os profissionais eram de áreas mais diversas. Atualmente, em 2017, com três colaboradores na equipe, a produção de materiais se concentra em audiovisuais.

Na Figura 1, é explicado o funcionamento da produção de material, onde o intermédio entre o professor e a equipe de produção é feito pelo coordenador do setor. O setor produz a partir da demanda dos professores dos cursos, portanto, o trabalho é iniciado a partir do pedido do professor, no qual ele apresenta em uma reunião ou email o material a ser produzido. Uma diferença entre este fluxograma de 2013 e a prática atual, de 2017, é que há sugerido o papel do designer instrucional

no fluxograma. Este profissional seria o responsável por analisar o material e adequar o conteúdo à mídia que escolhesse em conjunto com o professor. No entanto essa função não existe no setor. O professor traz a demanda do tipo de material que quer produzir - seja vídeo, áudio ou material interativo, e a equipe executa, com sugestões apenas técnicas, não didáticas.

Figura 1 Fluxograma da produção de materiais didáticos no Cead



Fonte: Cead/UFJF, 2013

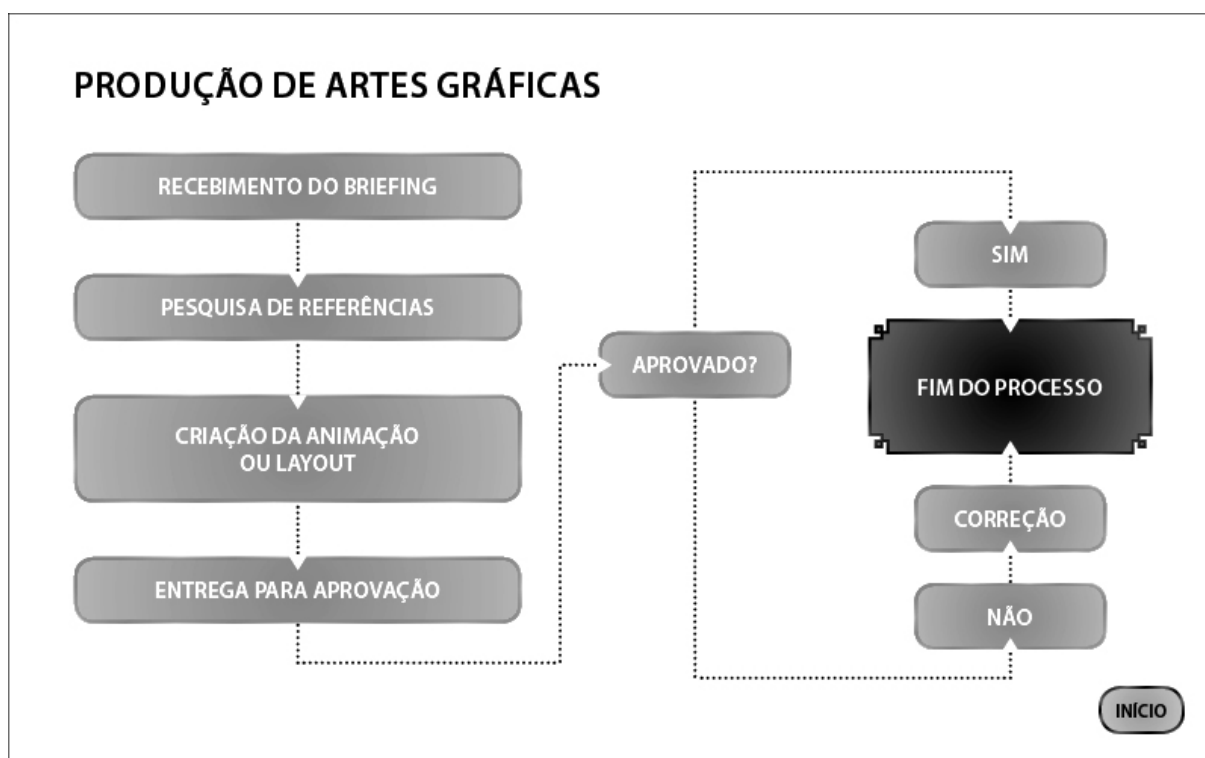
A partir de 2016, com a equipe menor devido à falta de um contrato com empresa de terceirização, as demandas que a equipe pode atender são apenas para produção de aulas em vídeo ou áudio e apresentações em multimídia.

Na Figura 2 é apresentado o fluxograma da produção de artes gráficas. Esta demanda é relativa às capas para livros e apostilas que não serão diagramados no Cead, ou identidades visuais de cursos e disciplinas utilizadas no material de divulgação dos mesmos ou na Plataforma *Moodle*. Em 2013, à época deste fluxograma, a produção de artes gráficas era iniciada a partir da conversa do professor com o coordenador da equipe ou designer instrucional, que fazia um *briefing*⁵ do que era necessário para a produção. O designer então fazia uma

⁵ Resumo com as principais características do que está sendo pedido.

pesquisa de referências de imagens para executar a ilustração ou *layout*. O produto final era aprovado pelo professor ou eram feitas correções para a entrega posterior. Atualmente, a demanda para essa função se concentra em *banners* para as disciplinas do *Moodle* ou elaboração de tutoriais em imagens para uso da plataforma e artes para finalizações de vídeos.

Figura 2 Fluxograma da produção de artes gráficas no Cead



Fonte: Cead/UFJF, 2013

A produção audiovisual idealizada no setor em 2013 é descrita na Figura 3 a seguir. O processo era descrito da seguinte forma: a partir do recebimento da demanda, o professor ou tutor auxiliava o profissional de audiovisual na elaboração de um roteiro de videoaula. Este roteiro passava então por uma revisão textual, e era agendada a gravação, com a assinatura da cessão de direitos de imagem. A partir do roteiro, poderia haver a necessidade de elaboração de animações e artes gráficas.

Atualmente, em 2017, a produção é feita de forma mais direta. O professor envia um email à equipe solicitando uma gravação. A videoaula é então gravada em estúdio, com o texto e *slides* do professor. Após a gravação, edição e finalização do video, o mesmo é cadastrado no repositório de objetos de aprendizagem do Cead,

ROA, do qual é gerado um link que o professor utiliza para postar diretamente no ambiente virtual de aprendizagem.

Em 2013, como observado no fluxograma (Figura 3), era feito um backup em CD. Hoje o material produzido é armazenado no ROA e no servidor interno do Cead.

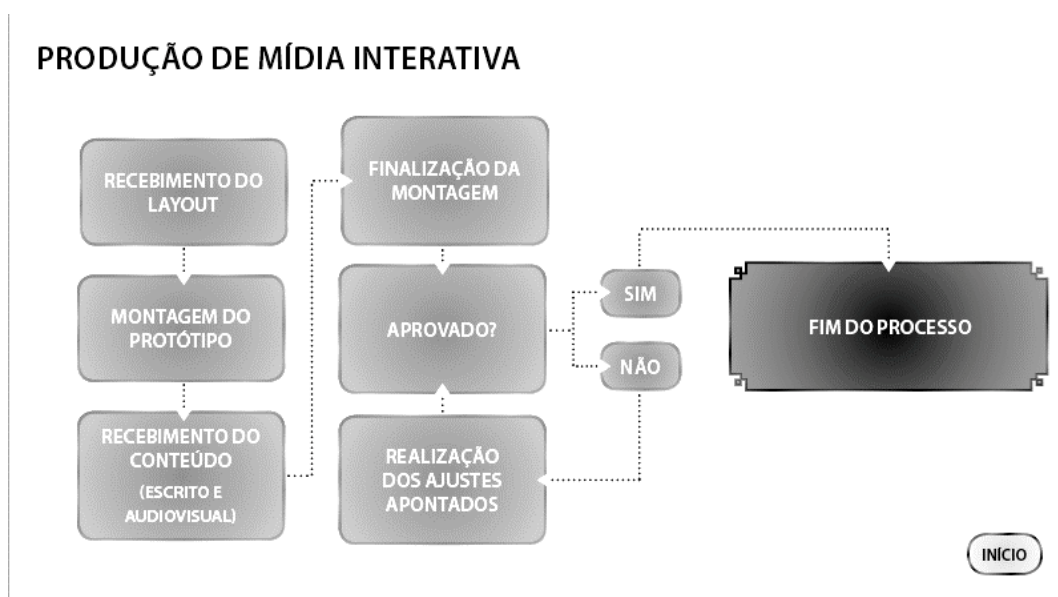
Figura 3 Fluxograma da produção audiovisual no Cead



Fonte: Cead/UFJF, 2013

A mídia interativa desenvolvida no Cead (Figura 4) pode ser feita no formato de *CD-ROM* em que o conteúdo de vídeo, áudio e textos são reunidos em uma apresentação com diversos *hiperlinks*. Uma outra forma são apresentações de *slideshows* com os mesmos recursos, no entanto, disponibilizados diretamente no ambiente virtual.

Figura 4 Fluxograma de produção de mídia interativa no Cead



Fonte: Cead/UFJF, 2013

A produção de mídia escrita é apresentada no fluxograma da Figura 5. Segundo o fluxograma, primeiramente, era solicitada a assinatura de um termo de responsabilidade pela autoria do material, e que o professor preenchesse um *briefing* com um resumo dos dados necessários para a produção, como nome dos autores, tipo de papel, número de páginas, tipo de capa e orçamento. Depois, os arquivos originais eram recebidos no setor, onde era realizada a revisão textual e pedagógica, bem como a diagramação. Um primeiro modelo era levado para aprovação e ajustes para então entregar o produto final.

Figura 5 Fluxograma de produção de mídia escrita no Cead



Fonte: Cead/UFJF, 2013

Os prazos para a produção dos materiais variam de acordo com a complexidade do que é pedido. A mídia escrita é a que demanda mais tempo e envolve a criação de capa pelo designer gráfico, a diagramação pelo profissional da área, a revisão textual e o envio para uma gráfica externa. Este tipo de material tinha o prazo de entrega de em torno de um mês. Desde 2016, no entanto, não há mais diagramador na equipe de produção de materiais, portanto não há produção gráfica. A demanda para este tipo de material também parou de existir. Desde abril de 2016 até abril de 2017, apenas duas demandas foram recebidas no setor para diagramação, e nestes casos o Cead ofereceu bolsa para um profissional da área apenas pelo prazo de realização do material.

Já foram elaborados dois guias para a produção de material didático no Cead, em 2011 e em 2013, assim como fluxogramas e prazos para a execução dos materiais, como forma de organização e apresentação do setor. A coordenação atual (2016-2017) do Cead aponta que é necessária uma apresentação da produção de material para os professores, para que eles saibam que podem produzir seus materiais com o apoio do setor de material didático.

Há no Cead uma equipe de suporte tecnológico e uma de produção de material, mas há pouca interação entre elas. Entre as atividades do setor tecnológico do Cead, estão a criação e manutenção do ROA, onde os materiais didáticos produzidos são cadastrados. Outra função do setor é a disponibilização da plataforma e suporte aos usuários do *Moodle*. Não há, no entanto, uma equipe formada para as postagens na plataforma de todos os cursos, logo, o material é apenas entregue aos professores que têm o papel de disponibilizar o mesmo aos alunos. Portanto, a equipe que realizou o trabalho não vê como ele foi disponibilizado, não tendo então, uma visão da totalidade do processo, sem acesso ao resultado final, o que acarreta em um desconhecimento da eficácia do que foi produzido, não proporcionando a possibilidade de identificar e corrigir possíveis erros, o que pode vir a estagnar a qualidade do trabalho realizado.

Há poucos servidores efetivos no quadro do Cead, e um constante problema com contratos de terceirização em que os funcionários têm que ser dispensados ao fim dos mesmos e recontratados de outras formas. Devido a estes problemas com os contratos com as empresas de terceirização - ora por fim do contrato, ora por atraso ou falta de pagamentos - houve rotatividade dos profissionais, e com o corte de verbas na educação, atualmente há menos da metade dos funcionários que havia em 2013 no Cead, estando apenas quatro no setor de produção de material didático.

A Tabela 1 apresenta o número de funcionários do setor de produção de material didático ano a ano, de acordo com a função e com o vínculo profissional: autônomo, quando era contratado para executar um trabalho temporário e recebia o pagamento por recibo de pagamento autônomo (RPA); terceirizado, quando era contratado de um empresa que prestava serviços à UFJF; bolsista UAB, quando fazia parte de uma equipe multidisciplinar, TAE, servidor técnico-administrativo do quadro efetivo da UFJF ou professor da universidade.

Tabela 1 Quantitativo de funcionários do setor de produção de materiais didáticos do Cead (2010-2016)

Cargo	Vínculo	Ano						
		2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cinegrafista e Editor de imagens	Autônomo	2	4					
	Terceirizado			4	4	4	3	
	Bolsista UAB							2
	TAE							
Cinegrafista e Editor de som	Autônomo	1	1					
	Terceirizado			1				
	Bolsista UAB							
	TAE							
Ilustrador	Autônomo	1	1					
	Terceirizado			1				
	Bolsista UAB				1			
	TAE							
Diagramador	Autônomo	1	3					
	Terceirizado			2	1	1	1	
	Bolsista (UAB)			1				1
	TAE							
Designer Instrucional	Autônomo	1						
	Terceirizado							
	Bolsista UAB							
	TAE							
Pedagogo	Autônomo		1					
	Terceirizado				1	1		
	Bolsista UAB							
	TAE							
Revisor de texto	Autônomo	2	2					
	Terceirizado							
	Bolsista UAB			2	2	2	2	
	TAE							
Designer gráfico	Autônomo		1	1	1	1		
	Terceirizado							
	Bolsista UAB							
	TAE						1	1*
Coordenador da equipe	Autônomo	2	2					
	Terceirizado						1	
	Bolsista UAB							
	TAE			1				1*
	Professor UFJF				1	1		
TOTAL		11	15	11	11	10	8	4**

*A mesma pessoa exerce as duas funções.

** Soma de pessoas no setor, devido ao acúmulo de funções.

Fonte: Elaborado pela autora.

Há ainda a dificuldade da inconstância de projetos a cada troca de gestão do Cead, que, enquanto órgão suplementar da UFJF, tem sua diretoria nomeada pelo

reitor. A cada eleição da reitoria a gestão do Cead passa a ser exercida por alguém indicado pelo reitor eleito. A nova direção indica então novos coordenadores de setores. Entre 2010 e 2017, houve três reitores diferentes, seis direções no Cead e cinco coordenadores no setor de produção de materiais.

Em abril de 2016 entrevistamos uma coordenadora da equipe do ano de 2011, entrevista esta de caráter exploratório, com o objetivo de obter dados para a descrição deste caso de gestão. Segundo a coordenadora do setor na época, havia, em 2011, reuniões com os professores e coordenadores dos cursos apresentando o setor de produção de material, oferecendo o serviço e explicando como o setor funcionava. Ainda segundo a coordenadora, já havia o procedimento - que o setor ainda utiliza - em que os professores dos cursos deveriam enviar os pedidos por email com cópia para o coordenador do curso, de forma que houvesse uma anuência do mesmo para a produção de material.

Os recursos financeiros para a produção de material foram previstos no projeto pedagógico da criação de cada curso e validado pelo Cead, que calculava junto aos coordenadores do curso o orçamento do mesmo. A partir de sua experiência no setor, a coordenadora entrevistada afirmou que, muitas vezes, os professores não conheciam a proposta pedagógica do curso e não sabiam que materiais didáticos estavam disponíveis e financiados para serem produzidos. Não havia informações claras sobre o que já havia sido produzido e o que estava disponível e nem um controle rígido sobre isso por parte do Cead.

1.5.2. A Demanda pela produção de materiais didáticos

Atualmente, a demanda e a produção de material é menor que nos últimos anos. Por meio de um relatório de materiais cadastrados no repositório do Cead pelo setor de produção de material didático, gerado a partir do ROA, podemos verificar no Gráfico 4 que houve uma queda na produtividade.

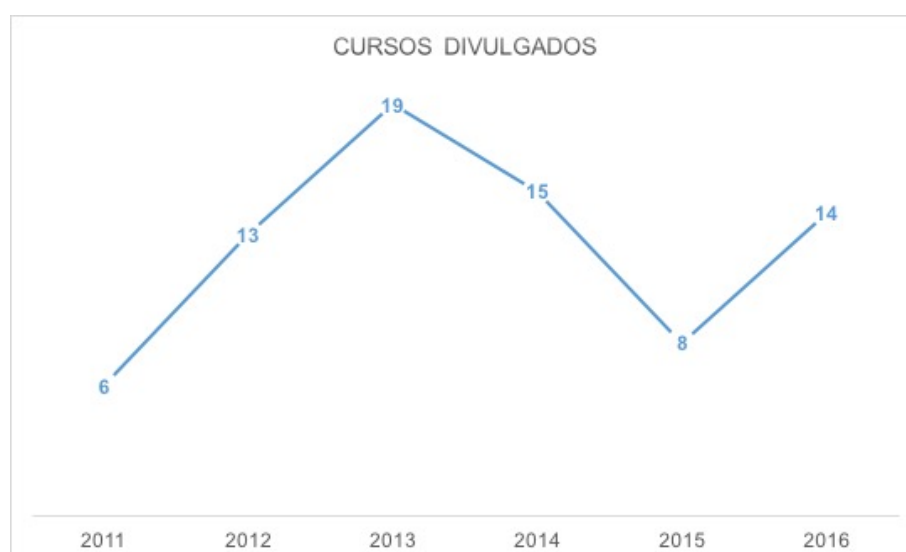
Gráfico 4 - Materiais cadastrados no ROA (2008-2016)



Fonte: Elaborado pela autora

O número de cursos ofertados pelo Cead também diminuiu. A última oferta de cursos de graduação a distância pela UFJF foi em 2014, retornando a oferta apenas no último bimestre de 2016. Para elaborar a Figura 7, reunimos todas as postagens do Cead em redes sociais em que eram anunciados ofertas de cursos. Somente em dezembro de 2016 tiveram início novas turmas de graduação. Ao compararmos os gráficos, podemos ver que a demanda por materiais oscila de acordo com a oferta de cursos.

Gráfico 5 - Cursos divulgados pelo Cead (2011-2016)



Fonte: Elaborado pela autora

Para que possamos calcular a capacidade de produção de videoaulas do Cead, precisamos tomar como base um vídeo que tenha as características mais pedidas pelos professores e o tempo que se leva para a gravação, edição e disponibilização do produto final, desde o momento em que o professor chega para gravar. Com base na experiência da equipe de produção, tomaremos como exemplo que o tipo de vídeo mais pedido no Cead tem em torno de 15 minutos, é gravado com o professor em estúdio no *chroma-key*⁶ e tem inserções de slides de apresentação. Para a gravação do vídeo que terá, após editado, em média 15 minutos, a equipe agenda o estúdio por uma hora. Neste período é ajustada a iluminação e a câmera, o professor se ambienta com a situação da gravação e a aula é gravada.

O material é então levado para a sala de edição não linear⁷, onde é capturado para o computador e será editado e renderizado. O arquivo final é alocado no repositório de objetos de aprendizagem do Cead, do qual é gerado um link para o professor disponibilizar no AVA. Este processo inteiro pode ser feito em aproximadamente 4 horas. Assim sendo, podemos concluir que a produção de uma videoaula padrão, de 15 minutos, pode ser feita em 5 horas, em condições ideais, sem interrupções.

Atualmente, o Setor de produção de materiais do Cead conta com dois profissionais para gravação e edição de videoaulas. Um tem disponibilidade de 20 horas semanais e outro atua 30 horas semanais. Há, em termos de mão de obra, conseqüentemente, 50 horas semanais disponíveis para produção de videoaulas. A partir do cálculo anterior, podemos concluir que o Cead tem a capacidade máxima de produzir até 10 videoaulas por semana, ou 40 videoaulas por mês.

Para mensurar o uso da capacidade de produção de materiais do Cead, fundamentaremos nossos cálculos utilizando os números do último semestre de 2011 e 2016. Tomando como base primeiramente o período de maior produção registrada no ROA, utilizaremos o ano de 2011. Neste período foram cadastrados 277 materiais no total. No mesmo ano, segundo tabela anterior, o Cead mantinha quatro profissionais de cinegrafia e edição, em horário integral, de 40 horas semanais. A

⁶ Técnica usada em produções audiovisuais em que há a retirada de uma cor padrão utilizada no fundo da imagem capturada, de forma a sobrepor a mesma a um outro fundo.

⁷ Processo de edição de imagens através do computador, em que o vídeo está em formato digital.

capacidade máxima de produção de videoaulas na época era de 8 aulas por semana para cada funcionário, o que corresponde a 128 videoaulas por mês. Mais uma vez, a partir do cálculo da média de materiais produzidos naquele ano, chegamos ao resultado aproximado de produção a 20% da capacidade total do Cead.

No período mais recente, de 2016, não houve interrupção das atividades do setor e a demanda de videoaulas já poderia estar estabelecida devido à reoferta de cursos de graduação para início em dezembro de 2016. O relatório gerado pelo sistema do ROA indica que foram cadastrados 50 vídeos entre julho e dezembro de 2016. A produção foi mais intensa no último trimestre, mas mesmo nos meses de maior demanda, o número máximo de vídeos cadastrados foi 17, ou seja, menos da metade da capacidade máxima do Cead. Se fizermos uma média da produção no segundo semestre de 2016, chegamos ao resultado de aproximadamente 8 vídeos por mês, ou 20% da capacidade de produção de vídeos do Cead.

A produção de impressos não tem um cadastro próprio, portanto não foi possível calcular a oscilação da demanda. Podemos perceber, no entanto, que nos anos de 2011 e 2012 havia três diagramadores, e após este período apenas um diagramador foi contratado. Desde outubro de 2016 até o primeiro trimestre de 2017 o Cead não conta mais com um diagramador, e nenhuma demanda de material impresso chegou neste período de seis meses.

Inferimos, a partir destes dados, que o setor de materiais didáticos do Cead não está recebendo tantas demandas quanto poderia. Vimos que a demanda foi maior em anos anteriores, quando a equipe também era maior e ainda assim ela poderia ter sido mais utilizada. Hoje, com a equipe menor, a capacidade de produção também diminuiu, no entanto a demanda ainda é distante de uma utilização ideal da infraestrutura disponível no Cead.

A produção tem um aumento quando há nova oferta de cursos, mas esta demanda poderia se manter prestando serviços para o ensino presencial, ou com séries de materiais previamente preparados para o semestre seguinte. É preciso notar que o Cead lida com relações de trabalho instáveis, com contratos de tercerização e bolsas, tendo na equipe apenas um servidor.

Por outro lado, percebemos que há pouco incentivo entre o Cead e os cursos para a produção de materiais. Não há na equipe um designer instrucional para o apoio aos professores no desenvolvimento de materiais, e não é feita nenhum tipo de campanha, até o momento, para que os professores produzam materiais com o

setor de produção. Está prevista para abril de 2017 uma reunião de coordenadores dos cursos e nela será apresentado um relatório de videoaulas produzidas na gestão em vigor, de abril de 2016 a março de 2017, apresentado neste trabalho no anexo c. Este relatório (Anexo c) mostra que foram 30 serviços feitos para assuntos externos aos cursos, ou seja, uso do estúdio pela diretoria de imagem da UFJF, apoio a disciplinas presenciais, eventos, entre outros e somente 24 feitos para os cursos ofertados na modalidade EaD. Ou seja, mais da metade dos serviços não foram para a função principal do setor. Entre os cursos que realizaram pedidos, o que mais demandou foi o de Bacharelado em Administração, com pedidos de seis professores, e isso se deu devido ao pedido do Diretor do Cead ao coordenador do curso de Administração para que ele recomendasse a produção de videoaulas aos professores.

Por conseguinte, analisamos no próximo capítulo de que forma o Cead poderia potencializar a produção de materiais didáticos. Para isso, precisamos analisar os problemas que levam o Cead a ter essa oscilação na produção de materiais. Pelas entrevistas com gestores e questionários enviados aos professores, pudemos dividir os problemas em dois eixos de análise: a gestão da EaD e a demanda por materiais didáticos para a EaD.

2. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DO CASO

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos o Centro de Educação a Distância da UFJF, onde há um setor destinado à produção de materiais didáticos, com equipamentos modernos, estúdio para gravações e uma equipe qualificada, apesar de pequena. Fizemos um apanhado histórico da EaD no Brasil, de forma a situar a crescente importância da modalidade no país. Trouxemos nosso estudo para o âmbito da UFJF, instituição credenciada há uma década para oferecer graduações a distância, e que tem formado milhares de alunos desta forma.

Neste contexto encontra-se o Cead, órgão da UFJF que realiza, entre outras atividades a de apoio à EaD e a produção de materiais didáticos. Através de um apanhado histórico do setor, vimos que houve a necessidade da criação de uma equipe própria para produção de materiais didáticos, devido ao fomento ao uso de Tecnologias de Comunicação e Informação nos cursos de graduação. Vimos que, nos últimos anos, o Cead produziu menor quantidade de materiais, e que houve também uma diminuição em recursos humanos. No entanto, a produção proporcional de videoaulas oscilou pouco ao longo dos anos, ficando sempre em torno dos 20% da capacidade de produção, seja com uma equipe maior - quando a demanda também era maior - ou no período recente, com uma demanda menor e equipe também mais enxuta.

O objetivo deste capítulo é o de analisar os motivos da baixa demanda de produção de materiais didáticos pelo Cead. Vamos trazer inicialmente um referencial teórico de Moore e Kearsley, abordando a gestão do uso das TICs para a EaD. A partir deste referencial, partimos para a apresentação da nossa metodologia e instrumentos de pesquisa.

Para tentar responder à nossa pergunta norteadora, que é "de que forma o Cead pode potencializar a produção de material didático para a EaD?", buscamos dados nas duas pontas do processo - com gestores do Cead e professores da EaD. Utilizamos como instrumentos de pesquisa a entrevista com os gestores, e o questionário com os professores. Assim, tivemos como analisar as informações pelo viés da gestão da produção de materiais e da demanda dessa produção, nossos dois eixos de análise.

Após apresentação dos dados e análise das respostas, pudemos atingir nosso objetivo geral, de identificar os entraves no apoio à produção de materiais didáticos através do Cead.

2.1. Referencial Teórico

Ao falarmos sobre a EaD, no capítulo anterior, abordamos o ponto de vista de Moran (2011) sobre a concepção preconceituosa da sociedade a respeito da EaD. Para Belloni (2012) este baixo prestígio é uma das grandes dificuldades para a educação a distância. A autora defende que por muito tempo a EaD foi vista como um paliativo, uma segunda opção em relação ao ensino convencional, o que causa incredulidade quanto à qualidade deste tipo de ensino. Com menor prestígio, há menos financiamento para a modalidade, menos estudos sobre o tema e maior dificuldade para a gestão.

Nas próximas seções, aprofundamos os estudos sobre como os gestores podem lidar com as particularidades do campo da EaD e sobre os diversos recursos educacionais utilizados na modalidade, especificamente sobre as videoaulas; podcasts; materiais impressos; multimídia e os ambientes virtuais de aprendizagem. Para isso, buscamos respaldo nos estudos de Moore e Kearsley (2013), bem como de Belloni (2012).

2.1.1. Gestão da EaD no Ensino Superior

A EaD é categorizada em dois grandes grupos por Belloni (2012), que a divide em instituições especializadas (*single mode*) e integradas (*dual mode*). O primeiro caso é o de instituições que lidam exclusivamente com a modalidade a distância, como as universidades abertas europeias. São organizadas com modelos industriais de produção de cursos e utilizam "blocos multimeios" na produção de materiais para diluição do alto investimento em recursos humanos e técnicos. A maioria usa materiais impressos e tutoria. (BELLONI 2012).

As instituições mistas, do tipo integrado, contam com a credibilidade já existente pelo ensino presencial. Com as constantes transformações no ensino

devido à integração de TICs, os sistemas mistos têm um espaço para experimentar a expansão da sala de aula, inserindo práticas da educação a distância no contexto do ensino convencional.

Para Belloni (2012), o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) pode melhorar a qualidade de ensino, mas com um custo alto de investimento inicial em recursos humanos e equipamentos, a ser amortizado a longo prazo. Para isso, o conteúdo precisaria ser genérico o suficiente para que não fique obsoleto. Dentro do âmbito da UFJF, que possui cursos presenciais e a distância, há a possibilidade de produzir materiais didáticos que poderiam ser utilizados em ambas as modalidades de ensino, já que os equipamentos já foram adquiridos e há um mínimo de profissionais à disposição.

A linha de produção aplicada na educação vem do mesmo conceito de gestão aplicável de diversas formas de acordo com a organização. Momo e Behr (2015), relembram que:

Com a expansão da sociedade a gestão iniciou a ser um tópico de estudos obtendo uma expressiva contribuição teórica com o advento da Revolução Industrial. Nesse sentido, destaca-se que, segundo Martins e Toschi (2012) a Revolução Industrial possibilitou um avanço no campo da administração e organização de empresas de forma a contribuir; portanto, com o sistema de gestão. (MOMO; BEHR, 2015, p. 7)

Inicialmente é preciso definir os propósitos do órgão. O planejamento estratégico, segundo Moore e Kearsley (2013, p. 246) é uma das principais responsabilidades dos gestores de educação a distância. É preciso então "[...] definir a visão, a missão, as metas e os objetivos da instituição ou do programa relacionados à educação a distância" (MOORE; KEARSLEY, 2013). Os gestores do Cead se reuniram, em 2011, com todos os funcionários e outra gestão, em 2014, se reuniu com todos os servidores do quadro para estabelecer a visão, missão e metas do Cead, no entanto, elas não estão explícitas no site, nem os funcionários as conhecem.

Além dessas definições, para Moore e Kearsley (2014), é importante priorizar as metas mais importantes, avaliar as demandas dos alunos, acompanhar a tecnologia emergente e projetar o uso do orçamento futuro. O orçamento da própria administração de um centro de educação a distância aliás, é considerado por Moore

e Kearsley (2013, p. 259) um dos mais difíceis, devido a uma tendência a considerarem que deve ser o mais econômica possível. No entanto, o número limitado de colaboradores pode comprometer a eficiência dessa administração.

2.1.2. Demanda na EaD por materiais didáticos

A produção de materiais didáticos está prevista nos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, lançados pelo MEC em 2007, ainda que não tenham força de lei, têm a função de embasar critérios para construção de cursos da modalidade. No documento é indicado que o modo como irão se desenvolver os processos de produção de materiais deve estar previsto no Projeto Político Pedagógico dos cursos. O material “[...] deve desenvolver habilidades e competências específicas, recorrendo a um conjunto de mídias compatível com a proposta e com o contexto socioeconômico do público-alvo.” (BRASIL, 2007. p.13)

É importante destacar que, para o MEC, a experiência com o ensino presencial não é o suficiente para que o professor produza materiais para a modalidade a distância, já que estes seguem uma lógica diferente de concepção. É um trabalho que deve ser feito pelos docentes integrados a uma equipe multidisciplinar, contendo profissionais especialistas em desenho instrucional, diagramação, ilustração, desenvolvimento de páginas *web*, entre outros. A exemplo, Moran traz uma reflexão sobre a adaptação aos cursos a distância:

Muitos professores e alunos encontram dificuldades maiores de adaptar-se à EaD do que eles imaginavam. Muitos docentes e tutores não se sentem confortáveis nos ambientes virtuais, não tem a disciplina necessária para gerenciar fóruns, prazos, atividades. A falta de contato físico os perturba. O mesmo acontece com parte dos alunos, pouco autônomos, com deficiências na formação básica. Para muitos falta disciplina, gestão do tempo: se perdem nos prazos, na capacidade de entender e acompanhar cada etapa prevista. Muitos demoram para adaptar-se aos ambientes virtuais cheios de materiais, atividades, informações. Sentem falta do contato físico, da turma, quando o curso é todo pela WEB. O ambiente digital para quem não está acostumado é confuso, distante, pouco intuitivo e agradável. (MORAN, 2011, p.2)

Para Moore e Kearsley (2014, p. 324) “[...] as “melhores” mídias e tecnologias variam de aluno para aluno [...]”, e cita alguns estudos relevantes no assunto. Mandernach (2009, apud MOORE; KEARSLEY, 2013), revelou em seus estudos que qualitativamente, os complementos multimídia aumentavam o comprometimento do discente. Por outro lado, um estudo quantitativo de Cygman (2008, apud MOORE; KEARSLEY, 2013, p. 325) indicou que o uso de voz e vídeo “[...] não afetou o sucesso acadêmico dos estudantes e não aumentou a satisfação destes com um curso totalmente on-line ou misto.” (MOORE; KEARSLEY, 2013, p. 325).

Como observamos anteriormente, a produção de materiais didáticos no Cead foi iniciada enquanto setor, com recursos do Fomento ao uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nos cursos de graduação. A tecnologia atrelada à educação não está portanto, necessariamente inserida apenas no contexto da EaD. Conforme Parecer do Conselho Nacional de Educação, CNE/CES nº 273/2014, no relatório para credenciamento, destaca-se que, paralelamente aos cursos na modalidade EaD, “[...] vários docentes tem-se utilizado isoladamente dos recursos de EaD na oferta de disciplinas presenciais.” (CNE, 2014. p. 2).

Há que se observar porém, que, enquanto a prática de reproduções de materiais se dá abertamente – embora seja ilegal – nos cursos presenciais, como afirma Benakouche (2000), para a EaD é preciso tomar cuidados em relação a direitos autorais.

As restrições à reprodução de material bibliográfico merecem aqui alguns comentários. De certa maneira, elas estão condicionando a adoção de um modelo de EaD que exige do professor a elaboração do seu próprio livro-texto ou apostila (o que torna o setor editorial um grupo social relevante do modelo em construção). Essa opção também não deixa de apresentar riscos, dessa vez para os alunos, seja pela qualidade variável que tais textos podem ter (tanto existem os bons, como os ruins), seja pela possibilidade desses alunos virem a se contentar apenas com a leitura dos mesmos. (BENAKOUCHE, 2000, p. 13)

Os Referenciais de Qualidade indicam que deve ser elaborado um Guia Geral do Curso, no qual o aluno se pautará para saber quais materiais irá utilizar, como deve utilizá-los e contendo outras informações relativas ao curso. Esta é uma demanda que deve partir dos coordenadores de curso, com antecedência ao início

do mesmo. Moore e Kearsley apontam a importância do gerenciamento de uma programação dos cursos no que tange à produção de materiais:

Em virtude dos materiais do curso terem de ser preparados anteriormente à utilização - e, alguns deles, como as gravações em vídeo, podem precisar de muitos meses para serem produzidos -, é essencial que seja desenvolvida e mantida uma programação bem definida. Geralmente isso assume a forma de um plano de trabalho que relaciona todas as tarefas que precisam ser concluídas, as datas-limite para cada tarefa e quem é responsável por concluir a tarefa. É responsabilidade do administrador encarregado do programa de educação a distância assegurar que a programação do desenvolvimento seja obedecida, de modo que os materiais e programas sejam coordenados e estejam prontos quando os alunos e os instrutores se apresentarem para iniciar a fase interativa do programa. (MOORE e KEARSLEY, 2013, p. 260)

A demanda do professor pela produção de materiais didáticos passa, portanto, primordialmente pela administração do tempo dedicado a essa atividade. Alonso (2010), sustenta, no entanto, que os docentes não recebem os mesmos incentivos para a modalidade EaD que recebem no ensino presencial, e que há uma linha tenue que define o que é função do tutor e do professor:

Os professores para aí atuarem recebem bolsas que variam de R\$ 900 a R\$ 1.200, dependendo de sua formação e experiência na área. O problema é que na maioria das IES públicas o trabalho remunerado não é computado na carga horária semanal dos professores. Assim, o trabalho despendido nos cursos de EaD não aparece nos sistemas de controle das IES ou do Ministério da Educação. Neste caso, a distorção é perversa, já que o trabalho com a EaD implica pouco ou nenhum benefício de longo prazo para as instituições que trabalham com esta modalidade. Além disso, a expansão da oferta de cursos na EaD redundaria em sobrecarga de trabalho dos professores, refletindo na forma pela qual se faz o atendimento aos alunos. (ALONSO, 2010, p. 1329)

Adiante, apresentamos a metodologia empregada neste estudo. Através de entrevistas e questionários buscamos identificar o que motiva a demanda por produção de materiais e também os motivos que os levam a não buscar essa produção.

2.2. Proposta Metodológica

Nesta seção é descrito o percurso a ser feito para levantar informações com o objetivo de analisar os problemas do caso gestão. Para Marconi e Lakatos (2005, p. 159), propor o problema "[...] é tarefa complexa, pois extrapola a mera identificação, exigindo os primeiros reparos operacionais: isolamento e compreensão dos fatores específicos, que constituem o problema no plano de hipóteses e de informações".

Assim, partimos de uma metodologia de coleta de dados, com estudos exploratório-descritivos referentes ao caso estudado, pretendemos apresentar aos gestores do Cead as conclusões desta pesquisa como forma de possibilitar a aplicação de melhorias. Para tanto, como ponto de partida, foi feito um levantamento de fontes primárias, com dados históricos a respeito da educação a distância no Brasil, apontando seu início e marcos de forma a caracterizar o ambiente no qual a modalidade vem crescendo, bem como a apresentação de dispositivos legais no qual se baseia a modalidade no país.

Em seguida, partindo do campo macro para o micro, focamos nos dados estatísticos de desenvolvimento da modalidade no ensino superior, e expusemos, por meio de gráficos, comparativos do ensino presencial e a distância. Para chegarmos à nossa questão problema, concentramos a descrição histórica na UFJF, com um apanhado de como a EaD vem sendo inserida na instituição, a partir de 2005. Assim, no capítulo 1, pudemos enfatizar o Cead, órgão suplementar da UFJF responsável pelo apoio às atividades de educação a distância na universidade.

A descrição do Cead, e mais precisamente do setor de produção de materiais, foi feita com base em emails de 2010 a 2017; leitura de fluxogramas de trabalho; relatórios de produção, cálculos de prazos de produção e experiência profissional, da autora da pesquisa e observadora participante no setor. A hipótese ora defendida é a de que o Cead e o suporte que presta aos cursos é pouco conhecido, o que impacta na demanda de produção de materiais.

A metodologia do estudo é qualitativa, visto que, embora exista a apresentação de números e cálculos, os dados quantitativos servem apenas para comprovar uma situação que se observa, seja da crescente demanda por cursos a distância no Brasil ou mais especificamente da pouca demanda de produção de materiais no Cead, o que configura uma subutilização do setor. Kirschbaum (2013, p. 180) sustenta que pesquisas qualitativas têm interesses subjetivistas e completa:

Pesquisas quali são percebidas como adequadas a uma abordagem em que o foco do trabalho recai sobre a investigação do ponto de vista subjetivo dos indivíduos e suas formas de interpretação do meio social onde estão inseridos (Denzin e Lincoln, 2005). Caracterizam-se por estudos flexíveis, menos estruturados, em que as descobertas de campo levam a desdobramentos que guiam o pesquisador em seus passos (Ragin e Becker, 1992). (KIRSCHBAUM, 2013, p. 180).

Identificamos neste trabalho um caráter exploratório. Marconi e Lakatos (2005, p. 188) definem como objetivo de uma pesquisa com essas características:

[...] a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (MARCONI e LAKATOS, 2005, p.188)

Como instrumentos de pesquisa, utilizamos para a escrita do primeiro capítulo, fichamentos de livros teóricos sobre EaD; documentos de funcionamento do Cead, matérias da imprensa relativas ao Cead, observação direta e entrevistas informais com dois atores envolvidos na gestão e produção no Cead.

Para o segundo capítulo, utilizamos como instrumentos de pesquisa a realização de entrevistas com gestores do Cead e aplicação de questionários a professores da EaD na UFJF. No primeiro caso, temos um universo de cinco diretores do Cead; três coordenadores gerais; e seis coordenadores do setor de produção de materiais. Fizemos uma amostragem não-probabilista, visto que nossa pesquisa não tem caráter quantitativo ou preocupação estatística, e, portanto, pudemos selecionar os entrevistados de acordo com o que achamos mais esclarecedor para nossos objetivos. Escolhemos dois diretores, um tendo atuado também como coordenador do setor, para a entrevista, cujo roteiro consta do Anexo A. O objetivo da entrevista foi coletar dados do ponto de vista da gestão, de forma a diagnosticar o problema que estamos estudando. Marconi e Lakatos (2005, p. 196) apresentam este instrumento de pesquisa como:

[...] uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social. (MARCONI; LAKATOS, 2005, p.196)

A entrevista com os gestores foi semi-estruturada, partindo de um roteiro previamente elaborado (Anexo A), porém, com liberdade para tomar uma direção diferente caso seja necessário e viável.

Como segundo instrumento de pesquisa, foi aplicado um questionário a professores da EaD na UFJF. O instrumento foi escolhido devido às vantagens de economia de tempo, ao ser aplicado para várias pessoas simultaneamente, com respostas mais precisas. Marconi e Lakatos (2005, p. 201) trazem a seguinte definição:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 201)

Segundo os autores, cerca de 25% dos questionários enviados são respondidos. Portanto, precisamos de uma amostragem maior, assim utilizamos todo o nosso universo, de 157 professores, atualmente atuando nos cursos EaD da UFJF vinculados ao Cead.

As perguntas contidas no Anexo B foram enviadas por email, no mês de agosto de 2017, juntamente com uma apresentação da pesquisa e nota de agradecimento. Deixamos o prazo de um mês para retorno. O objetivo deste questionário foi traçar o ponto de vista dos professores em relação à produção de materiais no Cead, assim foi possível identificar os motivos que levam a uma baixa demanda ao setor.

Desta forma, estruturamos nossos instrumentos de pesquisa em dois eixos de análise, que são: a gestão da produção de materiais e a demanda dessa produção. A entrevista com os gestores nos fornecerá o ponto de vista da gestão, e a partir dela, poderemos tentar identificar onde existem falhas de comunicação ou de administração, além de percebermos limitações. As respostas obtidas com o questionário enviado aos professores foi utilizado para análise da demanda dessa produção de materiais, e com ela poderemos ver a real necessidade de se produzir os materiais didáticos, o interesse dos professores e os motivos que levam a uma baixa demanda.

Decidimos adotar a entrevista como instrumento dessa pesquisa de modo a ouvir alguns gestores do Cead. Escolhemos dois diretores do Cead, de períodos diversos, para que tivéssemos visões distintas de gestão e em situações também diferentes. O roteiro das perguntas foi aberto e as entrevistas foram feitas em datas distintas no período que compreende do mês de agosto a setembro de 2017 e duraram em média 40 minutos. As identidades dos entrevistados foram mantidas em sigilo, e, portanto nos referimos a eles como gestores A e B.

Visando facilitar nossa compreensão das respostas e seus reflexos em como o Cead é gerido hoje, dividimos aqui as entrevistas em dois eixos de análise, como apontado anteriormente.

Ambos os entrevistados são professores efetivos da UFJF há mais de 5 anos, tanto na EaD quanto no ensino presencial, têm mais de 40 anos de idade, possuem doutorado e são da área de Exatas. A gestora A tem duas especializações na área de EaD, e em uma delas havia formação sobre gestão para a EaD. O gestor B não tem formação específica para a EaD nem para gestão.

Entendemos que precisamos ouvir os professores para buscar potencializar a produção de materiais no Cead. O atendimento deste setor é feito diretamente aos professores, portanto somente a visão dos gestores não é suficiente para que possamos compreender os motivos que levam a demanda de produção a oscilar durante os anos. Buscamos essas respostas através de um questionário que trace o perfil do “cliente” da produção de materiais e aponte os pontos fracos e fortes que esses encontram no Cead.

O questionário foi produzido na ferramenta Formulários do Google, e enviado por email aos 157 professores dos cursos de graduação e pós graduação da UFJF oferecidos na modalidade EaD por meio do Cead, com exceção dos cursos de Especialização em Gestão Pública, em Gestão Pública Municipal, e em Gestão Pública de Organizações de Saúde, cursos estes vinculados ao Programa Nacional de Formação em Administração Pública, PNAP, e portanto já seguem um formato com materiais prontos.

Os professores que receberam o questionário foram responsáveis pelas disciplinas oferecidas no segundo semestre de 2016 e no primeiro semestre de 2017.

O questionário continha 37 perguntas de múltipla escolha organizadas conforme três eixos de análise: perfil, materiais didáticos e produção de materiais didáticos no Cead.

O questionário foi enviado no dia 22 de agosto de 2017 com prazo para respostas até o dia 22 de setembro de 2017. Ao final deste período obtivemos 47 respostas, ou seja, 30% dos professores responderam ao questionário.

O gênero declarado não terá relevância para a nossa análise, visto que entre os professores que responderam ao questionário, aproximadamente metade eram homens (46,8%) e aproximadamente metade mulheres (53,2%).

O primeiro bloco foi o "Perfil". A intenção com essas perguntas era determinar quem são os professores que responderam o questionário, com o intuito de saber o grau de experiência destes professores, a faixa etária e o nível acadêmico, bem como iniciar uma ambientação dos respondentes às perguntas.

Como segundo eixo de análise, focamos nos materiais didáticos. As perguntas foram focadas em tipos de materiais didáticos, e em como eles os produzem. A intenção com essas perguntas foi a de que pudéssemos descobrir as preferências e necessidades dos professores quanto à produção de materiais didáticos.

As perguntas finais do questionário se referiram especificamente à produção de materiais do Cead. Desta forma, poderemos analisar se os tipos de materiais que os professores produzem, utilizam ou têm interesse em produzir são produtos oferecidos pelo Cead. Além disso, buscamos compreender a opinião destes professores sobre o setor de produção do Cead e os serviços prestados por este.

2.3 Gestão da Ead No Ensino Superior

O estudante da EaD, até o fim do século passado visto como marginalizado, pertence hoje a um grupo potencial mais reflexivo e exigente, segundo Belloni (2012). Para a autora, ainda que se associe a ideia de uma aprendizagem autônoma à EaD, com as experiências sendo utilizadas, com maturidade do aluno e o professor como recurso, o que se observa como perfil do estudante da modalidade ainda é voltado a uma aprendizagem passiva, em que o aluno recebe o que é dado e repete o que aprendeu nas avaliações.

Para ir além das afirmações puramente retóricas, porém, será necessário que os professores (os “da academia”) que elaboram metodologias e/ou as aplicam considerem efetivamente que, embora seja o professor quem realiza o “trabalho observável” de definir e distribuir o currículo, quem realiza a aprendizagem é o aluno. (BELLONI, 2012, p. 44)

Cabe ao professor, no entanto, “mediatizar”, como menciona Belloni (2012), ou seja, selecionar e criar conteúdos que formem um meio para que o estudante consiga aprender de forma autônoma.

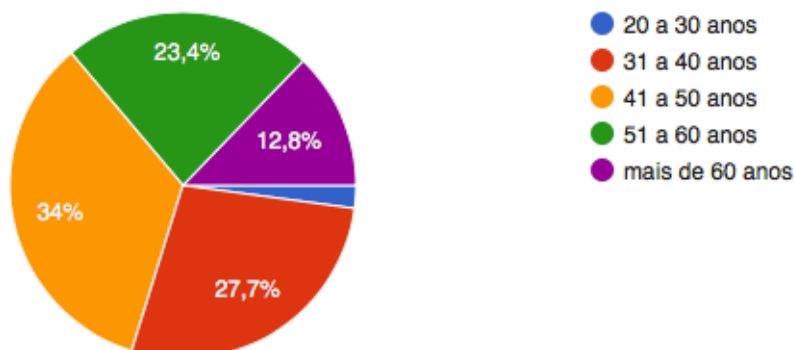
2.3.1 Perfil dos professores

A maior parte dos questionados têm mais de 40 anos de idade (70,2%) e são professores experientes tanto na modalidade EaD, em que 59,6% atuam há mais de 5 anos, quanto no ensino presencial, em que 59,6% atuam há mais de 5 anos. Além da vivência como docentes, devemos levar em conta também o nível acadêmico dos questionados, em que 74,5% são doutores.

O Gráfico 7 nos mostra que a proporção de professores mais jovens é pequeno em relação aos de mais de 40 anos. Por estarmos tratando da atuação em cursos de graduação, a formação exigida para ser professor destes cursos é maior, e portanto é menos provável que um professor muito jovem já tenha a formação necessária. No entanto, o maior uso de tecnologias é normalmente associado a gerações mais novas. Com isso, concluímos que a maioria dos professores da EaD na UFJF são de uma geração que foi menos familiarizada com a utilização das TICs.

Gráfico 7 - Faixa etária dos pesquisadores

47 respostas

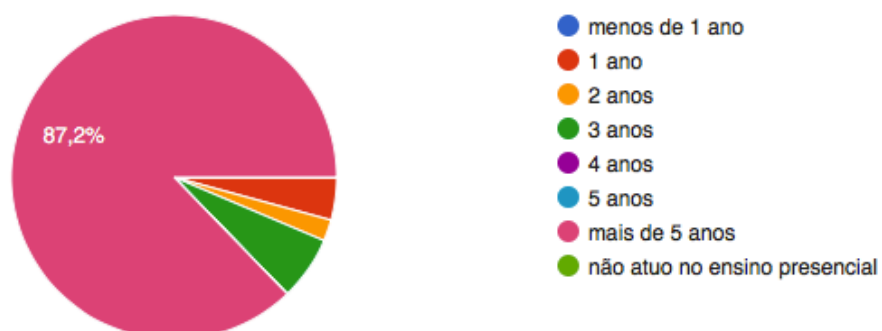


Fonte: Elaborado pela autora

Assim como a faixa etária da maioria dos professores é de mais de 40 anos, a experiência desses professores também é mais longa, com 40 deles atuando há mais de 5 anos no ensino presencial. Apenas dois respondentes disseram que não atuam no ensino presencial.

Gráfico 8 - Tempo de atuação do docente no ensino presencial

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

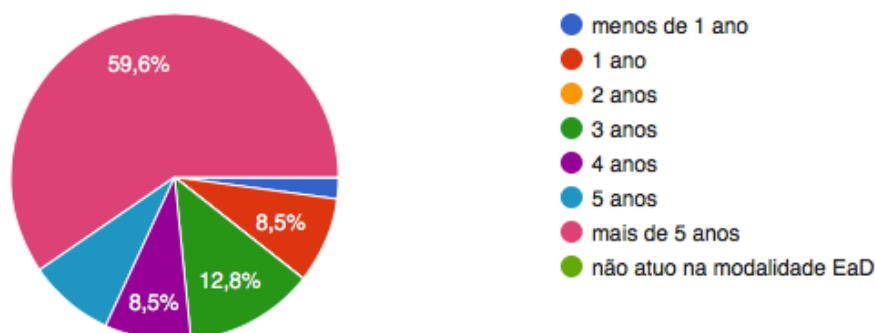
Uma maior experiência no ensino presencial, no entanto não leva necessariamente a uma maior qualidade enquanto professor da EaD. Para Moran (2011), a EaD é uma modalidade que tem os mesmos objetivos que o ensino presencial no que tange à “formação integral dos alunos em nível intelectual, emocional e ético” (p. 111), e portanto é natural que tenha características em comum. No entanto, o autor aponta que estes resultados estão distantes de serem atingidos mesmo no ensino presencial, o que levaria a uma repetição dos erros e acertos independentemente da modalidade.

No Brasil, a maior parte dos profissionais de EaD no ensino superior vem da modalidade presencial, com os mesmos pressupostos teóricos, metodologias e visões de mundo. Tanto no ensino presencial como no ensino a distância predominam a fragmentação do conhecimento, a transmissão de informações e a centralidade da ação pedagógica no professor. Inicialmente, a EaD reforça as mazelas teóricas da educação presencial, ampliando a visão distorcida da construção do conhecimento. Nessa modalidade, a ênfase está no conteúdo e nos materiais didáticos, sejam eles impressos ou digitais. No entanto, se os modelos pedagógicos e mentais dos principais responsáveis pela EaD continuarem os mesmos, será muito difícil preparar rapidamente profissionais para que possam atuar dentro de uma nova visão. (VALENTE, MORAN, 2011, p. 112)

O tempo de experiência dos professores atuando para a EaD também é de mais de 5 anos para a maioria (59,6% segundo o Gráfico 9). Este dado pode ser um reflexo da própria faixa etária da maioria dos professores, que já estão há mais tempo atuando como professores também do ensino presencial. Pode haver também uma ligação com a maior oferta de novos cursos mais de 5 anos atrás, e portanto, ocorreram mais oportunidades para os professores mais antigos atuarem na modalidade a distância.

Gráfico 9 - Tempo de atuação do docente na EaD

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

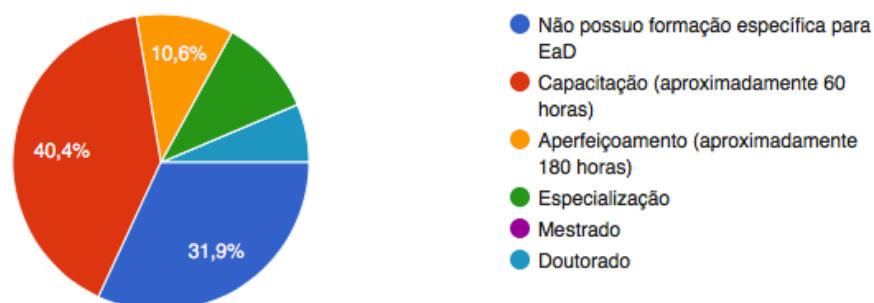
Por outro lado, os professores que têm experiência como alunos da modalidade EaD são minoria, com 36,2% declarando que já foram alunos de algum curso nesta modalidade. Assim, temos opiniões de professores experientes como docentes, mas que não têm, em sua maioria, a vivência como um aluno da EaD, o que pode trazer discrepância entre o que é oferecido aos alunos e o que desperta o interesse deles.

A pergunta sobre a área de formação foi aberta, portanto tivemos respostas diversas, com professores apontando a área de graduação, outros de pós-graduação. As áreas com maior destaque foram as de Educação, com 10 respostas, seguidas por Administração, com 5 respostas e Ciências da Computação com 4 e também 4 da Matemática.

Quanto à formação específica para a EaD, 68,1% dos questionados receberam algum tipo de curso sobre a modalidade. A maioria entre os que têm formação específica, que representam 40,4% do total de professores respondentes, diz possuir capacitação, curso de aproximadamente 60 horas. O aperfeiçoamento foi o curso mencionado por 10,6% dos professores e os outros 17,1% têm Especialização ou Doutorado na área, conforme representado no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Formação do docente na área de EaD

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Aproximadamente 1/3 dos professores questionados não possuem formação específica para a EaD, e no entanto atuam na modalidade. Isso pode remeter a uma maior chance de transposição do ensino presencial para a modalidade a distância sem as adaptações apropriadas para a modalidade.

O perfil da maioria dos professores questionados é, portanto, de docentes experientes tanto no ensino presencial quanto a distância; professores das licenciaturas em sua maioria; têm doutorado e alguma formação específica para a EaD, embora ainda há uma parcela considerável sem qualquer formação para atuar na modalidade. A maioria dos professores não foram alunos de cursos na modalidade EaD.

Maia e Mattar (2007, p 89) afirmam que tanto alunos quanto professores devem assumir novos papéis em EaD. Para eles, os professores teriam receio que sua função estivesse sendo substituída por softwares e outros profissionais administrativos. Essa substituição é na verdade uma soma de profissionais que formam uma “entidade coletiva”, visto que é a instituição quem coordena um curso a distância, com autores, designers, tutores. Com essas características, a EaD traz novas possibilidades para os professores, que não precisam se restringir a atuarem como no ensino presencial.

Como autor de material para EaD, o professor tem agora que elaborar e organizar conteúdos. Para isso, precisa desenvolver novas habilidades, como focar poucos conceitos em cada aula; planejar o material de maneira que o aluno tenha tempo suficiente para percorrer

as aulas e realizar as atividades; definir letras, tamanhos, cores e fundos para integrar à mensagem; fazer escolhas no material visual a ser utilizado nas aulas (como esquemas, diagramas, gráficos, tabelas, figuras, imagens, fotos etc.); planejar sons e animações; dominar recursos multimídia; e assim por diante. Abrem-se, para o antigo professor presencial, possibilidades de se tornar um designer de seus cursos, tanto no sentido restrito de um designer gráfico e visual como no sentido amplo, ou mesmo como responsável pela tecnologia educacional, quanto no sentido de assumir propriamente a posição de um designer instrucional em uma instituição, tornando-se responsável pelo planejamento geral de cursos e disciplinas. O professor pode ser também peça essencial nos projetos de desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem, já que é ele quem tem experiência em educação, no contato com o aluno e no acompanhamento de seu aprendizado. (MAIA, MATTAR, 2007, p. 90)

Essa visão leva ao professor a responsabilidade de se atualizar em áreas de criação, como design gráfico e edição de vídeo, que demandam tempo e recursos os quais esses profissionais podem não ter interesse em disponibilizar. Dessa forma, o setor de produção de materiais do Cead é um ponto de apoio para os docentes, já que tanto a infraestrutura quanto a equipe já estão preparadas para atender as demandas relativas a design e edição propriamente ditas. As capacitações aos professores poderiam ser portanto voltadas a apresentações de possibilidades que as tecnologias podem fornecer, com ajuda de profissionais que já atuam com elas.

2.3.2 Capacitações

Em um primeiro momento, é importante definir que as capacitações as quais nos referimos nessa pesquisa devem ter o objetivo de auxiliar coordenadores, professores, tutores e equipe de apoio a atuarem na EaD. Para Valente (2012), essa é a preparação de profissionais de educação que:

Em linhas gerais, significa criar condições para que o profissional da educação possa não só conhecer os aspectos teóricos ligados à área do conhecimento em que atua e conceitos sobre EaD, mas também vivenciar, experimentar e entender o significado de construir conhecimento mediado pela tecnologia, além de saber criar e gerir ambientes para que aprendizes vivenciem a espiral da aprendizagem (Valente, 2002) em diferentes dimensões: na relação

consigo mesmo, na sua prática e na relação com a sua comunidade. (VALENTE, MORAN, 2012, p 115)

É da competência do Cead oferecer capacitações para atuação em EaD, segundo o regimento do órgão (UFJF, 2010). No artigo 1º alínea III a VI, observamos que são atribuições do Cead:

- III. incentivar a produção do conhecimento em EAD;
- IV. manter estrutura de apoio à qualificação de servidores docentes e técnico- administrativos para atuarem em EAD;
- V. apresentar, perante os órgãos competentes, propostas relativas a ações de EAD;
- VI. promover congressos, simpósios e similares sobre assuntos relacionados com EAD; (UFJF, 2010)

Perguntamos aos antigos gestores do Cead sobre as capacitações que foram oferecidas aos professores e coordenadores da EaD em suas gestões. A gestora A afirma que foram realizados vários trabalhos nesse sentido, inclusive capacitação para uso de celulares e web na educação, com “mídias mais práticas”. A gestora aponta que não fez capacitações enquanto atuou como professora de cursos a distância pois já tinha especializações na área de EaD, e afirma ainda que não lembra de terem oferecido a ela capacitações para trabalhar com o *Moodle*, mas disse que sempre questionou a equipe responsável pelo *Moodle* pedindo novas funcionalidades, é possível inferir que aprendeu muito com a própria experiência de trabalhar na plataforma.

O gestor B contou que em sua gestão havia capacitações de uma a duas vezes por ano, mas apontou que havia problemas de adesão dos cursos, por falta de credibilidade na capacitação oferecida ou por entenderem que esta não era necessária. Segundo ele:

Primeiro a gente tentou fazer uma coisa bem ampla para dizer o que era educação a distância. Depois aqueles professores que atuavam em Educação a distância a gente tentou capacitar mostrando quais eram as formas ou material como se poderia fazer Educação a distância para mostrar que inclusive era muito diferente de você dar aula presencial. Também teve para produção de material. A gente chegou a fazer alguns cursos lá. O problema novamente é que alguns cursos achavam que eles sabiam mais do que a gente. (Gestor B, 2017)

Para Belloni (2012), há três dimensões para organizar a formação de professores, seja na EaD ou no ensino presencial: pedagógica, tecnológica e didática. A parte pedagógica aborda “atividades de orientação, aconselhamento e tutoria, e inclui o domínio de conhecimentos relativos ao campo específico da pedagogia” visando o ensino-aprendizagem. A dimensão didática se refere a atualizações no seu próprio campo científico. O Cead pode concentrar suas capacitações na segunda dimensão, a tecnológica, que segundo Belloni:

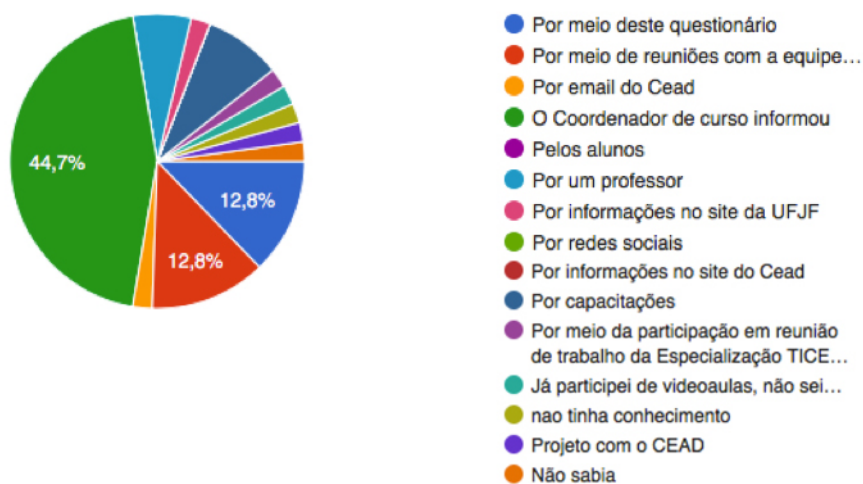
[...] abrange as relações entre tecnologia e educação em todos os seus aspectos: a utilização dos meios técnicos disponíveis, que inclui avaliação, a seleção de materiais e a elaboração de estratégias de uso, bem como a produção de materiais pedagógicos utilizando esses meios, isto é, o conhecimento das suposições metodológicas que a utilização desses meios implica e a capacidade de tomar decisões sobre o uso e a produção de tais materiais. (BELLONI, 2012, p 96)

No questionário, perguntamos aos professores sobre o conhecimento da oferta de produção de materiais pelo Cead. Observamos que a maioria dos professores sabe que o Cead pode produzir materiais, mas aproximadamente 1/5, ou seja, 9 destes professores não tinham esse conhecimento desta possibilidade. Desta forma, podemos inferir que a divulgação desse serviço pelo Cead pode ser um plano de ação para aumentar a demanda de produção de materiais no Cead e com isso potencializar a utilização do setor dentro da UFJF.

A partir do gráfico 11, podemos inferir que o coordenador do curso tem um importante papel na divulgação do serviço de produção de materiais do Cead, visto que quase metade dos professores respondentes, 44,7% ou 21 deles, revelaram que souberam dessa produção através do coordenador do curso. Reuniões também tiveram destaque, com 12,8% dos respondentes afirmando que souberam do serviço de produção de materiais do Cead através de reuniões com a equipe, e outros 12,8% só souberam através deste questionário. Apenas 4 professores informaram que souberam da produção de materiais do Cead através de capacitações.

Gráfico 11 – Formas de conhecimento sobre a produção de materiais didáticos pelo Cead

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

O setor de produção de materiais é uma parte do que apresenta o Cead. A divulgação e crescimento do setor dependem portanto da visão que os gestores têm em relação a produção de materiais para os cursos. Na próxima seção, buscamos a opinião de gestores passados sobre o peso do setor de produção no Cead.

2.3.3 A importância do setor de produção de materiais dentro do Cead

A gestora A acredita que o setor de produção de materiais teve mais importância dentro do Cead enquanto havia um orçamento proveniente da UAB destinado a produção de materiais didáticos. Para ela, o setor deveria ter maior visibilidade, visto que o material didático tem um grande peso na interação entre o aluno e o professor que não está presente fisicamente.

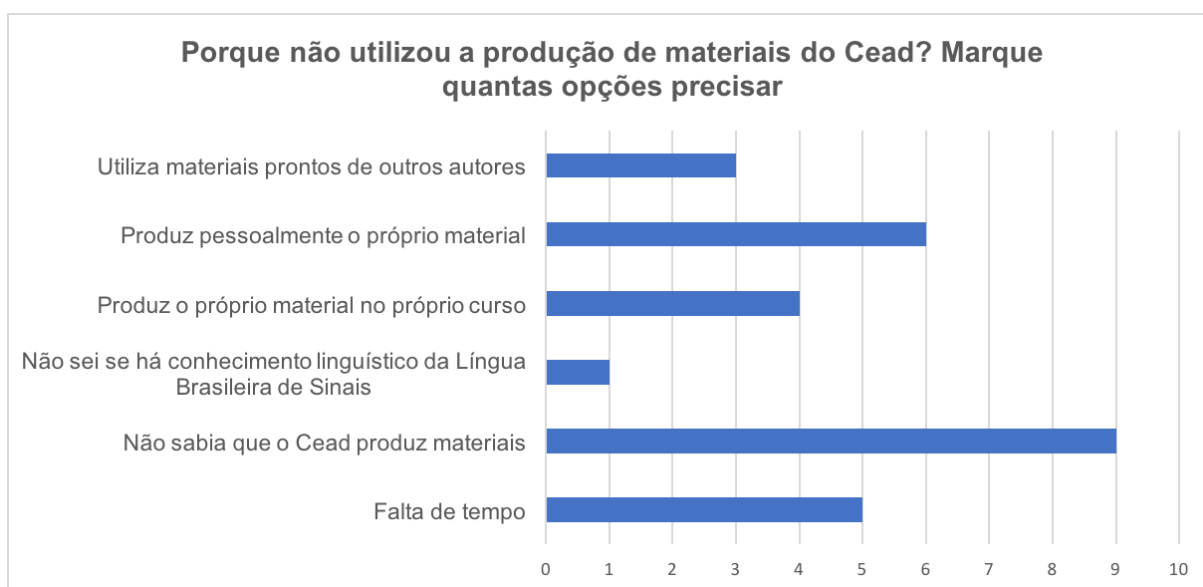
O gestor B corrobora com ela ao dizer que na gestão dele, o setor de produção era “a menina dos olhos” do Cead. Para ele, a principal função do setor deveria ser a de pesquisar as possibilidades de aplicações de tecnologia no ensino, visto que os jovens de hoje são de uma geração digital, que não tem o costume de usar livros, mas sim *tablets* e *smartphones*, conforme ele:

O Cead tem que ter como sendo a função principal ficar antenado com as mudanças que estão acontecendo. Se você olhar o estatuto do Cead você vai ver que lá não fala só de educação a distância. Fala justamente das novas tecnologias. Porque eu entendo que a gente tinha que ter um lugar aqui na universidade para ser antenado, para olhar e falar assim: “Olha, estão surgindo essas tecnologias porque a gente não usa pra facilitar a vida do estudante, para melhorar essa interação, essa relação ensino-aprendizagem como estudante?” Se tem isso porque a gente vai dificultar mais? Porque a gente não faz uma pesquisa em cima disso? Não produz nesses termos? Então o objetivo daquela produção de materiais, daquele setor de produção de materiais sempre foi isso. Se você olhar, você vai ver que os equipamentos que tem lá no Cead, os melhores estão nesse setor, os mais caros inclusive. Tudo foi feito com objetivo da gente estar fazendo essa atualização, da gente estar antenado, de fazer propostas. (Gestor B, 2017)

Perguntamos aos professores se eles já haviam utilizado os serviços de produção de material do Cead. Mais da metade dos professores questionados já utilizou a produção de materiais didáticos do Cead, ou seja, 27 dos 47 professores que responderam o questionário, já tiveram alguma experiência no setor de produção do Cead. Se levarmos em conta que entre os 42,6% que disseram nunca terem utilizado os serviços do Cead, havia uma parcela que não conhecia (19,1%), concluímos que 23,5% dos professores conhecem o serviço do Cead e não optam por utilizá-lo.

Assim, é preciso investigar os motivos que levam a não procurar o setor de produção do Cead para criar materiais didáticos. A metade dos professores que não procuram o Cead apontou como motivo o fato de que não sabiam que o Cead produz materiais (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Motivos da não utilização do setor de produção de materiais didáticos do Cead



Fonte: Elaborado pela autora

Dezoito professores responderam a essa pergunta, de forma que poderiam marcar mais de uma resposta. Entre as 28 respostas apontadas, 10 foram referentes a produzir pessoalmente o próprio material, três afirmaram utilizar materiais de outros autores e cinco disseram que não utilizam a produção de materiais do Cead por falta de tempo. Nenhum professor apontou como motivos para não utilizar o Cead, a falta de verba ou má qualidade do trabalho, ou não achar importante a produção autoral ou achar trabalhoso demais e mal remunerado.

Concluimos que o desconhecimento em relação a existência de um setor de produção de materiais no Cead, tem um importante peso para que os professores não busquem o apoio do Centro para essa produção. Da mesma forma, alguns professores apontaram a falta de tempo como um empecilho para procurar o Cead.

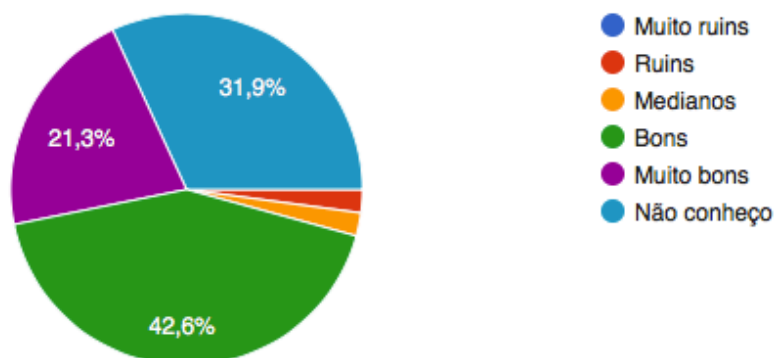
Para atingir os professores que não possuem conhecimento sobre a produção de matérias do Cead, o Centro deve buscar divulgar o trabalho desenvolvido, principalmente através dos coordenadores de curso e em reuniões. Já para os professores que já conhecem o setor, o Cead pode oferecer opções de produção de material mais rápidas, bem como um auxílio àqueles que optam por produzir pessoalmente o próprio material.

Visto que a qualidade técnica do material seria um diferencial para que um professor procurasse a produção de materiais do Cead, e que, de forma contrária,

um produto de baixa qualidade poderia afastar essa demanda, perguntamos aos professores suas opiniões a respeito do material produzido no Cead (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Qualidade dos materiais didáticos produzidos pelo Cead

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

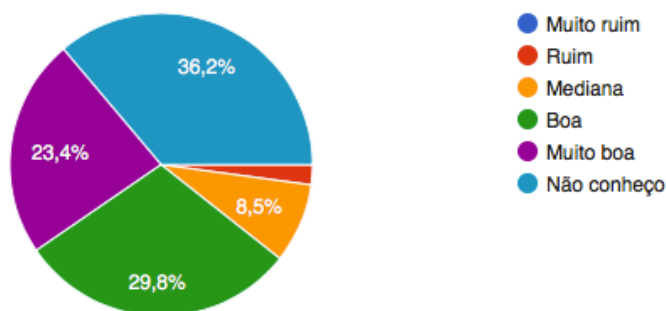
A maioria das opiniões foi positiva, classificando os materiais produzidos pelo Cead como bons (42,6%) ou muito bons (21,3%), que somam 63,9% de aprovação. Ninguém classificou os materiais como “muito ruins” e as opiniões negativas ou medianas somam 4,2%. Quase um terço dos respondentes disse não conhecer os materiais, 31,9%. Se tirarmos dessa parcela os 19,1% que afirmaram que não sabiam que o Cead produz materiais (Gráfico 29), percebemos que 12,8% dos entrevistados conhecem o setor de produção de materiais mas não conhecem o que é produzido lá. Neste sentido, a divulgação do serviço pode ser focada também em uma demonstração do que pode ser feito e de serviços já realizados no setor como exemplos.

Um apontamento que fizemos ao longo dessa pesquisa foi a infraestrutura do Cead, incluindo a do setor de produção de materiais didáticos, que foi descrita no capítulo 1, a qual de forma resumida retomamos aqui como, prédio próprio, equipamento de ponta, sala de informática, de web e videoconferência, um estúdio de gravação, uma rádio e uma gráfica. No questionário aplicado aos professores,

perguntamos como estes classificam a infraestrutura do setor de produção de materiais do Cead, e o resultados está apresentado no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Classificação da infraestrutura do setor de produção de materiais didáticos do Cead

47 respostas



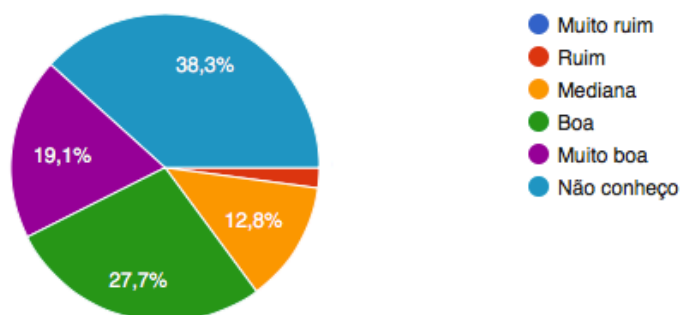
Fonte: Elaborado pela autora

Aproximadamente metade dos respondentes, 53,2%, classificam a estrutura positivamente, como boa ou muito boa. Mais de um terço dos professores, 36,2%, disseram não conhecer a infraestrutura do setor de produção de materiais. Um resultado muito parecido foi o do Gráfico 35, em que 38,3% dos professores disseram não conhecer o serviço prestado pela produção de materiais do Cead.

É preciso levar em conta essa questão também no plano de ação visto que ao demonstrar que há bons recursos para a criação de material, os professores podem dar maior credibilidade ao Cead enquanto centro de apoio nesse sentido e isso poderia levar a um aumento de demanda e melhor utilização do espaço dentro da UFJF.

Gráfico 15 – Classificação da prestação de serviços do setor de produção de materiais do Cead

47 respostas

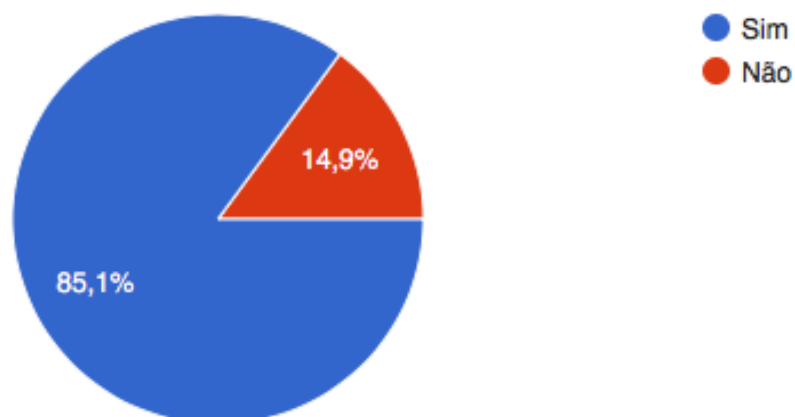


Fonte: Elaborado pela autora

Após as perguntas que buscaram traçar a opinião que os professores possuem do setor de produção de materiais do Cead, perguntamos se há intenção destes em produzir materiais com o apoio do Centro. O gráfico 16 nos mostra que a maioria dos respondentes, 85,1% deles, procurariam o Cead para produção de materiais.

Gráfico 16 – Intenção de procurar o Cead para produção de materiais didáticos

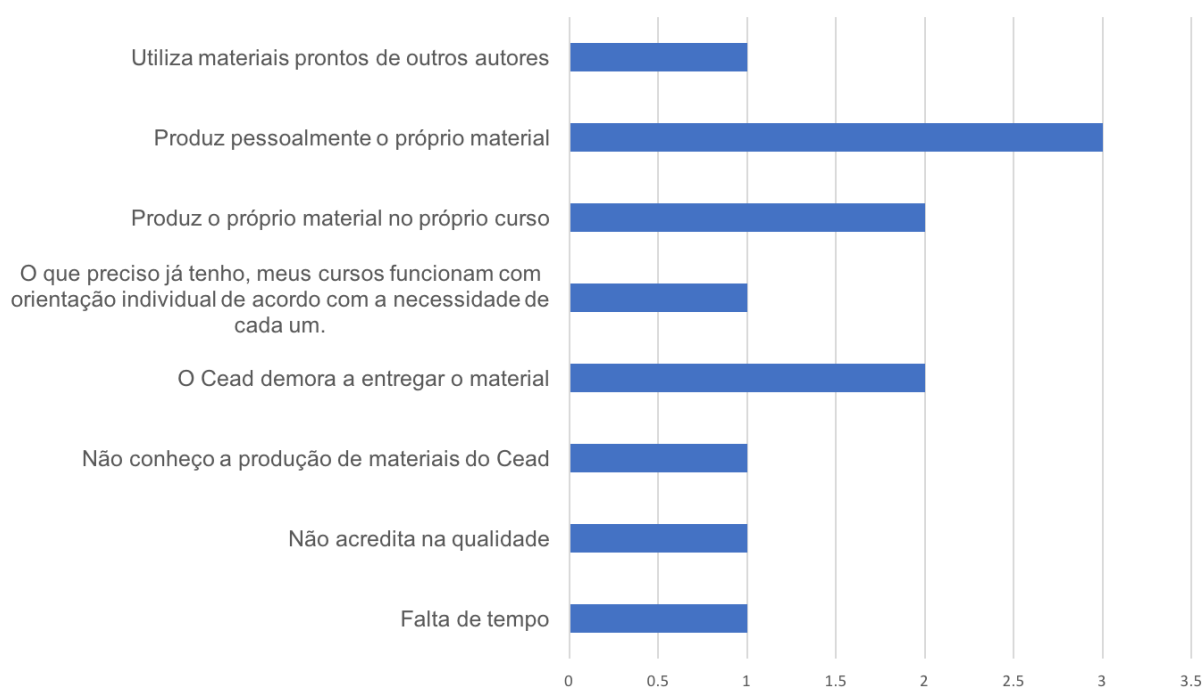
47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Aos que não procurariam o Cead, foi perguntado o motivo. Novamente teve destaque a produção própria do material utilizado em aula (Gráfico 17). Entre as sete pessoas que não produziram material com o Cead, cinco apontaram que produzem pessoalmente o próprio material. Um afirmou utilizar materiais de outros autores, um apontou para a falta de tempo para produzir, dois acreditam que o Cead demora para entregar o material, um disse não acreditar na qualidade do material produzido pelo Cead e um afirmou que não conhece a produção do setor. Visto que tivemos 19,1% dos respondentes, ou seja, 9 professores que não sabiam que o Cead produzia materiais e apenas um professor disse que o motivo que o leva a não procurar o Cead é o fato de não conhecer o trabalho realizado, podemos concluir que os outros professores que passaram a saber que o Cead faz esse tipo de serviço, considerariam a possibilidade de produzir materiais com o apoio do setor. Mais uma vez, a divulgação da infraestrutura do setor e demonstração do que é produzido lá se faz necessária para buscar um aumento de demanda e, conseqüentemente, uma potencialização do setor no âmbito da UFJF.

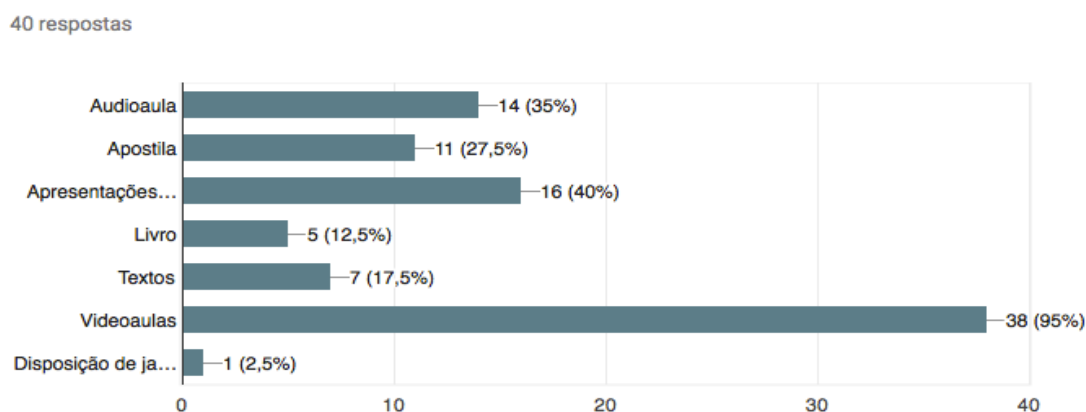
Gráfico 17 – Motivos dos docentes não procurarem o Cead para a produção de materiais didáticos



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os professores que responderam que procurariam o Cead para produzir material, procuramos saber quais produtos eles buscariam. O gráfico 18 nos mostra que a videoaula é o serviço mais desejado pelos professores, com 95% das indicações.

Gráfico 18 – Tipo de material didático que os professores produziram no Cead



Fonte: Elaborado pela autora

Os outros tipos de materiais não chegaram a corresponder a metade das respostas apontadas. Vemos então que o Cead pode focar a divulgação do setor para a produção de videoaula, e esse ponto pode ser levado em conta ao sugerirmos um plano de ação, do ponto de vista de gestão do Cead, seja para recursos humanos ou de equipamentos.

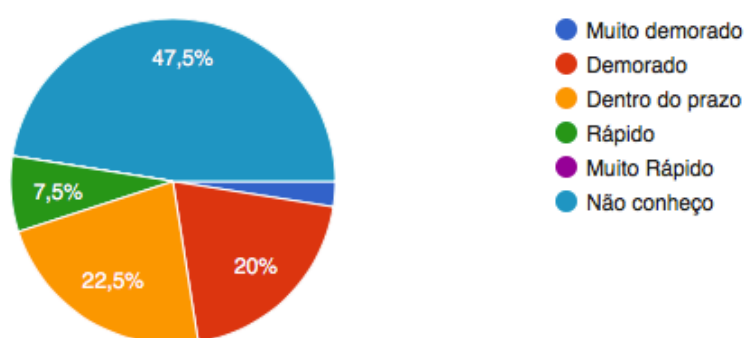
Valente e Moran (2011, p. 77) questionam a necessidade de produção isolada de materiais didáticos e propõem uma forma de diminuir custos para uma produção compartilhada:

As universidades públicas, por meio da gestão da UAB, poderiam criar materiais, principalmente audiovisuais, de maneira integrada, gastando menos recursos na produção e concentrando-os mais na tutoria e na adaptação à realidade regional. Universidades com mais competência reconhecida em algumas áreas fariam essas produções de videoaulas e do material de apoio básico (livros, apostilas, atividades etc.), que serviriam de base para os cursos semelhantes de outras instituições e teriam algumas adaptações regionais, aproveitando a maior parte da produção já pronta. (VALENTE e MORAN, 2011, p. 77)

O prazo de entrega dos materiais do Cead não teve um número positivo expressivo (Gráfico 19). Pouco menos de $\frac{1}{4}$ dos professores consideram que o Cead entrega os materiais dentro do prazo, e um pouco menos consideram esse mesmo prazo demorado. Aproximadamente metade dos professores disseram não conhecer o prazo de entrega dos materiais.

Gráfico 19 – Prazo do Cead para entrega dos materiais didáticos

40 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

É curioso observar que apesar de 47,5% dos professores não conhecerem o prazo de entrega dos materiais, foi apontado anteriormente que a falta de tempo é um motivo para não produzir materiais com o apoio do Cead. Ou seja, a falta de tempo do professor não é relativa à espera pela entrega do material (já que eles não sabem qual é o prazo de entrega). Pode ser no entanto, em relação a preparar o material ou ainda a tomar a iniciativa de procurar o Cead ou de estar presencialmente lá. Este é um ponto a ser considerado ao pensarmos em um plano de ação para otimizar o setor de produção de materiais. Como atender o professor que não tem tempo para procurar o Cead?

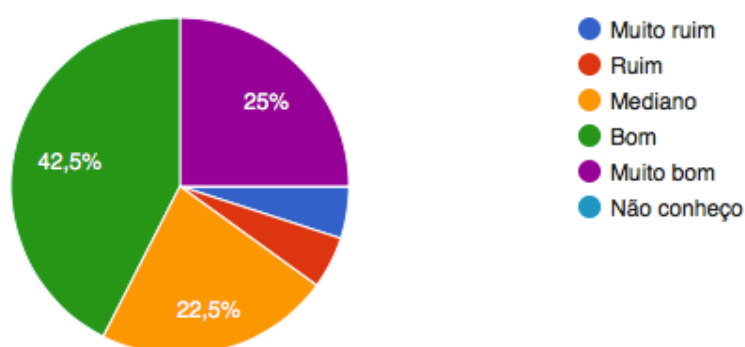
Embora não seja administrada pelo Cead, a plataforma *Moodle* é onde estão disponibilizados os cursos e seus materiais, por isso fizemos perguntas acerca dela, de modo que possamos isolar opiniões sobre o local onde é apresentado o material em si.

Em geral, os professores estão satisfeitos com o acesso ao *Moodle* UFJF e com a disponibilização de materiais na plataforma (Gráfico 20). Quanto à aparência

da plataforma, metade dos professores consideram boa ou muito boa, e mais de 1/3 dos professores considera a aparência mediana. Visto que a interface da plataforma é o primeiro contato que professores e alunos têm com o curso, e importante que o ambiente seja agradável, ou todo o conteúdo pode ser prejudicado.

Gráfico 20 – Facilidade para disponibilizar materiais didáticos no Moodle UFJF

40 respostas

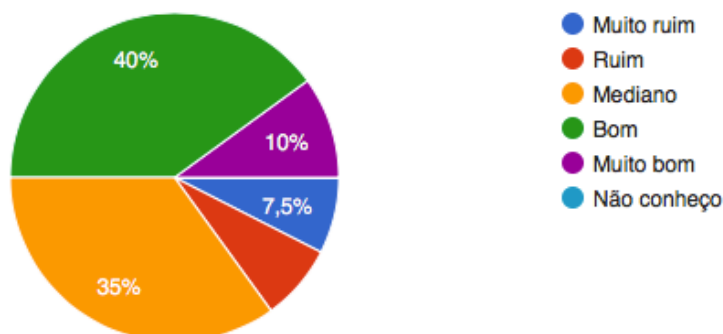


Fonte: Elaborado pela autora

O setor de produção de materiais elaborou a aparência atual do *Moodle* UFJF - que metade dos professores considera boa ou muito boa, como podemos observar no Gráfico 21 - e também criou o *layout* para a próxima versão do Moodle UFJF que será disponibilizada em 2018, sem data definida. A satisfação com a plataforma indica que os materiais elaborados não estão sendo incompatíveis com a forma como eles são apresentados, portanto não há o que ser indicado no plano de ação nesse sentido.

Gráfico 21 – Aparência do Moodle UFJF

40 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Concluimos com a aplicação do questionário, que os professores da EaD da UFJF são experientes tanto no ensino presencial quanto a distância; são professores das licenciaturas em sua maioria; têm doutorado e alguma formação específica para a EaD, no entanto não foram alunos de cursos na modalidade EaD. Utilizam e produzem materiais escritos ou audiovisuais em uma mesma proporção, produção sazonal, possivelmente a cada semestre. Muitos produzem sozinhos seus materiais e sentem a necessidade de um auxílio de um designer instrucional, embora exista uma parte deles que não sabe o que o profissional faz. Consideram ainda, que as videoaulas é o material mais eficaz para o aprendizado do aluno na EaD. Sabem que existe o setor de produção de materiais didáticos no Cead, conheceram através dos coordenadores de curso, mas apenas metade dos professores já utilizou o serviço. Se não utilizaram, não o fizeram por falta de tempo, por produzirem seu próprio material ou por não conhecerem o serviço do Cead.

Uma grande parte dos professores afirma não conhecer a infraestrutura do Cead, os materiais produzidos ou os serviços prestados pelo setor de produção de material. A maioria dos professores estão abertos a procurarem o Cead para produzir materiais e a preferência da maior parte deles é pela produção de videoaula.

2.3.4 Importância do material autoral

Um ponto a se refletir sobre a produção de materiais didáticos para a EaD é a necessidade de se produzir materiais novos. Com a facilidade de disponibilidade de conteúdos *online*, é preciso mensurar se os custos para a produção de um novo conteúdo são válidos ou se a seleção de material existente já seria o bastante e de forma mais eficiente. Belisário (2003), considera que os materiais didáticos se constituem em um problema recorrente nos cursos a distância, com a apresentação de apenas "simples tutoriais ou apostilas disponibilizadas eletronicamente, ou ainda meras sugestões de leitura ou propostas de realização de exercícios preparatórios para a realização de provas". Para ele, a interatividade e a comunicabilidade devem ser conceitos norteadores para a elaboração de um material para a EaD, visto que este material será o meio em que o aluno estará inserido, ou como Barrenechea (2001) definiu, "as aulas na EaD estão organizadas dentro de um espaço pedagógico chamado material didático". Belisário (2003) acredita que a interatividade leva o aluno a ser mais dinâmico e crítico, bem como tende a desfazer a ideia do professor-transmissor e aluno-receptor:

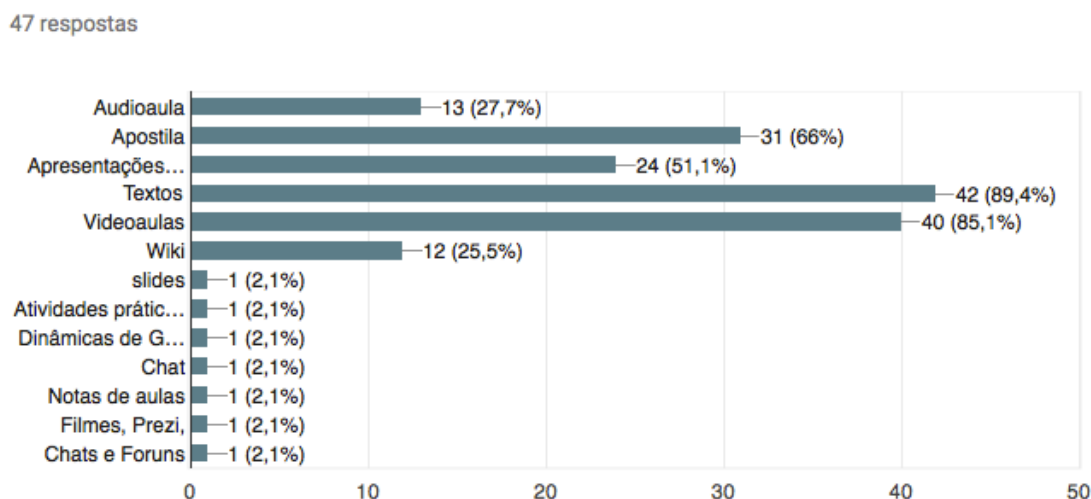
Destaca-se assim a importância do material didático nesse processo, no qual o professor passa a exercer o papel de condutor de um conjunto de atividades que procurar levar à construção de conhecimento; daí a necessidade desse material apresentar-se numa linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa garantir um certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora. (BELISÁRIO, 2003, p. 140)

Perguntamos aos gestores sobre a importância de se produzir novos materiais didáticos. O gestor B disse na entrevista que tem dúvidas sobre a importância de se produzir materiais autorais, visto que há uma grande diversidade de materiais disponíveis em rede, onde é possível conseguir tudo que se planeja. Para ele, as adaptações do material existente para o formato que se deseja são o mais importante, e que se essas junções de conteúdo se constituírem em um material autoral, ali estará a identidade da instituição e isso seria importante.

Procuramos saber através do questionário aplicado, quais materiais os professores já utilizam em suas aulas. Esta pergunta aceitava mais de uma resposta, portanto, dos 47 professores, obtivemos 169 respostas a essa pergunta. O

resultado da pergunta apontou que, especificamente, textos e videoaulas são os mais utilizados (Gráfico 22), com 42 e 40 professores indicando que os utilizam, respectivamente.

Gráfico 22 - Materiais que os professores utilizam em suas aulas



Fonte: Elaborado pela autora

A mídia impressa é, segundo Moore (2013), a mais comum na EaD, e é utilizada na forma de livros, capítulos, artigos, anotações e guias de estudo. Para se produzir textos é preciso considerar, além do tempo da criação e organização do conteúdo, o tempo de diagramação, revisão textual e, quando necessária, a impressão e distribuição do material. Moore (2013) aponta alguns pontos positivos da mídia escrita:

Da perspectiva dos usuários, alunos e professores estão muito familiarizados com materiais impressos e provavelmente terá uma boa compreensão respeito de como usar luz e obter o máximo deles. Além do mais, materiais impressos são portáteis e não se deterioram qualquer um com facilidade, o que os torna confiáveis e convenientes para utilização. (MOORE, 2013, p. 100)

Para Moran (2011), as videoaulas tornam a experiência da EaD mais interessante e enriquecedora. Segundo ele, ainda que os cursos sejam bem produzidos e utilizem de uma linguagem mais dialógica, os cursos baseados em textos exigem um salto cultural grande demais, em um primeiro momento, para

alunos vindouros de escolas pouco exigentes que não desenvolveram o hábito da pesquisa contínua e produção autônoma.

A opção por videoaulas pode ser justificada também pela rapidez com que se é gravada uma aula, quando comparada à produção de textos. Muitas vezes, os professores utilizam o mesmo conteúdo que daria em uma aula presencial, porém de uma forma mais condensada ou dividida em vídeos de menor duração. Outro ponto a ser considerado é a praticidade em se disponibilizar a aula no *Moodle*, através de um link de acesso ao vídeo, criado pelo Cead, em que o professor apenas copia um endereço de uma página online e cola na plataforma, que já exibe o vídeo para o aluno. Além disso, o material audiovisual aproxima o professor do aluno. Para Maia e Mattar (2007), o "[...] feedback em voz, por exemplo, mesmo quando utilizado em atividades assíncronas, pode economizar tempo do professor e motivar os alunos, por soar mais pessoal do que os textos. (MAIA; MATTAR, 2007, p. 56)

Podemos dividir esses tipos de materiais em categorias maiores que demandam diferentes profissionais no caso de uma produção no Cead, para nossa futura avaliação de um plano de ação. Desta forma, podemos unir as respostas em 3 categorias: mídia escrita, material audiovisual e atividades gerais (estas não são executadas na produção de matérias do Cead, mas na plataforma Moodle pelo professor).

Se unirmos a apostila, que teve 31 professores indicando seu uso, às notas de aulas, com uma resposta, ao gênero texto, podemos concluir que a mídia escrita (impressa ou não) ainda é muito utilizada, com um total de 74 respostas, ou seja, 43,7% do total de respostas indica o uso de mídia escrita nas aulas.

Podemos somar as 13 respostas da audioaula com 24 respostas de apresentações multimídia, 40 respostas para videoaulas, um para slides e um para filmes e prezi e teremos 79 respostas relativas a material audiovisual, o que representa 46,7% do total. As outras 16 respostas são relativas a atividades do moodle que não demandam uma produção prática de materiais didáticos, mas que ainda assim, poderiam se beneficiar do suporte de um designer instrucional.

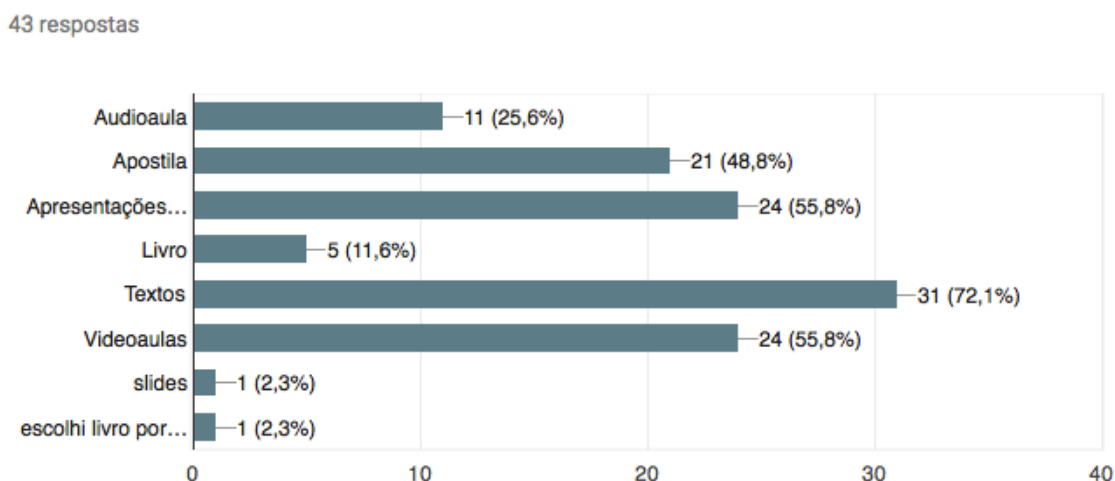
A pergunta seguinte aponta que há uma quase totalidade de professores que produz materiais didáticos, 93,6% dos respondentes. Os três professores que responderam não produzir materiais tiveram um espaço para escrever o motivo de não produzirem. Um apontou a falta de tempo, outro traz a questão de haver a ideia

mas não profissionais que a executem e por fim o último, diz que nunca pensou a respeito.

Para os professores que responderam que produzem materiais, passamos às próximas perguntas referentes a essa produção. Em primeiro lugar, perguntamos quais materiais são produzidos, como vemos no Gráfico 23. Novamente a pergunta foi aberta e a soma das respostas levou a 118 apontamentos. Os materiais tipo “textos” foram os mais produzidos, com 31 respostas.

Fazendo um paralelo com a pergunta feita anteriormente, sobre os materiais que os professores utilizam, podemos dividir mais uma vez em grupos mais amplos de tipos de materiais. Neste caso, observamos que a soma de apostilas (21), livros (6) textos (31) leva a um total de 58 respostas apontando a produção de mídia escrita, o que representa 49,1% do total. Da mesma forma, ao unirmos audioaula (11), apresentações multimídia (24), videoaulas (24) e slides (1) em um grupo de materiais audiovisuais, temos um total de 60 respostas, ou 50,8% da totalidade. Assim, proporcionalmente, as mídias escrita e audiovisual têm um peso parecido para a produção e utilização de material nas aulas da EaD na UFJF.

Gráfico 23 - Materiais produzidos pelos próprios professores



Fonte: Elaborado pela autora

A gestora A pensa ser importante o Cead produzir e acredita que a cada troca de gestão do Cead, há um diferente destaque dado ao setor de produção de materiais. Para ela, um gestor que tenha formação para EaD atende com mais

atenção a setores que envolvem diretamente o processo de ensino-aprendizagem, como o de produção. Segundo ela:

Desde 2011 quando ingressei na UFJF, especificamente para atuar no curso de Licenciatura em Computação na modalidade a distância, eu era usuária do Cead. Lá sempre tive suporte e uma equipe muito profissional que realmente desenvolvia, o que o professor propunha. Na época haviam recursos financeiros e tudo se tornava mais fácil de propor e de produzir. Com o passar dos anos e ainda na gestão do professor Flávio, fui atuar no Cead na coordenação da produção de materiais didáticos e criamos a editora e a partir disso, iniciamos a produção de materiais didáticos no formato de livro. O objetivo era incentivar os professores para uma produção mais profissional e com valor para a pontuação no currículo lattes. Atualmente os recursos diminuíram e os gestores com pouco conhecimento na EAD acabaram não dando a devida importância para a produção de material didático. E aí vem a não visualização da universidade em relação ao potencial do setor de produção de material didático do Cead tanto para os cursos que são ofertados na modalidade EaD, como para os presenciais. Sabemos também, que com a falta de recursos provenientes da UAB não é possível realizar pagamentos para que os professores possam desenvolver novos conteúdos e estes, são obrigados a produzirem algo simples e rápido durante as horas aulas destinadas a cada curso. Porém, somos conhecedores que o setor de produção está lá montado, com equipamentos e com pessoas capacitadas, todavia não está tendo visibilidade na universidade. (GESTORA A, 2017)

Sobre o equilíbrio entre o presencial e o virtual, Moran (2011, p. 81) propõe uma rediscussão a respeito do limite de 20% de disciplinas online que o MEC impõe. Para o autor, cada instituição poderia definir, de acordo com as particularidades de cada disciplina em cada curso, a proporção de aulas presenciais e aulas a distância, e afirma que "o importante é experimentar várias soluções nos diversos cursos. Todos estamos aprendendo e nenhuma instituição está, ainda, muito à frente na inovadora educação on-line".

As verbas que sustentam o Cead em grande parte são provenientes da UAB, que financia a educação a distância, mas a gestora A chamou atenção para o fato de que a UFJF também investe no Cead através da disponibilização do prédio, de TAEs e professores, custódia do equipamento, e por isso deve haver uma contrapartida à comunidade acadêmica como um todo e principalmente para o ensino presencial. Além disso, ela destacou que as tecnologias se tornam obsoletas em poucos anos, e por isso é preciso otimizar a utilização da infraestrutura disponível no Cead para toda a universidade.

Subentende-se do princípio institucional da eficiência, que rege os serviços públicos, que a educação precisa visar reduzir custos e aumentar a qualidade do que é oferecido. Segundo Maia e Mattar (2007, p. 94), "[...] em EaD é necessário combinar economia de escala no material produzido, e no contato dos alunos com esse material, com atividades colaborativas". A aplicação dos recursos financeiros na EaD devem ser divididas em custos fixos e custos variáveis. Segundo Maia e Matar:

Prédios e equipamentos, assim como a produção de material didático, por exemplo, fazem parte dos custos fixos, e pelo menos a sua depreciação precisa ser recuperada na operação do negócio. O custo da tutoria, por sua vez, é um custo variável. Mas há muitas outras variáveis que influenciam diretamente o custo de um projeto de EaD, que não são facilmente classificáveis: o número de alunos matriculados no curso, o número de cursos oferecidos, a quantidade de multimídia utilizada no material didático, a quantidade de interação prevista com o tutor, o ambiente virtual utilizado, as escolhas entre atividades síncronas e assíncronas e o nível de evasão dos alunos. (MAIA, MATTAR, 2007, p. 95)

O gestor B relatou que eram enviadas planilhas à Capes com a solicitação de verbas, e nelas eram definidas a quantia que seria destinada à produção de materiais didáticos. Segundo ele, em sua gestão era pedido o percentual máximo e esse recurso era utilizado para a efetiva produção de material.

Esse orçamento era utilizado da seguinte forma: quando se tratava de produção de material didático aqueles equipamentos todos foram comprados com recursos a parte. Nenhuma equipamento nada nem lá da produção de materiais nem mobiliário nada disso nunca saiu da matriz da UAB. Então os recursos que a capes mandava para produção de material eram utilizados para a produção de material de consumo com pagamento de pessoal impressão. (GESTOR B, 2017)

A gestora A apontou que em sua gestão os valores disponíveis para impressões eram enviados aos coordenadores, e não havia limitações para produção de vídeos, visto que eles não trazem custos adicionais. Segundo ela, as gestões anteriores não tinham problemas financeiros porque havia muito dinheiro disponível para o Cead (muitos cursos UAB sendo ofertados) e acredita que na atual gestão não há transparência em relação ao orçamento disponível para os cursos.

2.4 Demanda na EaD por materiais didáticos

Decidimos que um dos eixos de análise dessa pesquisa seria a questão da demanda pela produção de materiais didáticos, visto que a oscilação de intensidade dessa demanda caracteriza um ponto a ser otimizado para potencializar o setor de produção de materiais.

É preciso, inicialmente, entender de onde deve partir a demanda para a produção de materiais. Para Moore (2011), é uma questão administrativa a organização temporal da produção de materiais, portanto, podemos concluir que, segundo a visão do autor, o Cead, enquanto administrador encarregado do programa de educação a distância, deveria estabelecer com os coordenadores de curso o cronograma para a produção de materiais.

Em virtude dos materiais do curso terem de ser preparados anteriormente a sua utilização - e, alguns deles, como as gravações em vídeo, podem precisar de muitos meses para serem produzidos-, é essencial que seja desenvolvida e mantida uma programação bem definida. Geralmente, isso assume a forma de um plano de trabalho que relaciona todas as tarefas que precisam ser concluídas, as datas-limite para cada tarefa e quem é responsável por concluir a tarefa. É responsabilidade do administrador encarregado do programa de educação a distância assegurar que a programação do desenvolvimento seja obedecido, de modo que os materiais e programas sejam coordenados estejam prontos quando os alunos e os instrutores se apresentarem para iniciar a fase interativa do programa. (MOORE, 2011, p. 260)

O gestor B afirma que em sua época como diretor do Cead, o centro buscava negociar a oferta de novos cursos e da mesma forma ia aos cursos já existentes para oferecer a produção de materiais, no entanto ele relata que nos cursos que iniciaram primeiro na modalidade a distância havia uma negação para o apoio do Cead, por acreditarem que já possuíam o *know-how*.

A gestora A respondeu à mesma pergunta sobre a origem da demanda a partir do ponto de vista enquanto coordenadora de curso. Ela afirma que incentiva os professores a “gravar o próprio vídeo ou desenvolver coisas mais práticas e não tão demoradas” em suas horas disponíveis no departamento, visto que não há recursos financeiros para a produção de novos conteúdos. Para ela, essa não é a situação

ideal, que seria a de produzir vídeos padronizados, mas acredita que isso não é possível.

A gestora A acredita que há pouca demanda de produção de materiais didáticos ao Cead, e que os motivos para a pouca procura estariam relacionados à falta de publicidade das ações do centro, e um afastamento na relação com os professores e coordenadores de curso. Além disso ela traz a falta de tempo dos professores como um outro obstáculo. Conforme explanou a gestora:

Eu queria desenvolver um sistema em que o professor pudesse gravar o seu vídeo muito rápido porque na nova versão do Moodle existe essa opção de você gravar o seu vídeo,. Desta forma o setor de produção ficaria só de apoio ao professor. “Eu queria produzir um vídeo mas eu queria que você me desse umas dicas.” Aí o setor de produção do Cead ia ficar como um assistente. “Olha professor você pode fazer isso, isso não, o vídeo é muito grande...” Utilizando o Moodle o professor pode gravar o vídeo da sua própria residência e não necessita se deslocar até o Cead, pois o tempo do professor é sempre escasso devido as diversas atividades que ele possui na UFJF.. Desta forma acredito que as pessoas não estão procurando o setor de produção de materiais didáticos, primeiro porque o Cead se distanciou dos professores e dos cursos. Nós não temos mais nenhuma reunião coletiva com os coordenadores e nunca tivemos reunião com os professores. E segundo, o Cead não apresenta o que está fazendo, ninguém sabe o que Cead está fazendo. (GESTORA A, 2017)

O gestor B, por sua vez, relata que em sua época havia grande demanda. Ele conta que a produção de materiais não era compulsória aos cursos, no entanto havia muita procura por produzir, principalmente entre os cursos de Educação Física e Pedagogia. No entanto, a equipe do setor de produção de materiais, apesar de capacitada era considerada pequena por ele, e aponta como dificuldade o pagamento baixo disponível para a contratação de bons profissionais da área, já escassos em Juiz de Fora.

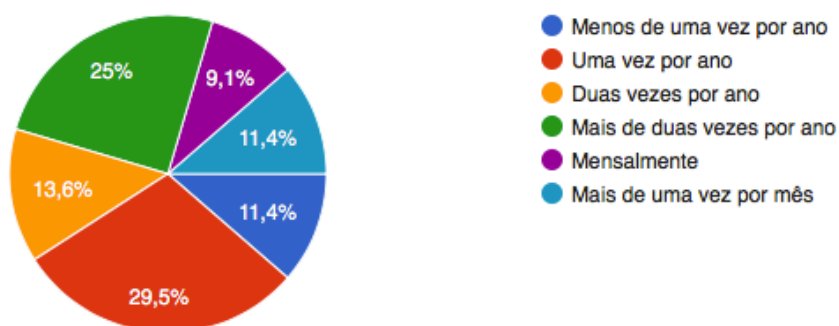
A gente tinha um número muito pequeno de pessoas capacitadas e aí a gente não dava conta. E aí quando a gente começa a não dar conta o que a gente começa a ter? A gente começa a ter as pessoas parando de trazer a demanda pra você. Então a gente por mais que procurasse pessoas, é difícil em Juiz de Fora encontrar pessoal com competência técnica para fazer esse trabalho. Tanto é que o Lobão por exemplo não sei se está lá hoje, ele foi uma pessoa que ficou lá desde o começo e carregou muito essa parte nas costas e eu falava pra ele “Olha Lobão você tem que produzir mais, que olha, a demanda está aqui e ele falava ‘Eu já estou no limite’”. E a gente procurava

encontrar pessoas dispostas aqui a fazer este trabalho com o pagamento que a gente tinha disponível. Então esse era um dificultador. Em termos de equipe, recursos para montar equipe a gente não tinha dificuldade. Se tivesse mais pessoas eu teria mais dinheiro. Não tinha problema. Mas não teria como pagar individualmente mais. Então era essa a grande dificuldade. (GESTOR B, 2017)

Um dado que nos leva a crer que a produção de materiais é sazonal pode ser observado no Gráfico 24. Mais da metade dos professores que produzem materiais disseram produzir até duas vezes por ano.

Gráfico 24 – Periodicidade com que o professor produz materiais

44 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

A produção de materiais é, portanto, sazonal, possivelmente devido a inícios de cursos ou semestres, como pudemos observar anteriormente em nossa pesquisa, com dados da produção de materiais descritos no Capítulo 1 e ao compararmos os gráficos 4 e 5.

A gestora A acredita que há muita demanda quando há novos cursos, mas quando há apenas reoferta de cursos já existentes não há tanta produção, em vez disso há alguma reimpressão ou alterações de materiais feitos anteriormente. Ela lembrou que em sua gestão não houve reofertas de cursos tampouco cursos novos, e afirmou que por isso a produção do setor foi baixa. A opção foi então por produzir vídeos institucionais ou trabalhar em outras atividades não referentes a material didático propriamente. Um outro ponto que ela destacou foi o de que não havia

recursos para a produção de novos materiais, portanto só poderiam utilizar a estrutura disponível, mas não se pagava o professor para isso, portanto havia mais reconfigurações de material do que novas produções.

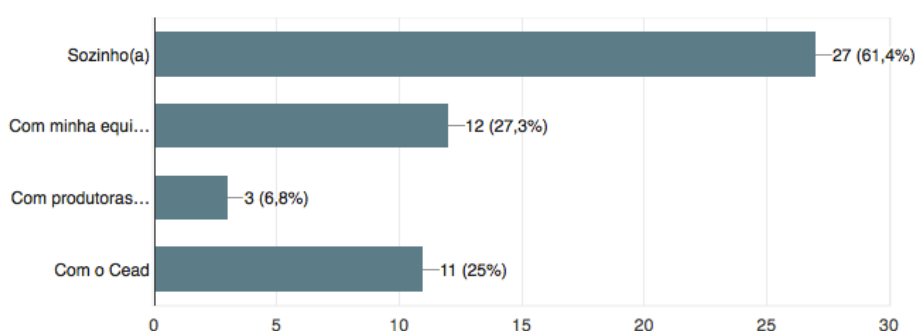
Embora o trabalho de seleção de informações não seja novo, as TICs trazem novos meios de disponibilizar o conhecimento. Os alunos, por sua vez, ao já utilizarem as ferramentas para outros fins, como entretenimento, se tornam mais exigentes quanto à qualidade do material oferecido.

Para atender às particularidades de um curso a distância, surge então a figura do “professor coletivo”, como aponta Belloni (2012), ou equipes responsáveis pela criação dos cursos EaD, com foco na qualidade pedagógica e técnica.

A função do “tecnólogo educacional” (correspondente ao instructional designer), existente na maioria das instituições provedoras de EaD, tem justamente este objetivo, o de coordenar os projetos e orientar o processo em todas as suas fases (da concepção do curso à produção de materiais), assegurando a integração “dos conteúdos e das formas” e a qualidade tanto técnica quanto didático-pedagógica dos cursos e materiais. (BELLONI, 2012, p 68)

Apesar de o Cead ser um centro de apoio dentro da UFJF, e contar com uma equipe técnica para produção de materiais, ao questionarmos os professores sobre como produzem material didático, vimos que mais da metade disseram que o fazem sozinhos, 61,4%, conforme aponta o gráfico 25.

Gráfico 25 – Como o docente produz o material



Fonte: Elaborado pela autora

Apenas um em cada quatro dos professores utilizam o Cead para essa produção e três professores mencionaram que procuram outras produtoras de

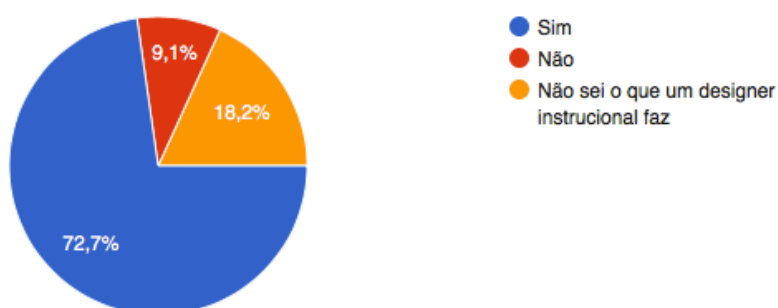
materiais, que não foram indicadas pelos respondentes. Podemos inferir a partir desse dado que o Cead ainda pode atingir um grande número de professores que produzem material sem procurar este.

Veremos ainda o que poderia atrair essa atividade dos professores para o Cead a partir das próximas respostas desse questionário.

Notamos que, apesar dos professores afirmarem que produzem os materiais sozinhos, eles indicam precisar de um auxílio para a produção do material, isto fica evidente nos dados do Gráfico 26.

Gráfico 26 – Necessidade do auxílio de um designer instrucional para a produção de materiais didáticos para a EaD

44 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Segundo o gráfico 26, 72,7% dos professores que produzem material acham necessário o auxílio de um designer instrucional. Vale lembrar que atualmente o Cead não conta com um designer instrucional na equipe, mas tem o apoio do coordenador de relações externas do Centro, que é um professor com pós-doutorado na área de gestão da Educação a Distância e se disponibiliza a atuar como designer instrucional para os professores que procurarem esse auxílio. Essa informação no entanto não foi amplamente divulgada desde o início da atuação desse professor dentro do Cead, que tem concentrado seu trabalho no design de cursos de treinamento para instituições públicas externas à UFJF que têm convênio estabelecido com a universidade para esse fim, como em 2017 está sendo feito com o Corpo de Bombeiros.

É interessante perceber também através dos dados do gráfico 26 que há uma parcela de professores, pouco menos de 1/5 deles, ou seja, 8, que não sabem o que faz um designer instrucional. Este ponto também pode ser levado em consideração ao pensarmos em um plano de ação para o Cead, visto que essa informação aponta para um desconhecimento dos professores sobre as particularidades e possibilidades que a EaD apresenta em relação ao ensino presencial, já que o designer instrucional é um papel que é muitas vezes destacado quando se fala em EaD. Dessa forma, o Cead pode oferecer capacitações para os professores para trabalhar com EaD e apresentar a eles a função do designer instrucional. Essa seria uma forma de também divulgar que o Cead já disponibiliza um professor capacitado para esse papel.

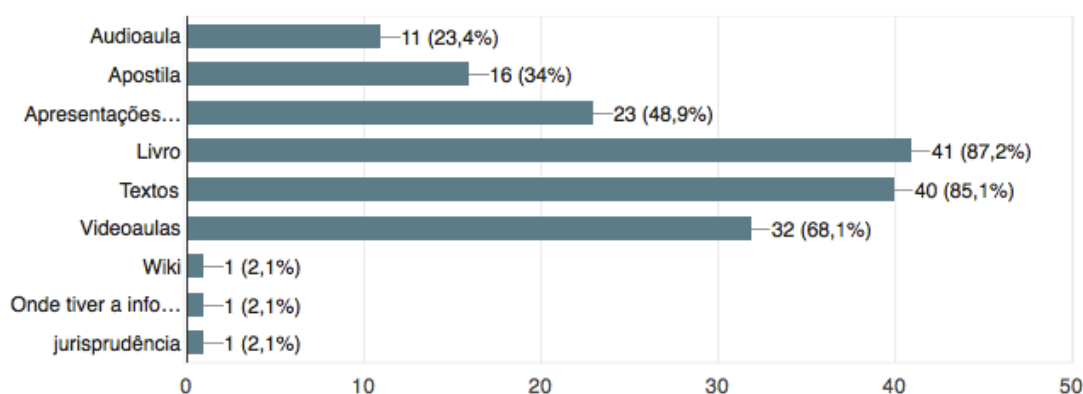
Em nosso questionário, buscamos a opinião dos professores enquanto alunos também, visto que suas preferências ao estudar poderiam influenciar na escolha de como eles darão suas aulas. Como alunos, o material escrito tem a preferência dos respondentes, como observamos no gráfico 23. Essa pergunta permitiu mais de uma respostas, e houve uma quase totalidade de preferência por livros (41 professores, dos 47 que responderam); e textos (40 professores). Em seguida destaca-se a escolha por videoaulas, com a preferência de aproximadamente 2/3 dos professores (32 professores). Em um total de 166 respostas envolvendo diversos tipos de materiais, os materiais escritos (apostilas, livros, textos, wiki e jurisprudências) receberam 99 dessas respostas, ou seja, 59,6% da preferência de estudo está no material escrito, enquanto 39,7% é a opção por material audiovisual.

Vimos anteriormente que aproximadamente metade da produção de material e do material utilizado nas aulas dos professores respondentes era de material escrito, com ligeira diferença para cima para os materiais audiovisuais. Podemos comparar o gráfico 27, no qual os professores revelam com que materiais preferem estudar, com o gráfico 22, em que os professores mencionam os materiais que utilizam em suas aulas e percebemos que há um número maior de professores que utilizam videoaulas em suas aulas (40) do que de professores que preferem estudar por videoaulas (32). Essa diferença também apareceu com um número maior de utilização de apostilas para dar a aula (31) do que para estudar (16). Vale destacar que a opção “livro” não apareceu no gráfico 16, embora houvesse espaço para resposta aberta, portanto concluímos que essa opção foi englobada em “textos” ou “apostilas”.

Esses dados apontam para uma distância entre a forma como esses professores estudaram, reflexo de uma outra época e do ensino presencial, para o que eles entendem ser o melhor para os alunos dessa nova geração integrantes da EaD.

Gráfico 27 – Tipos de materiais didáticos que os professores buscam para estudar

47 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Maia e Mattar (2007, p. 69) acreditam que há apenas uma adaptação do ensino presencial para a EaD através da tecnologia, ao dizerem que “o máximo que conseguimos avançar foi do giz e quadro-negro para o Data Show e o Power Point”, e trazem a reflexão de que a hierarquia professor-aluno continua a mesma do ensino presencial. Conforme os pesquisadores:

Existe alguma diferença entre a educação a distância com o uso das tecnologias da inteligência e o modelo da sala de aula presencial tradicional? Ou o modelo da apostila impressa enviada pelo correio?

A diferença está simplesmente na metodologia pedagógica dos cursos. Ou seja, em vez de ser discursiva e baseada na exposição oral do professor presencial, a metodologia de EaD fundada em novas mídias propõe recursos de interatividade, colaboração, troca e cooperação por meio de um ambiente ou de ferramentas que possibilitem sua aplicação a distância.

O problema dos projetos de curso propostos para a graduação, sejam presenciais, sejam a distância, é que o foco continua sendo o mesmo, isto é, cria-se, desenvolve-se e valoriza-se uma hierarquia entre professores e alunos, entre o possível ‘detentor’ do conhecimento e seu receptor, o ativo e o passivo, o ator e o espectador, o desenvolvedor e o usuário, o professor e o aluno. (p. 71)

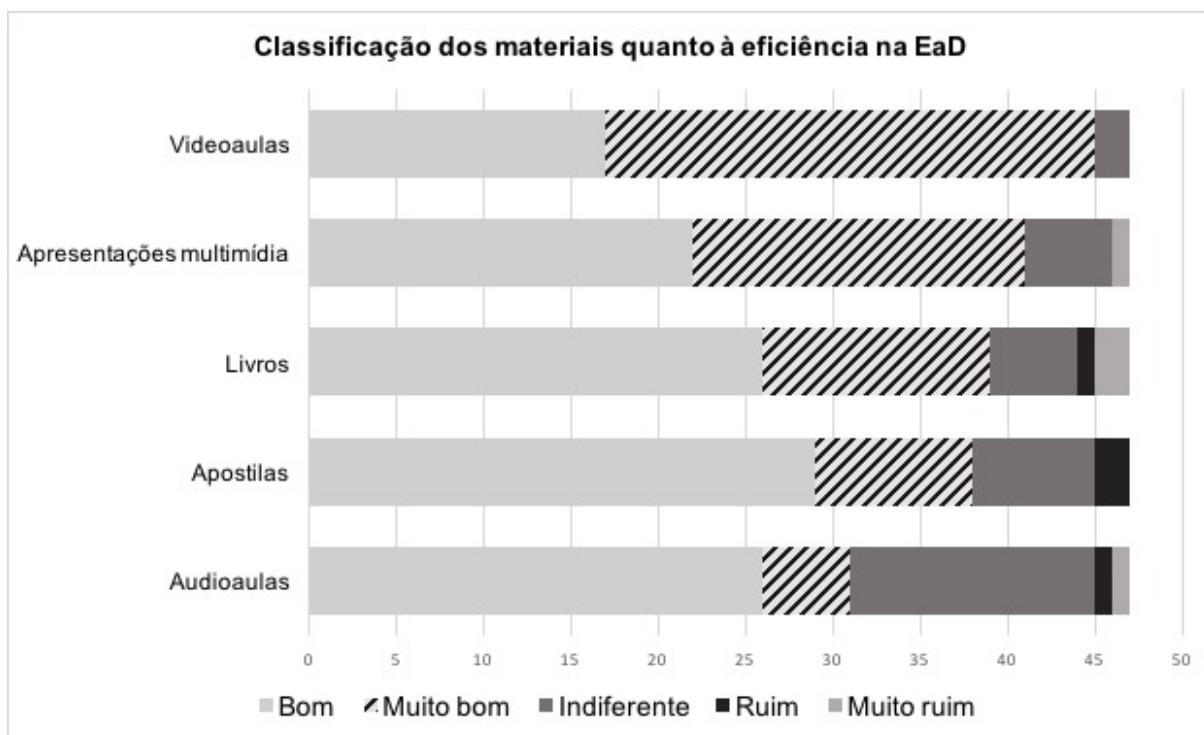
Para Belloni (2012, p. 59), a mediatização feita pelo “professor coletivo”, “significa conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino-aprendizagem que potencializa ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma”. Nesse sentido, a produção de materiais não deve ser vista de forma isolada, mas dentro de um projeto pensado desde a concepção inicial do curso.

Isso inclui desde a seleção e elaboração dos conteúdos, a criação de metodologias de ensino e estudo a distância, centradas no aprendente autônomo, a seleção dos meios mais adequados e a produção de materiais, até a criação e implementação de estratégias de utilização desses materiais e de acompanhamento do estudante de modo que se assegure a interação do estudante com o sistema de ensino e o retorno de informações sobre os cursos. Essas estratégias devem estar incluídas nos próprios materiais para facilitar a aprendizagem. Isso significa não apenas explicitar os objetivos pedagógicos e didáticos de cada unidade de curso ou disciplina, e de seus capítulos ou módulos, mas também tornar claro para o estudante quais caminhos a ser seguidos para um melhor aproveitamento, quais condições de estudo e formas de pesquisa pessoal poderão conduzi-lo a melhores resultados. (BELLONI, 2012, p. 69)

Segundo o Censo da EaD de 2016, assim como concluímos o que acontece na UFJF, “[...] as teleaulas e os textos digitais que não se caracterizam como livros são o tipo de conteúdo mais frequente na EAD no Brasil” (CENSO EAD.BR, 2017, p. 96). Da mesma forma, o Censo 2016 apresenta que teleaulas e textos digitais são também os materiais mais produzidos dentro das próprias instituições.

A seguir iremos comparar as opiniões dos professores sobre cada material isoladamente, no que se refere à eficácia no aprendizado dos alunos (Gráfico 28). Para isso, vamos separar em cinco tipos de materiais: audioaulas; apostilas; apresentações multimídia; livros e videoaulas, em opiniões positivas (bom ou muito bom), negativas (ruim ou muito ruim) ou opiniões indiferentes.

Gráfico 28 – Classificação dos tipos materiais quanto à eficácia no aprendizado do aluno em EaD



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos observar que as videoaulas são o tipo de material com mais opiniões positivas quanto à eficácia para a EaD, seguidas pelas apresentações multimídia, que normalmente combinam textos e vídeos. Estes dois tipos de materiais não receberam opiniões negativas. Livros, apostilas e audioulas receberam opiniões negativas de menos de 10% dos professores.

As audioaulas têm 65,9% de aprovação quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD. Apostilas têm 80,8% de opiniões positivas. Livros têm 83% de aprovação, apresentações multimídia têm 87,2% de opiniões positivas e por fim, videoaulas têm 95,8% de aprovação dos professores como eficaz no aprendizado de alunos da EaD. É importante destacar que embora em todos os materiais as opiniões negativas tenham sido uma minoria, em videoaulas foi inexistente. Os 4,2% que não consideram videoaulas um bom ou muito bom material para a EaD responderam como indiferentes. Percebemos também que audioaulas são um material pouco explorado, com uma grande proporção de indiferença, de 29,8%.

Esses dados trazem uma reflexão a respeito da facilidade de produção de materiais e adequação à modalidade de ensino – a produção de videoaulas é mais

rápida e fácil do que a de um livro e, a EaD demanda a disponibilização de videoaulas para a aproximação do aluno com o professor. Da mesma forma, uma apostila é produzida de forma mais simplificada do que um livro e sua linguagem mais dialógica é buscada na modalidade EaD.

Moore (2013) apresenta algumas peculiaridades do vídeo que o tornam a mídia mais adequada para treinamentos, procedimentos técnicos, e demonstração de emoção ou atitudes, visto que o vídeo permite mostrar a interação entre pessoas, a aproximação de imagens para destacar detalhes, associação de sons e imagens e adequação do movimento para acelerado ou lento, o que poderia ser útil para aulas em laboratório, por exemplo. No entanto, há pontos negativos no que tange ao conhecimento necessário para se desenvolver videoaulas com qualidade:

O principal problema relacionado ao uso das mídias de áudio e vídeo na educação a distância é o fato de exigir em criatividade e conhecimento profissional especializado para produção de programas de boa qualidade, e a criatividade custa mais tempo e dinheiro do que a maioria das instituições está disposta a pagar. Infelizmente, o resultado é que essas mídias são subutilizadas em sentido negativo, ficando, muitas vezes, limitadas a transmitir uma preleção na íntegra, o que significa uma utilização muito restrita de recursos potencialmente valiosos. (MOORE, 2013, p. 105)

O setor de produção de materiais do Cead é equipado com computadores modernos, câmeras eficientes e infraestrutura de estúdio de qualidade. Os profissionais disponíveis são em número enxuto, mas qualificados para a elaboração de vídeos que atinjam um bom nível de compreensão e satisfação dos alunos. Para produções mais elaboradas é necessário, no entanto, um planejamento maior por parte dos professores que buscam a produção, visto que cenas externas precisam de uma logística de agendamento e transporte, o tempo de edição pode ser maior, assim como o número de gravações e profissionais envolvidos, e pode ser preciso elaborar um roteiro prévio.

Sobre textos, Moore (2013) entende que são de fácil compreensão por já existir uma familiaridade do usuário com a mídia escrita. Além disso, o material impresso em particular, é considerado pelo autor como uma mídia confiável e conveniente pois não há grande deteriorização e são portáteis. Ele acredita que os textos impressos são a preferência de leitura da maioria das pessoas, em vez de ler

na tela do computador. Apesar disso, afirma que os materiais transmitidos *online* são mais econômicos e de execução mais simples.

Moore (2013) afirma que a forma de material impresso mais comum é em guias de estudo, que o autor aponta como sendo uma base importante para o estudo dos alunos, visto que apresentam a estrutura do curso, os objetivos a serem alcançados e orientam a forma mais adequada a desfrutar dos conteúdos.

Muito se discute a respeito do material didático e organização dos cursos em EaD, mas mais importante do que a mídia na qual o material é transmitido ao aluno é a motivação despendida por ele ao estudo. Essa motivação, segundo Moore (2013), pode ser atribuída também à qualidade e capricho com que é elaborado o material disponível:

A motivação é uma variável mais crítica do que a mídia, e sua falta pode acarretar uma séria limitação da eficácia da mídia, pois o texto impresso provavelmente exige maior atenção automatizada do que, por exemplo, filmes na televisão. Um problema mais sério com o texto do que o nível reduzido de motivação intrínseca que os alunos possuem é o efeito da baixa qualidade de muitos materiais em forma de texto, o que pode desmotivar os alunos. Muitos guias de estudo e outros materiais impressos são produzidos de modo muito econômico e displicente, como suplementos de um programa transmitido eletronicamente. Por isso, esses guias tornam-se pouco atrativos e desinteressantes. Essas desvantagens não estão relacionadas apenas as limitações da tecnologia impressa, mas também a forma como os educadores a utilizam. (MOORE, 2013, p. 104)

A motivação dos alunos para o estudo depende de fatores pessoais e sociais, mas também passam pela qualidade das aulas, tanto do conteúdo quanto da sua apresentação. Há ainda a credibilidade na instituição de ensino, e também nesse ponto o Cead é um apoio para a UFJF ao contribuir para o pertencimento do aluno a distância à UFJF, através da produção dos materiais que serão disponibilizados a eles e da divulgação da EaD na instituição, aspecto que veremos adiante que ainda tem o que melhorar.

2.4.1 Dificuldades

A gestora A acredita que o Cead não tem grande visibilidade na UFJF e isso já vinha de outras gestões e persistiu na gestão dela, segundo a gestora. Em sua gestão, ela acredita que falhou nesse sentido: "A gente sempre colocava o Cead à

disposição para a universidade. Mas colocar à disposição e não capacitar o professor ou não chamar os coordenadores de curso para reuniões e não apresentar o que a gente tem é a *mea culpa*". A gestora lembrou que teve pouco tempo no cargo e em um situação de substituição, o que não dava a ela total liberdade para trabalhar, o que ela apontou como uma dificuldade que ela teve em gerir o Cead. A gestora apontou que as trocas de gestão geraram uma falta de continuidade na forma como o Cead era administrado, o que levava também a uma falta de credibilidade no Centro que dificultava negociações de novos cursos e novos investimentos.

O gestor B acredita que a EaD ainda é marginalizada dentro da UFJF. Para ele, o Instituto de Ciências Exatas (ICE) foi a unidade que melhor incorporou a modalidade, de forma mais institucionalizada, e não em pequenos grupos como ele observou em outras unidades. O gestor apontou que esta cultura de pouca valorização da modalidade dentro da instituição foi a sua maior dificuldade de gestão do Cead. Conforme o gestor:

No início da Educação a distância, tudo começou com as instituições privadas que queriam fazer cursos de baixo custo, com muitos alunos para ter uma lucratividade alta. Então a qualidade dos cursos ofertados a distância pelas instituições privadas era muito ruim, muito baixo e os professores, gestores das universidades públicas tinham muita resistência à oferta de educação a distância, porque eles não queriam tendo em vista que isso que acontecia. Eles não queriam que as instituições públicas também oferecessem cursos de baixo nível. Então foi fundamental que a ação do MEC, que antes, em 2004, 2005, existia no MEC uma secretaria especial de educação a distância, e no final de 2005, 2006 eles criaram esse sistema UAB que depois migrou para a Capes. Eles começaram com uma ação bastante agressiva no sentido de procurar as universidades públicas para oferecer. E foi assim que então começou a educação a distância dentro das instituições públicas, para quebrar essa resistência e dizer "não, o MEC vai financiar cursos a distância para as instituições públicas mas quer que tenha a mesma qualidade dos cursos presenciais, que não se perca essa qualidade". Então havia uma resistência dentro da nossa universidade também muito forte contra educação a distância. Então convencer professores e gestores aqui a oferecer os cursos na modalidade a distância foi o mais difícil no início, então foi isso a maior dificuldade. (GESTOR B, 2007)

A opinião do gestor B é de que deve-se acabar com a dicotomia entre educação a distância e educação presencial. Para ele, o ideal seria escolher a modalidade mais adequada de acordo com as necessidades da disciplina. Ele afirma

que a UFJF avançou nesse ponto ao institucionalizar a EaD. Uma forma importante foi a de manter os professores da EaD ligados aos departamentos como no ensino presencial.

O regimento do Cead foi criado já com esse objetivo. Olha, não importa se são cursos exclusivamente a distância ou presenciais ou mistas. Aquelas atividades que são de competência do Cead é o Cead que tem que atender. Então ele foi criado justamente pra isso. A gente pensou na época justamente para tentar quebrar com essa resistência que existia por parte da instituição, dos professores, principalmente gestores em relação a educação a distância, de ver isso como uma coisa à parte. Então a nossa universidade foi uma das primeiras que conseguiu o que a gente chama de institucionalização da educação a distância. Então hoje a gente não tem um quadro a parte trabalhando com educação a distância. Professores que só atuam em Educação a distância e uma outra parte que só atua em educação presencial. Por conta disso, dessa resolução de 2010 se não me engano. Ela diz o seguinte: os professores que atuam em Educação a distância estão ligados aos departamentos que oferecem essas disciplinas. (GESTOR B, 2017)

Há que se manter em mente que toda a gestão de instituições de educação deve ter um foco principal que é o estudante. Apesar de ser um objetivo aparentemente óbvio, é comum que o foco se perca entre tantas questões a serem discutidas dentro de um projeto de educação.

Para Belloni (2012), essa afirmação, embora amplamente aceita na comunidade acadêmica, se torna apenas um discurso, visto que, em grande parte, o processo educativo se concentra na figura do professor. A autora acredita que para inverter este percurso, é preciso conhecer o público alvo, no caso, os alunos, tanto da educação a distância quanto no ensino presencial.

Belloni (2012) mostra a interação do estudante com a instituição como fundamental para um processo de desenvolvimento da autonomia do aluno, e parte disso é oferecer ao estudante orientação quanto a utilização dos materiais disponíveis.

Uma dificuldade que é encontrada na EaD além da distância física é a distância temporal em que alunos e professores se encontram. O *feedback* dos alunos é importante para avaliar o que tem sido feito e apontar novos caminhos a seguir.

A comunicação deferida, no entanto, entre os professores, responsáveis pela concepção de cursos e materiais, e os alunos destinatários coloca problemas bem mais difíceis de superar. A produção de um curso e seus materiais exige um longo trabalho de preparação, planejamento, realização e distribuição, que pode afetar negativamente as condições de estudo e a motivação do estudante (dificuldade de acesso aos materiais, demora nas respostas sobre dúvidas ou avaliações formativas). Para o professor, essa separação no tempo pode prejudicar seu desempenho e a qualidade de seu trabalho, seja pelo desconhecimento das necessidades do aluno, seja pela obsolescência ou impropriedade de currículos, ou pela falta de retorno que lhe permita corrigir distorções. (BELLONI, 2012, p. 59)

Segundo o gestor B, em sua gestão ele recebeu mais opiniões dos próprios professores do que dos alunos a respeito dos materiais didáticos. Ele cita que uma reclamação que havia era sobre a qualidade da impressão de materiais, que era feita em preto e branco, enquanto os professores pediam para que fosse colorida. O gestor afirma que um empecilho para isso era a verba, já que impressão a cores seria muito mais cara. Outro pedido era o de disponibilização de ISBN, número de registro para livros, de forma em que houvesse formalização da produção, que seria acrescentado ao currículo dos professores, e por isso foi criada a Editora do Cead, atualmente desativada por falta de verba para impressão dos livros e de profissionais no setor para editoração.

Para a gestora A o *feedback* dos alunos quanto ao material era positivo, e conseqüentemente dos professores também. Ela acredita que houve uma época em que havia muita demora para entrega dos materiais por parte do Cead, e que nesse período o retorno dos professores era ruim. Para ela, isso varia de acordo com a equipe que está trabalhando.

A gestora sugere que deveria haver produção mais rápida de vídeos mais práticos, sem um longo prazo de pós-produção. Ela indica que o projeto pedagógico dos cursos deveria informar quais materiais deveriam ser produzidos, mas que eles apenas dizem que deve ser produzido material, sem informar quantidades e tipos. A gestora A diz que os alunos gostam muito das videoaulas, mesmo que sejam só vídeos de apresentação. Quando perguntada sobre como ela teve acesso a essas opiniões ela relatou que não tem pesquisas a respeito, mas que viveu situações em que alunos do curso de matemática, que rotineiramente não tinham disciplinas com videoaulas, ao passarem a ter questionaram o fato e sugeriram que o curso de matemática passasse a ter videoaulas assim como o curso de licenciatura em

computação desenvolvia. Segundo a gestora, quando os alunos passaram a pedir videoaulas isso deu “um retorno de que mesmo a produção amadora que o professor Eduardo Barrére chama de “bricolagem”, “faça você mesmo”, ela é importantíssima. Porque o aluno se sente mais próximo do conteúdo, mais próximo da universidade”.

Moore (2013) entende que a variedade de *softwares* para edição e áudio e vídeo facilitam e popularizam a criação de produções audiovisuais caseiras, e acredita que isso se revela de forma positiva e negativa para a EaD.

A desvantagem desse liberdade técnica é uma grande produção de filmes extremamente amadores para exibição em casa. Existem muito poucos especialistas nas disciplinas com o tempo e o conhecimento para também serem excelentes produtores, portanto, em termos gerais, é melhor deixar esses aspectos técnicos de produção de materiais de áudio e vídeo para as pessoas que dedicaram suas carreiras aquisição e manutenção de conhecimentos profissionais. (MOORE, 2013, p. 109)

Araújo, Oliveira e Marchisotti (2016) observaram através de um questionário *online* aplicado a 510 respondentes evadidos de cursos de graduação, capacitação ou pós-graduação na modalidade EaD, que entre os motivos citados para a desistência do curso estava o material didático inadequado, que foi o terceiro motivo mais citado, correspondente a 22,1% dos alunos. Em seguida veio a tecnologia inadequada, para 16,9% dos respondentes.

Podemos concluir portanto que a produção de materiais didáticos, desde a sua concepção até a escolha de mídia na qual será disponibilizada o conteúdo, tem um papel importante na relação entre o aluno, professor e instituição. Dessa forma, é um ponto de grande relevância para o sucesso do curso, para o aprendizado e permanência do aluno nos estudos. Para o professor, trata-se de um desafio de adequação a novas tecnologias e organização do seu tempo de trabalho, e o Cead é para os docentes da UFJF uma base para auxiliar essa produção e efetivamente disponibilizar o material aos estudantes. Como Moore (2013) sugere, os profissionais capacitados para a produção podem ajudar o professor naquela que não é e não precisa ser a sua área de *expertise*:

Definitivamente, não é necessário ter um conhecimento especializado a respeito de como as tecnologias operam nem ser capaz de remediá-las caso apresentem problemas. Como educadores a distância,

dependemos de profissionais versados em instrução e especialistas em mídia para verificar se as tecnologias que conduzirão nosso trabalho de ensino funcionam da forma que deveriam. Precisamos conhecer o suficiente a respeito delas para sermos capazes de formular perguntas inteligentes, fazer sugestões, saber quando algo não está operando adequadamente e, acima de tudo, conhecer os limites e o potencial de cada uma das tecnologias. (MOORE, 2013, p. 99)

A partir da análise que fizemos neste capítulo, chegamos às seguintes principais conclusões a respeito da gestão da produção de materiais e da sua demanda: i) Apesar de terem contato com o Cead, há uma grande parcela dos professores que não conhecem a produção de materiais do Cead, nunca viram os materiais produzidos e não sabem quais são os prazos de entrega de uma produção no setor; ii) a falta de tempo foi apontada por aqueles que já conhecem o Cead como uma razão para produzir materiais sem buscar o setor de produção; lii) professores envolvidos na EaD da UFJF são capacitados em suas áreas, no entanto há um número grande de docentes sem formação específica para a EaD; iv) os professores buscam produzir materiais, seja sozinhos ou procurando o Cead, no entanto muitos acreditam que o auxílio de um designer instrucional se faz necessário.

3. PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL

Idealizamos essa pesquisa com o intuito de pensar em possibilidades para potencializar a produção de materiais didáticos no Cead. O Cead, enquanto Centro de Educação a Distância e apoio para um considerável número de cursos da UFJF, tem um papel importante na expansão da atuação da universidade e de levar acesso ao ensino superior a lugares onde este seria dificultado. Além desse ponto, o Cead pode ser um centro para experimentações e pesquisa de novas tecnologias aplicadas à educação, bem como um apoio para as atividades de rotina dos professores do ensino a distância ou presencial.

O objetivo geral do trabalho foi o de identificar os entraves no apoio à produção de material didático dos cursos a distância oferecidos pela UFJF apoiados pelo Cead, buscando encontrar onde as maiores dificuldades do setor e propor soluções, de maneira em que a equipe envolvida possa reunir esforços para otimizar a utilização da infraestrutura disponível para produção de materiais e beneficiar a educação a distância e a presencial.

Atingimos nosso objetivo analítico ao longo dessa pesquisa. Após descrevermos no primeiro capítulo um histórico da EaD no Brasil, e de sua aplicação no Ensino Superior, coletamos dados sobre como surgiu o Cead dentro da UFJF, o setor de produção de materiais, e mostramos como ele funciona e com quais dificuldades a gestão tem que lidar.

Adiante, no segundo capítulo, separamos o problema em dois eixos de análise - a gestão da EaD e a demanda por produção de materiais - e buscamos compreender como os professores da EaD na UFJF enxergam o Cead e como se dá a demanda de produção de materiais didáticos no órgão. Vimos que embora a demanda tenha uma oscilação natural em momentos de inícios de semestres ou lançamentos de novos cursos, o tempo da equipe poderia ser mais bem utilizado de produção de material e há professores que gostariam de produzir materiais mas não têm tempo para isso ou não conhecem o que o Cead pode fazer.

Concluimos com a aplicação do questionário, que os professores da EaD da UFJF são experientes tanto no ensino presencial quanto a distância; são professores das licenciaturas em sua maioria; têm doutorado e alguma formação específica para a EaD, no entanto não foram alunos de cursos na modalidade EaD. Utilizam e produzem materiais escritos ou audiovisuais em uma mesma proporção,

produção sazonal, possivelmente a cada semestre. Muitos produzem sozinhos seus materiais e sentem a necessidade de um auxílio de um designer instrucional, embora exista uma parte deles que não sabe o que o profissional faz. Consideram videoaulas o material mais eficaz para o aprendizado do aluno na EaD. Sabem que existe o setor de produção de materiais didáticos no Cead, conheceram através dos coordenadores de curso, mas apenas metade dos professores já utilizou o serviço. Se não utilizaram, não o fizeram por falta de tempo, por produzirem seu próprio material ou por não conhecerem o serviço do Cead.

Uma grande parte dos professores afirma não conhecer a infraestrutura do Cead, os materiais produzidos ou os serviços prestados pelo setor de produção de material. A maioria dos professores estão abertos e procurarem o Cead para produzir materiais e a preferência da maior parte deles é pela produção de videoaula.

Neste capítulo, que encerra o estudo, mas que não esgota as possibilidades de explorar o tema e buscar soluções para o problema, temos o objetivo de trazer propostas de ação que possam alterar a realidade do problema que identificamos e analisamos. Visto que a falta de recursos financeiros para a produção de materiais foi apontada diversas vezes como um problema pela Gestora A e conforme nossa coleta de dados no capítulo 2, nossas propostas irão trazer ações que sejam do âmbito do próprio Cead envolvendo os cursos da UFJF de forma em que não existam custos extras relevantes ao funcionamento cotidiano do órgão.

Estabelecemos, através dos resultados dessa pesquisa, três pontos que devem ser abordados com propostas de ação. Estes pontos caracterizam motivos que levam à baixa demanda por produção de materiais no Cead. Dividimos este capítulo então em 3 sessões: Publicidade, Agilidade e Capacitação.

3.1 Publicidade

O primeiro ponto que iremos abordar é a publicidade. Concluímos que há um grande índice de desconhecimento entre os professores a respeito do setor de produção de materiais do Cead. Aproximadamente 20% dos professores afirmaram não conhecer a produção do Cead, e entre os que já conhecem, o contato foi

principalmente através da apresentação do setor pelo coordenador de curso e de reuniões do Cead. Notamos que há uma parcela de professores que, embora saibam que exista um setor de produção de materiais no Cead, nunca viram o que já foi produzido lá. Percebemos ainda que embora a falta de tempo dos professores tenha sido um motivo recorrente para uma baixa produção de materiais, há uma parcela de professores que desconhece os prazos de entrega de materiais do Cead.

Portanto, sugerimos a primeira ação, resumida no Quadro 1: a divulgação do setor, apresentando materiais que são produzidos, como se dá a produção e a infraestrutura disponível, objetivando aumentar a demanda de produção de materiais no Cead e com isso potencializar a utilização do setor dentro da UFJF.

Quadro 1 – Ação 1 – Divulgação do setor de Produção de Materiais

O quê?	Divulgação do setor de Produção de Materiais.
Quem?	Cead, professores, tutores e coordenadores de curso da UFJF
Quando?	A cada final de semestre.
Como?	Envio por email aos coordenadores de curso e professores da UFJF de um vídeo curto com a apresentação do setor de Produção de materiais, os meios para fazer o pedido de produção com seus prazos de entrega e com alguns exemplos do que já foi feito.
Por quê?	Para que todos os professores da UFJF saibam que podem produzir videoaulas e outros tipos de materiais didáticos com o apoio do Cead.
Quanto?	Não há custos extras ao funcionamento normal do Cead, com uso da própria equipe e recursos materiais.

O primeiro passo seria elaborar um roteiro para este vídeo de apresentação do setor. Neste roteiro deve haver uma breve apresentação do setor e de sua infraestrutura; algumas produções já realizados e um passo a passo de como solicitar a produção.

Em seguida, os profissionais de vídeo do Cead devem reunir alguns exemplos de bons materiais já realizados no setor, que serão exibidos no vídeo de divulgação em pequenos trechos, com o intuito de despertar a curiosidade do público-alvo, ou seja dos docentes, a respeito do que poderia ser produzido.

A apresentação da infraestrutura do Cead, com prédio próprio, gráfica, estúdio para gravação de videoaulas, rádio, computadores avançados, equipe para videoconferências e câmeras modernas, pode dar credibilidade ao setor de produção de materiais perante os professores, visto que há um respaldo técnico

para as produções. A expectativa de que os materiais produzidos fiquem com qualidade profissional pode incentivar os docentes a buscarem o setor para a produção de materiais, em vez de o fazerem sozinhos ou não fazerem de forma alguma.

Após a finalização do roteiro e gravação das imagens necessárias da infraestrutura, será feita a pós-produção do vídeo, com animações de textos e edição que desperte a atenção e curiosidade do espectador. Como complemento a esse vídeo, o setor tecnológico do Cead poderia criar um espaço no site para a divulgação da produção de materiais. Alí poderia estar relacionados alguns exemplos completos de materiais feitos, tutoriais para produção de vídeos e informações de como se dá a produção de materiais no setor e seus prazos de entrega.

A divulgação será feita por email, tanto para professores da educação a distância quanto do presencial, visto que há tempo disponível no setor e desta forma, a demanda possa aumentar de forma considerável. No entanto, caso o retorno seja alto demais, e como o foco do Cead é auxiliar a EaD e os principais financiamentos do órgão visam a esse objetivo, o setor pode organizar um cronograma de divulgação que privilegie a demanda da EaD e tente gerenciar a demanda sazonal. Para isso, a divulgação da produção de materiais para a EaD deve acontecer previamente às novas ofertas de cursos, momento em que a demanda tende a aumentar conforme observamos. A divulgação para a UFJF como um todo deve ser feita após as novas ofertas de cursos EaD, quando o setor de produção de materiais tem mais tempo disponível e poderia absorver mais demandas.

3.2 Agilidade

O segundo ponto que trazemos diz respeito à agilidade para a produção e entrega dos materiais. Visto que observamos que há professores que, mesmo conhecendo o Cead e sabendo que existe um setor de apoio à produção de materiais, optam por criarem seus materiais sozinhos por acreditarem que não têm tempo para alguma outra opção, acreditamos que o Cead pode desenvolver

métodos de produção de materiais que tomem o tempo mínimo do qual o professor pode dispor.

A partir dessa conclusão e de sugestões da gestora A, optamos por sugerir as seguintes ofertas de novas formas de apoio à produção de material, descritas no Quadro 2.

Quadro 2 –Oferta de novas formas de apoio à produção de material

O quê?	Oferta de novas formas de apoio à produção de material.
Quem?	Cead, professores e coordenadores de curso EaD.
Quando?	A cada abertura de curso, início de semestre ou a cada bimestre.
Como?	. Contato com os coordenadores de curso para agendar um dia de gravações nos departamentos dos cursos a cada bimestre. . Apresentar aos professores, via e-mail, a opção de enviarem o vídeo (feitos em seus próprios dispositivos móveis ou outros equipamentos), áudio ou apresentação multimídia ao Cead para que seja feita apenas a edição e disponibilização do material.
Por quê?	Para que os professores que não tenham tempo para se planejarem e se deslocarem ao Cead para uma gravação também possam ser atendidos e em menor tempo.
Quanto?	Não há custos extras ao funcionamento normal do Cead, com uso da própria equipe e recursos materiais.

Atualmente, as produções audiovisuais necessitam ser agendadas previamente. A demanda se inicia com um e-mail enviado pelo professor solicitando o agendamento de uma gravação no Cead. Após esse agendamento, o professor deve ir ao Cead no dia e horário indicado para graver o seu vídeo. As gravações duram normalmente uma hora. A pós-produção é então feita no Cead, sem o acompanhamento do professor e o prazo de entrega do arquivo final varia de acordo com a complexidade do vídeo. Caso existam animações ou muitas inserções de slides e figuras o tempo de edição é maior.

É possível que um professor envie um e-mail solicitando uma gravação e consiga agenda para o mesmo dia, recebendo o arquivo final até dois dias depois. Ainda assim, em uma situação em que tudo foi feita de maneira ágil, o professor precisa tomar a iniciativa de solicitar o material, se deslocar até o Cead e aguardar até dois dias para receber o material pronto.

O que estamos propondo são dias de gravação a serem disponibilizados a cada bimestre, fisicamente nos cursos. Desta forma, o setor de produção de materiais do Cead tomaria a iniciativa de agenda com os coordenadores de curso

determinados horários em alguma sala ou anfiteatro disponível em cada departamento para montarem uma espécie de estúdio de gravação. Dessa forma, os professores não precisariam procurar o Cead antecipadamente, tampouco se deslocarem até o prédio do centro. As aulas gravadas nestes dias seriam simples, explicativas, sem inserções de artes, para que fossem entregues até o dia seguinte.

Outra estratégia dentro do mesmo plano diz respeito à gravações mais espontâneas e rápidas pelos próprios professores. Observamos em nossa pesquisa, que há muitos docentes que produzem seu próprio material. O Cead pode então auxiliar essa produção individual da seguinte forma: o setor de produção de materiais pode elaborar um guia visual para gravação de vídeos com o próprio celular. Neste documento estaria indicado, com exemplos, os enquadramentos adequados, os tempos de duração do vídeo mais indicados, como captar bem o áudio, entre outras orientações. O professor então, a partir desse guia, gravaria seu próprio vídeo em casa ou no local de trabalho e enviaria ao Cead para a edição. Visto que há muitos erros de gravação e muito o que melhorar em um vídeo a partir da edição, o Cead seria aproveitado em sua infraestrutura e pessoal capacitado não para as gravações, nesse caso, mas para a edição e disponibilização dos vídeos.

3.3 Capacitação

O terceiro aspecto que iremos abordar diz respeito à capacitação dos professores para atuarem em EaD, com o foco nos materiais didáticos. Chegamos a essa conclusão a partir da observação do perfil dos professores que responderam ao questionário: a maioria é de uma geração menos familiarizada com a aplicação de tecnologias na educação e aproximadamente 1/3 deles não têm formação específica para atuarem na EaD.

A partir desses dados, e pensando que a capacitação dos professores pode influenciar no modo como produzem seus materiais, sugerimos a ação, exposta no Quadro 3.

Quadro 3 – Capacitação para Produção de Materiais didáticos

O quê?	Capacitação para Produção de Materiais didáticos
Quem?	Cead, Progepe, Professores e TAEs.
Quando?	A cada semestre.
Como?	Criação de um curso de capacitação básico de produção de materiais didáticos a ser ministrado na UFJF e disponibilizado através da Progepe.
Por quê?	Para que professores e TAEs da UFJF tenham mais facilidade para a criação e edição de material autoral, como vídeos e apresentações multimídia.
Quanto?	Não há custos para o Cead, mas seria utilizado o espaço da sala de informática.

Segundo os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior (Brasil, 2007) “a experiência com cursos presenciais não é suficiente para assegurar a qualidade da produção de materiais adequados para a educação a distância.” Os diferentes tipos de materiais têm particularidades em relação a como são produzidos, qual deve ser a linguagem e o controle de tempo de produção e disponibilização.

Assim, a capacitação que sugerimos tem o objetivo de introduzir o docente às diferentes possibilidades de tecnologias disponíveis na UFJF. Desta forma, incentiva-se a criatividade, sugere-se novos recursos e desperta-se a criatividade. Novas demandas de materiais podem surgir ao Cead a partir disso, e estes professores já saberão adequar o conteúdo que pretendem oferecer às tecnologias disponíveis. Professores mais capacitados também poderão produzir em parte seu próprio material se assim preferirem, e utilizar o Cead para finalizações.

O curso seria idealizado pelo Cead, com a participação do designer instrucional e da equipe de produção de materiais, com as características a seguir, a serem desenvolvidas.

Carga Horária: 30 Horas totais - 18 horas presencialmente e 12 horas a distância.

Público-alvo: Professores da UFJF

Objetivos:

- Desenvolver reflexões a respeito de como deve ser o material didático em cursos de graduação e especialização a distância e sobre aplicações das tecnologias no ensino presencial;
- Discutir o planejamento para a elaboração de materiais;
- Compartilhar conhecimentos técnicos sobre softwares para edição de imagens, áudios e vídeos que podem ser utilizados para a produção de materiais
- Incentivar a produção de materiais em equipe, com o apoio do Cead;
- Esclarecer dúvidas sobre direitos autorais.

O curso deve ser ministrado presencialmente, nas dependências do Cead, e a distância através da plataforma Moodle. Nos momentos presenciais haverá um primeiro contato com o tópico abordado no dia em que o professor do curso irá apresentar o conteúdo e em uma segunda parte o aluno poderá experimentar na prática o que foi trabalhado.

Oficinas presenciais:

- . Materiais didáticos para a EaD (1 encontro de 2 horas)
- . Noções de design (1 encontro de 2 horas)
- . Noções de fotografia (2 encontros de 2 horas, totalizando 4 horas)
- . Noções de edição de imagens (2 encontros de 2 horas, totalizando 4 horas)
- . Gravação, edição e disponibilização de vídeos no Youtube (2 encontros de 2 horas, totalizando 4 horas)
- . Direitos autorais e Creative Commons (1 encontro de 2 horas)

Momentos na plataforma:

- . Complementação ao que foi apresentado presencialmente;
- . Atividades;
- . Avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nosso trabalho com a definição do problema identificado no escopo do Cead. A partir da pergunta norteadora “de que forma o Cead pode potencializar a produção de material didático para a EaD?”, visamos atingir o objetivo geral de identificar os entraves que levam a uma baixa produção e chegar a sugestões que levem a uma potencialização do setor dentro do Cead. Para chegar à resposta, focamos nos seguintes objetivos específicos: i) descrever o funcionamento do Cead, em especial o setor de produção de materiais e identificar se há uma baixa demanda de produção; ii) analisar os motivos da baixa demanda de produção de materiais didáticos pelo setor; iii) propor soluções para que o Cead possa otimizar a utilização da infraestrutura disponível à produção de materiais, bem como dos recursos humanos, favorecendo a educação a distância ou mesmo a presencial.

No primeiro capítulo, procuramos trazer um histórico da educação a distância no Brasil, com o foco no Ensino Superior. Cercando mais o problema, trouxemos a pesquisa para o âmbito da UFJF, onde coletamos dados a respeito dos primeiros passos rumo à institucionalização da EaD através do Cead. A partir desse histórico, apresentamos o centro e o setor de produção de materiais, mostrando seu funcionamento e estrutura, assim como dificuldades encontradas no cotidiano.

No segundo capítulo, através de dois eixos de análise, que dividimos em i) gestão da produção de materiais e ii) demanda dessa produção. Estabelecemos uma metodologia de trabalho com a utilização de dois instrumentos de pesquisa, o primeiro, a entrevista, para identificar as dificuldades de gestão do Cead e do setor de produção de materiais. O segundo foi o questionário *online*, enviado a professores dos cursos EaD da UFJF para traçarmos um perfil destes possíveis usuários do Cead e de sua relação com materiais didáticos, desde a sua utilização à sua efetiva produção.

Através dos dados obtidos no segundo capítulo após a aplicação dos instrumentos de pesquisa e com o auxílio de um referencial teórico que trouxe principalmente reflexões de Valente e Moran (2011), Maia e Mattar (2007), Moore e Kearsley (2013), bem como Belloni (2012), conseguimos identificar problemas que afetam a produção de materiais no Cead.

Concluimos que os professores da UFJF, são em sua maioria doutores, de uma geração anterior à popularização do uso das TICs na educação e observamos

que há uma parcela considerável destes professores que não têm qualquer formação específica para trabalhar com EaD. Além disso identificamos que os professores, apesar de conhecerem o Cead, pouco sabem sobre a existência de um setor de produção de materiais no órgão, o que indica ser a principal razão para ainda não terem utilizado os serviços do setor. Entre os professores que já conhecem a produção, a falta de tempo foi um dos motivos apontado para não procurarem o Cead para produzir materiais. Concluimos também que muitos professores produzem sozinhos os seus materiais e sentem que precisam do auxílio de um designer instrucional.

No terceiro e último capítulo, chegamos a três aspectos que caracterizam possibilidades de contornar os entraves à produção de materiais, são estes: publicidade, agilidade e capacitação. Através de três propostas de intervenção, cada uma visando alterar a realidade identificada em cada aspecto, sugerimos um plano de ação para potencializar a produção de materiais no Cead e beneficiar a educação a distância e presencial na UFJF.

A partir da visão de gestores do Cead, e da nossa observação do cotidiano do Cead, refletimos que a EaD, apesar de atingir um grande número de pessoas, é ainda marginalizada na UFJF. Isso afeta principalmente a visibilidade do órgão de apoio, o Cead, dentro da comunidade acadêmica e seu funcionamento. No entanto muitos passos foram dados no sentido de institucionalizar a EaD na universidade, principalmente em relação ao pertencimento dos alunos a distância, que têm os mesmos professores do ensino presencial e nenhuma diferenciação quanto à formatura e diploma.

A EaD é uma oportunidade para pessoas que não teriam acesso à UFJF no ensino presencial, seja por distância ou incompatibilidade de horários, poderem fazer uma graduação ou especialização. Para a UFJF a EaD é também uma oportunidade de expansão e modernização, em que as tecnologias podem ser incorporadas ao ensino presencial. As propostas que sugerimos são ações simples de serem realizadas e que podem contribuir para que a instituição explore as possibilidades da modalidade.

REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EaD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015**. Curitiba: InterSaberes, 2016. Disponível em: <http://abed.org.br/arquivos/Censo_EaD_2015_POR.pdf> Acesso em 20 out 2016

AGUILAR, Mauricio L.; ARAVENA, José A.; AZEVEDO JUNIOR, Waldyr; TAKAKURA, Flávio I. **Desenvolvimento da Gestão da Qualidade em EaD na UFJF**. In: Fifth LACCEI International Latin American and Caribbean Conference for Engineering and Technology (LACCEI'2007) "Developing Entrepreneurial Engineers for the Sustainable Growth of Latin America and the Caribbean: Education, Innovation, Technology and Practice" 29 May - 1 June 2007, Tampico, México. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/229432230_Desenvolvimento_da_Gestao_da_Qualidade_em_EaD_na_UFJF> Acesso em 10 dez 2016

ALONSO, Kátia Morosov. **A expansão do ensino superior no brasil e a EaD: Dinâmicas e lugares**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, out.-dez. 2010. Disponível em <http://ww.scielo.br/pdf/es/v31n113/14.pdf> Acesso em 24 mar 2017

ARAÚJO, Nathalia Tavares de Freitas; OLIVEIRA, Fátima Bayma de; MARCHISOTTI, Gustavo Guimarães. **Razões para a evasão na educação a distância**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/326.pdf>> Acesso em 18 nov 2017.

BELISÁRIO, Aluízio. **O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas**. In: SILVA, Marco (org). *Educação online*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 135-146.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. - 6. ed. - Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012 (Coleção Educação Contemporânea).

BENAKOUCHE, Tamara. **Educação a distância (EaD): uma solução ou um problema?** XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Petropolis, 2000. Disponível em <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2057/1/wp005.pdf>> Acesso em 24 mar 2017.

BRASIL. CNE. Resolução nº 1, de 11 de março de 2016. Disponível em <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=14/03/2016>> Acesso em 10 abr 2017.

_____. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2005.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dezembro 1996.

_____. **Parecer CNE/CES No: 564/2015**. Diário Oficial da União, Brasília, DF 10 março 2016, Seção 1, Pág 22. Disponível em: <http://www.abed.org.br/arquivos/parecer_cne_ces_564_15.pdf>. Acesso em: 23 out 2016.

_____. MEC. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Agosto de 2007. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> Acesso em: 20 agosto 2016.

CAPES. **Universidade Aberta do Brasil. Histórico**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=7838>> Acesso em 24 mar 2017.

CEAD. Plano de Trabalho - Edital 75 - 2014. **Oferta de Cursos no Âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil**. 2016.

_____. **Capacitação de Tutores** - Formação Continuada de Tutores a Distância. UFJF. 2012.

Censo EaD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015**. Curitiba: InterSaberes, 2016. Disponível em: <http://abed.org.br/arquivos/Censo_EaD_2015_POR.pdf> Acesso em 12 nov 2016.

Censo EaD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2016**. Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf> Acesso em 17 nov 2017.

COSTA, Célio Juvenal; COCHIA, Camilla Barreto Rodrigues. **A Expansão do Ensino Superior no Brasil e a Educação a Distância**: Instituições Públicas e Privadas. Revista Teoria e Prática da Educação, v 16, n.1, 2013, p 21 a 32. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/23756/pdf_2>. Acesso em 12 novembro 2016.

COSTA, Celso José da; PIMENTEL, Nara Maria. **O sistema Universidade Aberta do Brasil na consolidação da oferta de cursos superiores a distância no Brasil**. In: ETD - Educação Temática Digital 10 (2009), 2, p. 71-90.

e-MEC. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em <<http://emec.mec.gov.br/>> Acesso em 10 abr 2017.

FRANÇA, Geysa de. Formação de professores tutores para a docência online: a ufff em perspectiva. Disponível em: <<http://www.mestrado.caeduff.net/wp-content/uploads/2015/10/GEYSA-DE-FRANÇA.pdf>> Acesso em 18 nov 2017.

HACK, Josias Ricardo. **Gestão da Educação a Distância**. Indaial: ASSELVI, 2009. (ISBN 978-85-7830-224-5). Disponível em <http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/06/Livro_Gestao_EaD.pdf> Acesso em: 20 agosto 2016

HORTA, José Silvério B. **História do rádio educativo no Brasil - 1922-1970**. Rio de Janeiro: PUC, 1972. Cadernos da PUC, 10. p. 78. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/files/historico.radio_.pdf> Acesso em 19 set 2016

IPAE. Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação. **A educação a distância na educação básica e superior: considerações gerais e específicas e os reflexos da legislação vigente no Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.ipae.com.br/site/index.html>> Acesso em 15 novembro 2016

LOPES, Cristiano Aguiar. **Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados**. Regulação da Radiodifusão Educativa. Estudo Março/2011. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema4/2011_63.pdf> Acesso em: 19 set 2016

MAIA, C.; J. MATTAR. **ABC da EaD: a Educação a Distância hoje**. 1. ed. São Paulo: Pearson. 2007.

MOORE, Michael G. **Educação a Distância: sistema de aprendizagem on-line**. Michael G. Moore, Greg Kearsley; tradução Ez2translate; revisão técnica Renata Aquino Ribeiro.3.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013

MOMO, Fernanda da Silva. BEHR, Ariel. **Gestão da Educação a Distância (EaD): Uma Significação a Partir das Práticas de Gestão na Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul (UFRGS)**. 2015. Disponível em <<http://docplayer.com.br/41928238-Gestao-da-educacao-a-distancia-ead-uma-significacao-a-partir-das-praticas-de-gestao-na-universidade-federal-do-rio-grande-do-sul-ufrgs-1.html>> Acesso em 28 mar 2017.

PORTAL GLOBO, Telecurso. Disponível em <<http://educacao.globo.com/telecurso/>> Acesso em 10 abr 2017.

PDI UFJF. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. 2015-2019. Março, 2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ufjf/files/2016/01/pdi_2016-2020_ufjftexto_aprovado.pdf>. Acesso em 20 jan 2017.

PORTAL CEAD. Disponível em: <<http://www.cead.ufjf.br/>> Acesso em 24 mar 2017.

SISUAB. **Sistema UAB**. Disponível em <<https://sisuab2.capes.gov.br>> Acesso em 10 abr 2017.

UFJF. **CONSELHO SUPERIOR. RESOLUÇÃO No 02/2010.** Disponível em <http://www.cead.ufjf.br/wp-content/uploads/2015/04/resol_cons_02_2010_criacao_cead.pdf> Acesso em 13 nov 2017.

VALENTE, José A.; MORAN, José M. **Educação a distância: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus Editorial, 2011.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart e PAULINO, Camilla Lobo. **Educação a distância no ensino superior brasileiro:** das experiências pioneiras ao sistema de rede. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 4, no. 1, p. 64-79, mai. 2010.

Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/116/82>> Acesso em 6 dez 2016.

VOLPATO, Gillian Mariana Luciano. A formação continuada dos tutores a distância nos cursos de graduação a distância da ufjf. Disponível em: <http://www.mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2017/10/GILLIAN-MARIANA-LUCIANO-VOLPATO_REVISADO1.pdf> Acesso em 18 nov 2017.

Apêndice A - Entrevista com gestores do Cead/UFJF

Prezado (a) Senhor (a),

Sou aluna do Curso de Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública ministrado pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação - CAEd/UFJF e estou realizando uma pesquisa para minha dissertação. Este roteiro de entrevista foi elaborado de forma que o sigilo lhe seja garantido e os resultados utilizados apenas para fins acadêmicos, sendo fundamentais para o sucesso de meu trabalho. O objetivo geral da pesquisa é identificar os entraves na produção de material didático dos cursos oferecidos através do Cead. Não existem respostas certas ou erradas, por isso, lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.

Desde já, agradeço sua colaboração.

Atenciosamente,
Liliane da Rocha Faria

1 PERFIL

Sexo

Idade

Formação

1- Faça um breve relato sobre a sua formação.

2- Qual a sua formação para EAD?

3- Qual a sua formação em gestão?

Período em que foi gestor no Cead

4- Em que período o senhor(a) foi gestor no Cead e que cargos ocupou?

5- Quais as dificuldades encontrou para gerir o Cead?

2 GESTÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS

Para gestores dos primeiros anos (até 2012) do Cead

- 6- Quais materiais eram produzidos para os primeiros cursos ofertados pela UFJF pelo Cead?
- 7- Como eram produzidos os materiais didáticos dos primeiros cursos?
- 8- Quem solicitava a produção de materiais didáticos?
- 9- Qual era a infraestrutura e equipe para a produção de materiais didáticos para os primeiros cursos?
- 10- Quais fatores levaram à criação do setor de produção de materiais didáticos em 2010?

Para todos os gestores

Percepções sobre o papel do setor de produção de materiais do Cead para a UFJF

- 11- A existência do setor de produção de materiais didáticos é/era importante dentro do Cead? E dentro da UFJF?
- 12- A quem o setor de produção de materiais do Cead deve atender (*curros presenciais, outros setores da UFJF ou outros órgãos públicos?*)
- 13- Quais os procedimentos de controle sobre o que é produzido no setor de materiais didáticos?
- 14- Quais os procedimentos de controle do que já foi produzido?
- 15- Quais as capacitações oferecidas para os professores e para equipe do Cead?
- 16- Há/havia capacitações para os professores e equipe do Cead voltadas para a produção de materiais? E para a educação a distância? Quais são/foram essas capacitações?

3 DEMANDA DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS

- 17- Durante a sua gestão, os cursos buscam/buscavam produzir materiais didáticos junto ao Cead?
- 18- Como classifica a intensidade da demanda por produção de materiais didáticos?
- 19- O Cead consegue/conseguia atender a todas as demandas de produção de materiais?
- 20- Como o Cead incentiva/incentivava os professores a produzirem materiais?
- 21- Como é definido o orçamento para a produção de materiais dos cursos?

22- Como era o feedback de professores e de alunos sobre a produção de materiais do Cead?

23- Qual o impacto dos feedbacks na produção de materiais didáticos?

Sugestões para otimizar a Produção de Materiais no Cead

24- Qual a sua sugestão para otimizar a produção de materiais no Cead?

Apêndice B - Questionário para professores EAD

Prezado (a) Senhor (a),

Sou aluna do Curso de Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública ministrado pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação - CAEd/UFJF e estou realizando uma pesquisa para minha dissertação. Este questionário foi elaborado de forma que o sigilo lhe seja garantido e os resultados utilizados apenas para fins acadêmicos, sendo fundamentais para o sucesso de meu trabalho. O objetivo geral da pesquisa é identificar os entraves na produção de material didático dos cursos oferecidos através do Cead. Não existem respostas certas ou erradas, por isso, lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.

Desde já, agradeço sua colaboração.

Atenciosamente,
Liliane da Rocha Faria.

Perfil e Experiência profissional

1 – Sexo:

- Feminino
- Masculino

2 - Em qual faixa etária você se encaixa?

- 20 a 30 anos.
- 31 a 40 anos.
- 41 a 50 anos.
- 51 a 60 anos.
- mais de 60 anos.

3 – Qual foi a sua última formação:

- Graduação.
- Especialização.
- Mestrado.
- Doutorado.

3.1 – Especifique a área de formação: _____

4 – Qual a sua formação na área de EAD?

- Não possuo formação específica para EaD.
- Capacitação (aproximadamente 60 horas)
- Aperfeiçoamento (aproximadamente 180 horas)
- Especialização
- Mestrado.
- Doutorado.

5 – Você é ou já foi aluno(a) de algum curso na modalidade EAD?

- Sim.
- Não.

6 – Você é professor(a) em qual/quais modalidades de ensino?

- Presencial.
- A distância.
- Presencial e a distância.

7 - Há quanto tempo você é professor(a) na modalidade EAD?

- menos de 1 ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos
- mais de 5 anos
- não atuo na modalidade EaD

8 - Há quanto tempo você é professor do ensino presencial?

- menos de 1 ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos
- mais de 5 anos
- não atuo no ensino presencial

9 - Em qual dos cursos abaixo você é professor EaD?

- Bacharelado em Administração Pública
- Licenciatura em Computação
- Licenciatura em Educação Física
- Licenciatura em Física
- Licenciatura em Matemática
- Licenciatura em Pedagogia
- Licenciatura em Química
- Ciências Biológicas
- Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência
- Especialização em Gestão Pública
- Gestão Pública de Organizações de Saúde
- Especialização em Gestão Pública Municipal
- Mídias na Educação

Materiais Didáticos

1 - Quais materiais você utiliza em suas aulas?

- Audioaula
- Apostila
- Livro
- apresentações multimídia
- textos
- videoaulas
- wiki

2 – Você produz materiais didáticos para suas aulas?

- Sim
- Não

Se respondeu não:

Porque não produz materiais didáticos?

Se respondeu sim:

2.1 - Quais materiais você produz?

- Audioaula
- Apostila
- Livro
- apresentações multimídia
- textos
- videoaulas

outro _____

2.2 – Com que periodicidade você produz materiais?

- Menos de uma vez por ano
- Uma vez por ano
- Duas vezes por ano
- Mais de duas vezes por ano
- Mensalmente
- Mais de uma vez por mês

2.3 – Como você produz o seu material?

- Sozinho
- Com minha equipe
- Com produtoras de materiais
- Com o Cead

2.4 - Você acha necessário o auxílio de um designer instrucional para a produção de materiais didáticos para a EaD?

- Sim
- Não
- Não sei o que faz um designer instrucional

3 - Quando você está estudando, com quais tipos de materiais procura aprender?

- Audioaula
- Apostila
- Livro
- apresentações multimídia
- textos
- videoaulas
- wiki

4 - Qual a sua opinião sobre audioaulas quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD?

- muito ruim
- ruim
- indiferente
- bom
- muito bom

5 - Qual a sua opinião sobre apostilas quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD?

- muito ruim
- ruim
- indiferente
- bom
- muito bom

6 - Qual a sua opinião sobre livros quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD?

- muito ruim
- ruim
- indiferente
- bom
- muito bom

7 - Qual a sua opinião sobre apresentações multimídia quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD?

- muito ruim
- ruim
- indiferente
- bom
- muito bom

8 - Qual a sua opinião sobre videoaulas quanto à eficácia no aprendizado do estudante de EaD?

- muito ruim
- ruim
- indiferente
- bom
- muito bom

A produção de materiais no Cead

1 - Você tem conhecimento de que o Cead oferece o serviço de produção de materiais didáticos para os cursos EaD da UFJF?

- Sim
- Não

2 - Como soube que o Cead produz materiais didáticos?

- Por meio deste questionário
- Por meio de reuniões com a equipe do Cead
- Por email do Cead
- O Coordenador de curso informou
- Pelos alunos
- Por um professor
- Por informações no site da UFJF
- Outro _____

3 - Você já utilizou esses serviços do Cead?

- Sim
- Não

Se você **não** utilizou responda a pergunta abaixo:

Porque não utilizou a produção de materiais do Cead? Marque quantas opções precisar.

- falta de tempo
- não acredita na qualidade
- utiliza materiais prontos de outros autores
- produz pessoalmente o próprio material
- produz o próprio material no próprio curso
- não tem verba para produzir material
- não acho importante produzir material
- é muito trabalho para pouca remuneração
- o Cead demora a entregar o material
- Outro _____

4 - Como você classifica os materiais produzidos pelo Cead?

- muito ruins
- ruins
- medianos
- bons
- muito bons
- não conheço

5 - Como você classifica a infraestrutura do setor de produção de materiais do Cead?

- muito ruim
- ruim
- mediana
- boa
- muito boa
- não conheço

6 - Como você classifica a prestação de serviços do setor de produção de materiais do Cead?

- muito ruim
- ruim
- mediana
- boa
- muito boa
- não conheço

7 - Você procuraria o Cead para produzir materiais?

- Sim
- Não

Se você não procuraria, responda a pergunta abaixo:

Porque não procuraria a produção de materiais do Cead? Marque quantas opções precisar.

- falta de tempo
- não acredita na qualidade
- utiliza materiais prontos de outros autores
- produz pessoalmente o próprio material
- produz o próprio material no próprio curso
- não tem verba para produzir material
- não acho importante produzir material
- é muito trabalho para pouca remuneração
- o Cead demora a entregar o material
- Outro _____

8 - Você procuraria o Cead para produzir qual/quais materiais?

- Audioaula
- Apostila
- Livro
- apresentações multimídia
- textos
- videoaulas

9 - Como você considera o prazo de entrega dos materiais do Cead?

- muito demorado
- demorado
- dentro do prazo
- rápido
- muito rápido
- não conheço

10 - Como você classifica o Moodle UFJF quanto a facilidade para acessar e lidar com ele?

- muito ruim
- ruim
- mediano
- bom
- muito bom
- não conheço

11 - Como você classifica o Moodle UFJF quanto a facilidade para disponibilizar materiais didáticos?

- muito ruim
- ruim
- mediano
- bom
- muito bom
- não conheço

11 - Como você classifica o Moodle UFJF quanto à aparência?

- muito ruim
- ruim
- mediano
- bom
- muito bom
- não conheço

Ao responder estas perguntas você contribuiu para a minha dissertação no âmbito do Curso de Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública ministrado pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação - CAEd/UFJF.

Agradeço sua colaboração.

Apêndice C - Relatório de gravações da produção de materiais

RELATÓRIO DE GRAVAÇÕES DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS Abril de 2016 a Março de 2017

Gravações e diagramações feitas para os CURSOS

ABRIL

- *LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO* - Gravação Licomp - Victor
- Gravação Prof. José Maria

MAIO

- *LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO* Diagramação Livro - Liamara

JULHO

- *MATEMÁTICA* - Prof Olímpio
- *EDUCAÇÃO FÍSICA* - Apresentação de curso - Luis Carlos Lira

AGOSTO

- *MATEMÁTICA* - Prof Olímpio
- *ADMINISTRAÇÃO* - Videoaula com slides Prof Vitor Paradela - Gestão de pessoas
- *EDUCAÇÃO FÍSICA* - Audiodescrições Prof. Carlos Lira

SETEMBRO

- *ADMINISTRAÇÃO* - 6 Videoaulas Prof Vitor Paradela - Gestão de pessoas

DEZEMBRO

- *MÓDULO DE ACOLHIMENTO* - Gravação de tutoriais Moodle - RITA
- *ADMINISTRAÇÃO* - Prof. Marco Aurelio
- Imagens de tutorial para Siga
- Arte de Topos para Moodle

JANEIRO

- *MÍDIAS NA EDUCAÇÃO* - gravação Rafaela Reis
- *MÍDIAS NA EDUCAÇÃO* - Gravação Adriana Bruno
- Powerpoint Rafaela Reis - Mídias

FEVEREIRO

- *CIÊNCIAS BIOLÓGICAS* - Gravação Letícia - Biologia
- *ADMINISTRAÇÃO* - Apresentação Prof. Rodrigo Gestão de Operações
- *ADMINISTRAÇÃO* - Prof Fonseca

- *ADMINISTRAÇÃO* - Gravação Rita Nascimento - Orçamento Público
- *MÍDIAS NA EDUCAÇÃO* - Gravação Janaína
- Powerpoint Rafaela - Mídias

MARÇO

- *ADMINISTRAÇÃO* - Prof Helena Salles
- *MÍDIAS NA EDUCAÇÃO* - Prof Marina Terra

Gravações para aulas e eventos externos ao Cead

ABRIL

- Vídeo Tiradentes
- Video Moodle Moot
- Videoaula Neurologia - Prof Thiago
- Palestras de Química - Prof Hélio
- Palestras de Medicina em SP

MAIO

- Rafael - Modelagem Computacional

JUNHO

- gravações da facom
- Entrevista Sônia para Institucional Cead
- Estúdio agendado para Márcio Guerra
- Diretoria de imagem

JULHO

- Palestra Biologia para cursod e medicina
- Gravação Eliane Institucional
- Gravação de Edital em Libras para Copese
- Seminário Inovação Critt - Faculdade de engenharia
- Palestra Ideias for Milk

AGOSTO

- Modelagem Computacional
- Gravação Hugo - Orientando da Liamara
- Evento FACED

SETEMBRO

- Evento FACED
- Moodle Moot

OUTUBRO

- Gravações prof. Alice - Medicina

NOVEMBRO

- Utilização do Estúdio - CRITT
- Entrevista Modelagem Computacional
- Institucional de Funções do Cead
- Diagramação Revista Educação em Foco

DEZEMBRO

- Evento ADM

JANEIRO

- Gravação Vida de Universitário - Imagem

FEVEREIRO

- Gravação Critt - Débora
- Ana - Caed

MARÇO

- Evento Mente-Cérebro
- Uso do estúdio para IMAGEM